



Diretor **Mário Ramires**  
 Diretor Executivo **Vitor Rainho**  
 Dir. Exec. Adj. **José Cabrita Saraiva**  
 Sub-Dir. Exec. **Marta F. Reis**  
 Dir. de Arte **Francisco Alves**

**REPORTAGEM  
 NUM LAR LIMPO  
 E NOUTRO INFETADO**

POR FELÍCIA CABRITA E MAFALDA GOMES Págs. 34-38

**JOÃO CÉSAR DAS NEVES  
 'O GOVERNO  
 ANUNCIA MUITAS  
 MEDIDAS MAS  
 SÃO MUITO  
 PEQUENINAS'**

Págs. 54-57



**2 MESES DE COVID-19 EM PORTUGAL. DOENTE MAIS VELHO TEM 111 ANOS. MAIS NOVO É BEBÉ COM DIAS. VÍTIMA MORTAL MAIS VELHA TINHA 102 ANOS E MAIS NOVA 40, AMBAS MULHERES. NÚMERO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE INFETADOS JÁ VAI NOS 2838. SOMOS 18.º PAÍS EM NÚMERO DE INFETADOS. E 15.º COM MAIS TESTES REALIZADOS.**

**GOVERNO MANDA AVANÇAR  
 ASAE, ACT, POLÍCIAS E MILITARES**

O levantamento do estado de emergência será acompanhado por apertadas ações de fiscalização. O objetivo é evitar facilitismos e a rutura no sistema de saúde Págs. 2-30

**JORGE MIRANDA 'O ESTADO DE CALAMIDADE NÃO EXISTE PARA ISTO'**



**CONTA-ME COMO VAI SER**

PAULO SOARES DE OLIVEIRA, JOSÉ FURTADO, MARTINS DA CRUZ, DUARTE MARQUES, GRAÇA CARVALHO, LUÍS NATAL MARQUES, DUARTE PACHECO, LUÍS LIMA, JORGE CASTELO BRANCO E VASCO SANTOS

**ANTÓNIO MEXIA**  
**'ESTA CRISE É TAMBÉM  
 UMA OPORTUNIDADE  
 DE REINVENÇÃO,  
 INDIVIDUAL E COLETIVA'**



**TIAGO BRANDÃO  
 RODRIGUES**  
**'MUITAS FAMÍLIAS  
 ESTÃO HOJE MAIS  
 ENVOLVIDAS  
 COM  
 A ESCOLA'**



**PSP  
 RELATIVIZA  
 BAIXA NA  
 VIOLÊNCIA  
 DOMÉSTICA**

**E DESTACA  
 AGRESSÕES  
 ENTRE PAIS  
 E FILHOS**

**PSICÓLOGOS ALERTAM  
 PARA VAGA DE  
 DEPRESSÕES,  
 ANSIEDADE E STRESSE  
 PÓS-TRAUMÁTICO**

'Há pessoas com um excessivo medo de uma maior liberdade'

JÚLIO MACHADO VAZ



**CRISE AGRAVA  
 FOME E PROBLEMAS  
 DE OBESIDADE**

'Os pobres ou empobrecidos recorrem à caridade ou compram comida para encher, que é mais barata'

ISABEL DO CARMO

**Layoff Denúncias de falhas fazem Governo acelerar aprovação de milhares de pedidos**

Pág. 64

**PCP mantém Festa do Avante! no primeiro fim de semana de setembro**

Pág. 64

**4 irmãos em 4 países 'Rondas nos pubs apanham ingleses escondidos atrás dos balcões e debaixo das mesas'**

Págs. 20-22

**I República O espólio do único Presidente que terminou o mandato**

Pág. 47





**MÁRIO RAMIRES**

**HOJE ESCREVO EU**

# Portugal outra vez amordaçado



BRUNO GONÇALVES

O uso de máscara vai ser cada vez mais generalizado, por mais impressão que possa fazer e mesmo quando não tem justificação alguma

**E**, ao fim de 46 anos, Portugal volta a estar amordaçado.

Desta vez por razões sanitárias (naqueles outros tempos também havia quem o justificasse assim, mas isso são contas de outro rosário).

Seja como for, não gosto, é uma coisa que me chateia – enfim, adiante.

Andar nas ruas da capital e voltar a ver uma cidade com povo dá algum conforto, ainda que acompanhado do desconforto de ver a grande maioria agora com os rostos tapados.

Deveríamos sentirmo-nos provavelmente mais tranquilos quanto mais gente de máscara estiver.

Mas confesso que não é esse o meu sentimento.

Até porque grande parte dos ‘mascara-dos’ usa a máscara porque sim – tem-na mal colocada, bem folgada ou até porventura conspurcada, porque reutilizada e mal manipulada.

Usa-a porque alguém disse que é para usar – ainda que ninguém tenha dito que é útil ao ar livre, desde que cumprido o distanciamento recomendado, ou no interior do automóvel em que o condutor segue sozinho –; ou usa-a porque vê os outros usar; ou talvez porque se julga assim imune ao novo coronavírus; e usa-a.

No café da esquina ou ali a meio da rua,

são comuns os ajuntamentos nos passeios em redor e a máscara passa inevitavelmente para baixo do queixo, ou fica pendurada numa orelha, que não dá jeito enquanto se fuma mais um cigarro ou se deita abaixo mais uma ‘mini’ ou uma bica em copo de papel ou de plástico (que chávena fria ou escaldada não as há por estes tempos) entre dois dedos de conversa – pequenos prazeres da comunidade que nem o estado de emergência conseguiu impedir.

**P**ior, por isso e com toda a certeza, a partir de agora que o estado de emergência já não será renovado e ainda que se anuncie que as restrições só irão sendo levantadas aos poucos, com prudência e monitorização.

António Costa promete-o. Como promete que, com ou sem estado de emergência, é bom que todos tenham consciência de que as regras são para cumprir e o levantamento das restrições será faseado e permanentemente verificado, avaliado, ponderado.

Digam lá os constitucionalistas o que disserem.

Aliás, com graça, e lembrando que ele próprio é licenciado em Direito, não se coíbiu de dizer que os juristas (e, por maioria de razão, os constitucionalistas) gostam de «**inventar problemas**».

E recorreu, desde logo, ao exemplo da vintena de portugueses que se encontravam em Wuhan e que foram resgatados por avião fretado pelo Estado nos primeiros tempos do pesadelo e, quando já se polemizava sobre a inconstitucionalidade da imposição de uma quarentena preventiva, foram os próprios que se voluntariaram para cumprir o isolamento.

Mas foi mais longe: reconhecendo que antes mesmo de decretado o estado de emergência e adotadas pelo Estado as medidas restritivas de circulação, foi a própria sociedade – as pessoas singulares e coletivas – a tomar a iniciativa de se proteger, antecipando o confinamento e o distanciamento social.

**É** um facto. Mas o Estado – o poder central e o local – também tratou de passar uma mensagem suficientemente dramática para incutir medo e impor cautelas. E as notícias do que estava a passar-se sobretudo em Itália e aqui ao lado em Espanha fizeram o resto.

E a verdade é que essa cultura do medo contribuiu, muito, para o comportamento cívico exemplar até aqui.

Como os discursos sobre o levantamento do estado de emergência e do desconfiamento gradual e progressivo aliviaram a pressão e abriram as portas ao regresso

à atividade de milhares e milhares de portugueses mesmo antes do prazo definido – foi imediato.

O que logo levou António Costa a admitir um recuo no levantamento das restrições e a imposição de medidas mais duras, com ou sem estado de emergência, «**diga lá a Constituição o que disser**».

Ui, aí é que a porca já torce o rabo.

**U**m líder político, sobretudo em situações de crise, não pode estar a ‘marimbar-se’ para o que diz a Constituição.

Quando André Ventura o afirmou no Parlamento, caíram-lhe todos em cima.

Ora, muito pior é ser um primeiro-ministro a afirmá-lo – porque tem poder, está no poder.

E, agora, ninguém diz nada?

António Costa está a lidar com a pandemia da covid-19 com mestria, com serenidade e com autoridade.

E as coisas até têm corrido bem.

Mas isso não lhe confere o direito a ir para além dos limites.

Se todos têm de cumprir as regras, os titulares do poder são os primeiros a terem de sujeitar-se-lhes.

Quando assim não é e se julgam acima de quaisquer limites, é perigoso: é mais do que meio caminho para Portugal voltar a estar amordaçado.

SAPO.PT

# É HORA DE ENCOMENDAR NO SAPO

O **SAPO** em parceria com a Hora de Encomendar trazem até si os pequenos e médios fornecedores que estão atualmente disponíveis para entregar em Portugal. Encomende o que precisa, ou contribua partilhando informação de produtores que conhece.

Desta forma, juntos poderemos apoiar e garantir a subsistência de pequenos fornecedores que deixaram de ter como vender os seus produtos.

SAIBA MAIS



UM SERVIÇO



Hora de Encomendar





## JOSÉ ANTÓNIO SARAIVA

POLÍTICA A SÉRIO

# A história a preto e branco



Marcello Caetano e manifestação do 25 de Abril: antes não estávamos no inferno e hoje não estamos no céu

Nunca fui adepto de comemorações. Em miúdo, via as celebrações do fim da I Grande Guerra e olhava com pena para aquele grupo de velhinhos que ia mingando de ano para ano, até se extinguir.

E as comemorações do 10 de Junho também eram pungentes, sobretudo a partir do início da guerra colonial.

E as do 1.º de Dezembro, essencialmente comemorado por monárquicos, *idem*, *aspas*, *aspas*.

E, assim, depois do 25 de Abril fui a poucas celebrações: estive no primeiro 1.º de Maio e pouco mais.

O passado interessa-me como História e não como objeto de veneração.

Vivi o 25 de Abril com enorme emoção. Com imenso entusiasmo.

Mas no ano seguinte o 25 de Abril já não era o de 1974 – era sobretudo o que tinha acontecido desde aí.

E assim sucessivamente até hoje: é-me impossível recordar agora o 25 de Abril sem pensar no que sucedeu de bom e de mau nestes 46 anos.

Surpreendeu-me que pessoas da direita à esquerda tenham discutido acaloradamente as comemorações do 25 de Abril sem falarem do que entretanto aconteceu.

Eu não era capaz de o fazer. No dia 25 de Abril, tudo estava em estado de pureza – num estado de brancura virginal.

A revolução estava no dia zero: não tinha nódoas nem pecados.

Mas no ano seguinte já não era assim. E hoje muito menos.

Olhando para trás, é impossível não recordar a descolonização, que talvez não pudesse ter sido feita de outra maneira mas que deu origem a sangrentas guerras civis, com episódios de violência atroz, onde morreu muito mais gente do que morrera na guerra.

E o drama terrível dos regressados (deleto o termo ‘retornados’), muitos deles nascidos nas colónias portuguesas e cujas famílias lá viviam há mais de seis gerações.

E a tentativa do PCP para tomar o poder, que arrastou a destruição de grandes empresas como a Lisnave ou a Sorefame.

E a ocupação arbitrária de terras, estragando património e deixando as herdades no caos.

E a delapidação do ouro do Banco de Portugal, bem como a nacionalização da banca, com consequências desastrosas.

E o afundamento de grande parte da nossa frota pesqueira.

E a indisciplina que se instalou nas escolas.

E mais recentemente a corrupção, que chegou ao topo do Estado, com um primeiro-ministro a ser preso e acusado.

E as fraudes nos bancos, prejudicando milhões de depositantes.

E a agenda política imposta pela extrema-esquerda, com a aprovação de medidas como o aborto sem justificação, a liberalização das drogas leves, as salas de chuto, o casamento entre homossexuais indistinto do casamento tradicional, a eutanásia, etc.

Ser-me-ia impossível comemorar o 25 de Abril sem pensar em tudo isto.

Do mesmo modo, não posso ignorar que do anterior regime, tendo muitas coisas contra as quais eu e a minha família lutámos (o meu pai e o meu irmão mais

velho estiveram mesmo presos) – como a guerra colonial, a censura à imprensa, as prisões políticas, uma polícia política (a sinistra PIDE, rebatizada de DGS) que perseguia os que pensavam de modo diferente –, também não era a tirania, o regime abjeto, sinistro, assassino, odioso, tenebroso, fascista, corrupto que se ensina às crianças em algumas escolas.

Não podemos ver a história a preto e branco.

Antes do 25 Abril havia uma «ditadura de doutores», como um historiador lhe chamou, e não uma ditadura de generais, de sargentos ou de cabos, o que faz a sua diferença.

Marcello Caetano era um homem decente, culto, inteligente, um grande professor; como testemunhavam todos os seus alunos, de direita ou de esquerda (incluindo Marcelo Rebelo de Sousa).

E no seu Governo estiveram homens como João Salgueiro, Rogério Martins, Veiga Simão, Joaquim Silva Pinto ou Xavier Pintado, que não eram propriamente fascistas.

E na Assembleia militaram pessoas como Francisco Sá Carneiro, Balsemão, Mota Amaral ou Miller Guerra, cujas convicções democráticas ninguém contesta.

E na Câmara Corporativa figuras como Freitas do Amaral, Maria de Lourdes Pinatilgo ou André Gonçalves Pereira.

Foram tomadas medidas sociais como a extensão da segurança social aos rurais e a profissões não cobertas até aí (como os taxistas, os ardinhas ou as empregadas domésticas), foi criado um esboço de ordenado mínimo, foram autorizados os sindicatos livres (foi neste período que nasceu a CGTP), foram lançados grandes proje-

tos como Alqueva, Sines e o novo aeroporto, e continuou a construção da maior barragem de África, em Cahora Bassa.

O grande calcanhar de Marcello Caetano foi a guerra colonial – que ele não conseguiu resolver, também por pressão de Américo Thomaz.

E o prolongamento da guerra colonial levou ao cansaço da tropa – que, ao fim de 13 anos em combate, decidiu voltar contra o regime as armas usadas em África.

Foi a guerra que levou à queda de Marcello Caetano; sem ela, teríamos evoluído para uma democracia, como a Espanha, com custos sociais e patrimoniais certamente inferiores.

Devo dizer que, mesmo sabendo o que sei hoje, se recuasse no tempo voltaria a entusiasmar-me com o 25 de Abril e a aplaudir os capitães.

Mas não consigo comemorá-lo agora fingindo ignorar o que entretanto se passou.

Não posso aplaudir o 25 de Abril como se ele continuasse em estado puro, virginal.

E faz-me muita confusão que ninguém diga isto.

Discutiu-se a forma das comemorações – mas não vi ninguém fazer uma reflexão isenta sobre o que o 25 de Abril trouxe, de bom e de mau.

Vi e ouvi declarações emotivas; não vi nem ouvi ninguém com coragem para dizer que o regime iniciado pelo 25 de Abril não é o céu e o regime deposto pelo 25 de Abril não era o inferno.

A história não se escreve a preto e branco: escreve-se com serenidade e rigor, com base em factos.

Uma comemoração sem reflexão é um ato acéfalo.

# RECEBA O SOL EM SUA CASA



AGORA PODE RECEBER O SEMANÁRIO SOL  
EM SUA CASA, DE FORMA A NÃO TER  
DE SE DESLOCAR À RUA.

FAÇA A SUA ASSINATURA ATRAVÉS DO EMAIL  
**SOLEMCASA@SOL.PT**  
E RECEBA O JORNAL NA SUA MORADA.

## como fazer

**a**

Enviar email com nome e morada com pedido de subscrição e pedido de assinatura:

**SOL. Trimestral** = 35 euros

**SOL. Semestral** = 70 euros

**SOL. Anual** = 120 euros

**b**

Receberá por email comprovativo da assinatura e NIB para efetuar pagamento;

**c**

Enviar email (para o mesmo endereço) comprovativo do pagamento e passará a receber a edição seguinte, e durante o período de subscrição, na morada que indicou

**Zona de Lisboa:** Entrega porta a porta | **Fora de Lisboa:** via CTT

# Foco

# EM BUSCA DO EQUILÍBRIO

Marta F. Reis

marta.reis@sol.pt

O país começa a reabrir na próxima segunda-feira. Comportamentos e regras de higiene passam a ser ainda mais cruciais para travar a progressão do vírus, enquanto se tenta recuperar alguma normalidade em plena pandemia e estancar a crise social e económica. ASAE, ACT e militares no terreno. Risco de uma segunda onda de proporções insustentáveis vai ser vigiado à semana, enquanto hospitais retomam atividade. A expectativa é não ter de regressar a casa, mas vai depender de todos.

**A** pandemia não acabou. A mensagem foi ontem sublinhada por António Costa ao anunciar o plano para tirar o país de casa, retomar a economia, e manter a infeção controlada. A palavra equilíbrio vem ganhando peso nas intervenções do Executivo, da Direção Geral da Saúde e do Presidente da República, e é isso que estará em causa nas próximas semanas.

Segunda-feira marcará o início da reabertura do país, progressiva, de 15 em 15 dias, e com medidas gerais comuns. Lotações reduzidas, higiene reforçada, distanciamento de dois metros ao sair à rua. E, ao abrigo do estado de calamidade que sucede a partir de domingo ao estado de emergência, o Governo imporá mesmo o uso obrigatório de máscaras nos transportes públicos, escolas, comércio e outros locais fechados.

A fiscalização e sensibilização serão permanentes, com o Governo a dar instruções à ASAE, à ACT (Autoridade para as Condições do Trabalho), às autoridades policiais e até aos militares para avançarem com

vigilância apertada dos planos definidos para evitar o descontrolo do contágio e a sobrecarga do sistema de saúde. Até porque, se houver necessidade, o Governo admite recuar e voltar a reforçar as medidas de confinamento e restrição.

Na segunda-feira, têm ordem para abrir repartições de finanças e conservatórias, com marcação prévia. Podem reabrir lojas até 200 m<sup>2</sup>, livrarias e comércio automóvel, os ansiados estabelecimentos de serviços de higiene pessoal (cabeleireiros, barbeiros, manicures, pedicures e similares) – mas sempre por marcação.

Os restaurantes só reabrem na segunda etapa de desconfinamento, prevista para 18 de maio, com lotação reduzida para metade, altura em que poderão também reabrir lojas até 400m<sup>2</sup>. É também esta a data prevista para a reabertura das escolas para alunos de 11.º e 12.º ano – e até lá os estabelecimentos vão ser desinfectados um a um por militares.

Entretanto, o país começa a sair de casa, mas o teletrabalho é para continuar em maio, assim como o dever cívico de recolhimento domiciliário.

Ajuntamentos de mais de 10 pes-

soas continuarão proibidos, mas os funerais deixam de ter limitações à participação de familiares com o fim do estado de emergência.

No calendário apresentado pelo Governo, no final de maio regressam as cerimónias religiosas e o futebol, se as autoridades de saúde derem o seu aval (ver pág. 50).

## Epidemiologistas preparados para vigiar segunda onda

Depois da reunião técnica no Infarmed ter dado luz verde à reabertura e de os especialistas defenderem que há vários indicadores a ter em conta, foi António Costa a fazer o último ponto de situação sobre o chamado número básico de transmissão do vírus, R0, que quantifica o número de contágios a partir de cada caso, ou seja, a velocidade da propagação da doença. Nos últimos cinco dias, situou-se em 0,96, estando em todo o país abaixo de 1 (que confirma tendência para os casos diminuírem).

Dos países europeus que seguiram a estratégia de ficar em casa para travar o crescimento exponencial do vírus e já começaram a desconfinar – e mantendo-se

este patamar nos próximos dias –, Portugal começa com menos folga para o que é o previsível aumento de casos, mas a análise não tem sido feita com base apenas num único indicador.

Baltazar Nunes, especialista do INSA, explicou ao SOL que é preciso perceber onde surgem os novos casos e se estão associados a focos, por exemplo em instituições como lares – e na última semana os casos em hóspedes contribuíram para o aumento que se verificou do R na região de Lisboa e Vale do Tejo –, o que comporta um risco diferente da transmissão na comunidade.

Na reunião técnica, a posição dos peritos ouvidos pelo Governo foi de prudência e da necessidade de uma vigilância reforçada nesta nova etapa – e também a necessidade de continuar a testar, testar, testar. Daí o especial alerta pedido às autoridades policiais, militares e de inspeção.

António Costa anunciou que as medidas de desconfinamento serão avaliadas a cada 15 dias. Antes da segunda fase, a 18 de maio, haverá uma nova reunião técnica no Infarmed que avaliará se existem

condições para o plano prosseguir como está definido.

«**Recuarei sem vergonha, se necessário**», asseverou António Costa.

Os indicadores continuarão a ser vigiados diariamente pela DGS e pelos epidemiologistas que dão apoio técnico ao Executivo – agora, além de perceber a evolução da situação, o foco será antecipar uma segunda onda e a dimensão que pode assumir. E o que aconteceu nos últimos meses, em que o país conseguiu travar a tempo um ‘tsunami’ como o que atingiu Espanha e Itália, dá agora pistas importantes para perceber a pressão sobre o sistema de saúde e patamares críticos.

Manuel Carmo Gomes, epidemiologista da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e um dos especialistas que dá apoio ao Governo desde o início da epidemia, desenvolveu com a sua equipa um modelo que vai permitir sinalizar alertas se os casos e as hospitalizações começarem a aumentar mais rapidamente do que seria a médio prazo comportável para o sistema de saúde, numa altura em que os hospitais estão também a começar a retomar atividade suspensa. O modelo foi apresentado na reunião no Infarmed e permitirá ter um guia do que seria expectável em cada semana de desconfinamento se estivesse a forma uma onda maior do que o sustentável.

Ao SOL, o epidemiologista explica que o objetivo foi simular uma segunda onda de covid-19, o cenário que tem sido admitido em todos os países, uma vez que a maioria da população continua sem defesas, não existe ainda uma vacina, o vírus não foi erradicado e continuam a existir casos na comunidade, inclusive assintomáticos, pessoas que com o início de desconfinamento terão maior probabilidade de sair de casa e iniciar focos de contágio. «**Para fazer esta simulação, temos de partir de uma série de pressupostos. Desde logo saber quando vem esta segunda onda. Ninguém sabe, por isso assumimos o pior**

**Governo deu instruções para autoridades reforçarem a vigilância**

cenário, que seria começar logo após o levantamento das medidas quando ainda temos os hospitais com muitos doentes», diz Manuel Carmo Gomes.

O número de doentes internados tem estado a diminuir, mas esta quinta-feira estavam hospitalizadas 968 pessoas, das quais 172 doentes em cuidados intensivos. A ideia base do modelo que vai permitir dar sinais de alerta é, então, que o número de casos começa a aumentar na próxima semana, quando há ainda cerca de mil pessoas hospitalizadas. Depois do 'quando', o quanto tempo – e aqui Manuel Carmo Gomes explica que foi usado o referencial de dois meses, a duração da primeira onda. Fizeram então uma modelação dos diferentes cenários para a dimensão dessa onda ao longo de desses dois meses: 12 mil casos, 24 mil – uma onda idêntica à que o país tem atravessado – ou mais. Assumindo uma onda em sino, a preocupação foi perceber quantos doentes precisariam de ser hospitalizados e internados em cuidados intensivos em cada cenário e para isso foram importantes os dados cedidos por hospitais e DGS: «Dos casos confirmados, 17% dos doentes ficam hospitalizados e destes 25% destes em cuidados intensivos». Numa onda com 24 mil casos, são expectáveis 4000 internamentos, com um pico de mais de mil doentes internados em simultâneo, diz Manuel Carmo Gomes, explicando que é aproximadamente o que se verificou no país nas últimas semanas. A partir de dados de 700 doentes, estimaram a demora média de internamento e, tendo em conta a capacidade dos hospitais, preveem que este patamar é um ponto crítico para o país, pelo que o que o modelo permitirá perceber é se, a cada semana, há um aumento de casos e hospitalizações abaixo de uma curva que leve a que se atinja esse limite – que nos últimos dois meses foi alcançado porque as pessoas ficaram em casa – ou se os novos casos e internamentos sugerem que pode estar a formar-se uma onda maior. «É um sinal amarelo. O que dizemos é que se ultrapassarmos este patamar é perigoso. Se começarmos a ver sinais de que vamos ter uma segunda que ultrapasse este limite temos de começar a fim de duas a três semanas a tomar medidas de correção da trajetória, se não vão ser estes 24 mil casos, vão ser mais», explica ao epidemiologista.

Sobre se é prudente reabrir já

ou se o país deveria esperar por um R0 mais baixo – a Alemanha começou a levantar restrições com um R de 0,7 e em oito dias subiu para 0,96, o que levou apelos à população para manter o distanciamento –, Manuel Carmo Gomes concorda com a ideia de que este não deve ser o único indicador analisado e tudo pesa numa situação como a que o país atravessa. «Do ponto de vista estritamente epidemiológico não devíamos abrir, mas há vida para além da epidemiologia. Tivemos nos últimos dias vários indicadores que melhoraram. Na última reunião foram apresentados indicadores de fadiga psicológica e social, isto para não falar na economia. Somos epidemiologistas e somos cidadãos, não podemos ignorar o que passa na sociedade», sublinha, defendendo que o essencial é manter a vigilância e o controlo sobre os locais onde pode haver focos que levem a mais casos com gravidade, desde logo os lares. «Isto é um equilíbrio difícil, entre libertar o país e dar alguma retoma porque sabemos que há pessoas a passar fome e manter a epidemia controlada. E vamos vigiar. Se houver indicadores a subir, pediremos ao Governo para voltar a parar».

Uma das incógnitas será o papel dos casos assintomáticos, diz Manuel Carmo Gomes, e a expectativa em perceber que percentagem da população já esteve exposta à doença – o inquérito serológico do INSA arranca em maio e deve ter resultados entre junho e julho. O Imperial College estima que cerca de 1,16% da população portuguesa já teve contacto com a doença, o que implicaria mais de 80 mil casos que não foram detetados. «Com o inquérito serológico vamos ter uma maior percepção. Não me admirava que só estivéssemos a ver 10% das pessoas infectadas», explica o epidemiologista, sublinhando que as medidas com que o país vai reabrir, da higiene às máscaras, deverão permitir um crescimento mais lento de novos casos do que aconteceu em março.

Das simulações, sai um cenário provável? «Depende do comportamento dos portugueses. As pessoas estão sensibilizadas. Mas será que daqui a um mês continuam a ter os mesmos cuidados? Não sabemos», diz o investigador. É o desafio que o país tem pela frente.

# O que vai reabrir e quando

## 4 MAIO

### Transportes públicos

Passa a ser obrigatório o uso de máscara, a partir desta segunda-feira, nos transportes públicos. Só podem circular com lotação máxima de dois terços e o Governo prometeu reforçar a oferta.

### Pequeno comércio

As lojas de rua podem reabrir na segunda-feira. A nova lei permite que abram já no dia 4 de maio os espaços que tenham até 200 metros quadrados. Haverá limites à lotação de forma a garantir o distanciamento social e será obrigatório o uso de máscara. Os stands de automóveis e as livrarias também vão reabrir nesta data.

### Cabeleireiros e barbeiros

Os cabeleireiros, barbeiros e manicuras vão reabrir já na segunda-feira. «Vão reabrir com regras de higienização e de proteção individual», garantiu António Costa. Será obrigatório usar máscara e terá de marcar previamente.

### Serviços públicos

Os balcões desconcentrados de atendimento ao público, como repartições de Finanças e conservatórias, reabrem já na segunda-feira. Os funcionários e os utentes terão de usar máscara. Se precisar de utilizar estes serviços terá de marcar previamente através do telefone ou *online*. As bibliotecas e arquivos também vão voltar a funcionar a partir desta segunda-feira, mas as lojas do cidadão só abrem a 1 de junho.

### Funerais

Deixará de haver um limite para o número de familiares que podem marcar presença num funeral. Cabe às câmaras municipais definir o limite máximo de pessoas que podem participar.

## 18 MAIO

### Restaurantes

Os restaurantes, cafés, pastelarias e esplanadas reabrem em meados de maio com novas regras. A lotação estará limitada a 50% e terão de dar garantias de higienização. Fecham às 23 horas.

### Creches

Vão reabrir em meados de maio, mas os pais vão continuar a ter apoios para poderem optar se querem já deixar os filhos na creche ou se preferem fazê-lo mais tarde. Este período de transição entre 18 de maio e 1 de junho tem como objetivo que as famílias possam «ganhar confiança», explicou o primeiro-ministro.

### Ensino secundário

As aulas presenciais no 11.º e 12.º anos arrancarão em 18 de maio. Os professores, alunos e funcionários terão de utilizar máscara. O ensino básico e o 10.º ano vão continuar a ter aulas à distância até ao final do ano letivo.

### Museus

Os museus, monumentos e galerias de arte abrem em meados de maio com novas regras. Só podem estar cinco pessoas por cada 100 metros quadrados.

### Lojas

As lojas que tenham até 400 metros quadrados podem reabrir dia 18 de maio. As lojas maiores também podem fazê-lo desde que só utilizem 400 metros quadrados. O número de pessoas que pode estar dentro do espaço terá limitações e os clientes terão de esperar à porta.

## 1 JUNHO

### Pré-escolar

Reabrem no início do mês de junho o pré-escolar e as atividades de tempos livres.

### Teletrabalho

Durante todo o mês de maio vai continuar a ser obrigatório o teletrabalho para quem o possa fazer. Só em junho esta medida poderá ser alterada. O ministro da Economia, Pedro Siza Vieira, anunciou, no Parlamento, que o Governo decidiu manter “durante o mês de maio a obrigatoriedade do teletrabalho”. A intenção é que a partir de dia 1 de junho seja possível alterar esta situação.

### Cinema e teatro

Cinemas, teatros e salas de espetáculos só vão reabrir no início de junho e com novas regras. O número de pessoas na sala será limitado para garantir o distanciamento social recomendado pelas autoridades de saúde.

### Centros comerciais

Os centros comerciais só poderão reabrir na última fase do plano do Governo. Ou seja, durante o mês de maio vão continuar com as mesmas regras devido à pandemia.

### Jogos de futebol

A Liga de futebol regressa no final do mês de maio. “No final do mês poder-se-á retomar a competição profissional da 1.ª Liga de futebol”, disse o ministro Pedro Siza Vieira. Os jogos irão realizar-se sem público (pág. 50).

### Festivais de verão

O Governo ainda não decidiu o calendário dos festivais de verão. O primeiro-ministro disse que o Governo está ainda a fazer essa «avaliação» e, «muito provavelmente», anunciará os resultados dessa reflexão na próxima semana.

### Praias

Ainda não há decisões. O Governo está a avaliar a forma de regular o acesso às praias. A única garantia é que a partir de segunda-feira será permitido o acesso para a prática de desportos náuticos.

## Foco

# DOIS MESES DE UMA LUTA QUE VAI CONTINUAR

Marta F. Reis  
marta.reis@sol.pt

Faz sábado dois meses que se confirmou a chegada da covid-19 a Portugal. De então para cá, já foram infetados 2838 profissionais de saúde, dos quais 462 médicos. O doente mais velho tem 111 anos e o mais novo apenas dias.

Os primeiros dois casos de covid-19 foram confirmados a 2 de março. A 15 de março fecharam as escolas, quando já universidades e muitas empresas tinham optado por enviar estudantes e trabalhadores para casa. A 18 de março, o país passou a viver em estado de emergência. A curva de uma primeira onda que poderia ter sido trágica achatou. Portugal é dos países com mais casos, mas foi também dos que mais testou. Até esta quinta-feira, a covid-19 tinha levado 973 pessoas, mas aumentaram também as mortes por outras causas. Dois meses de uma luta que vai deixar cicatrizes, como já disse a ministra da Saúde, mas também vitórias. E vai continuar.

## O dia em que tudo mudou

A confirmação de que tinham sido detetados os primeiros casos no país chegou às primeiras horas da manhã de 2 de março, uma segunda-feira. No epicentro do vírus, a situação parecia controlada, mas silenciosamente este já se tinha espalhado em Itália e Espanha e depressa a Europa começou a registar um aumento exponencial de casos importados, associados às feiras de calçado em Milão e a férias na neve. A partir dos boletins da DGS, percebe-se que os casos confirmados no país na primeira semana de março foram de pessoas que começaram a ter sintomas a partir da semana de carnaval – e a partir daí a epidemia começou a crescer.

## 18.º país com mais casos

Com mais de 24 500 casos confirmados até quinta-feira, Portugal surge no mapa-mundo com o 18.º país com mais casos detetados. E,

se a China foi o epicentro inicial da pandemia, já oito países passaram o que há dois meses ainda parecia uma tragédia irrepitível: com mais de um milhão de infetados, os EUA registam um terço dos casos a nível mundial e mais de 60 mil mortes. Surgem depois Espanha, com 239 mil casos, e Itália, com 205 mil. Em cada um destes países, os primeiros na Europa a levar com o tsunami da covid-19 – e os que fecharam mais tarde – a epidemia causou nas últimas semanas mais de 20 mil mortes, cinco vezes mais do que tinha sido reportado pela China. O site *Worldometer*, uma das ferramentas mais úteis desde o início da pandemia para perceber a evolução da situação a nível mundial, permite também perceber que, ajustando os casos à dimensão do país, Portugal é o 20.º país com mais casos por milhão de habitantes. O impacto foi grande, mas há outros indicadores que ajudam a enquadrar a análise: o número de testes e as mortes. Depois da demora inicial, do entupimento da linha SNS24, na definição de caso que só na segunda semana de março passou a alargar testes a todos os casos de pneumonia e ligações a

**O número de mortes fixou-se nos 973 nesta quinta-feira. Portugal tem agora uma taxa de mortalidade de 4%**

mais países que não ao Oriente e Itália, Portugal passou a ser dos países a reportar mais testes realizados. Até esta quinta-feira tinham sido processadas 395 mil amostras, o que coloca o país no 15.º lugar dos que registam mais testes por milhão de habitantes. Com um número maior de testes, diminui a hipótese de uma epidemia subestimada e transmissão descontrolada, mas com a população na rua o apelo da OMS – testar, testar, testar – e a necessidade de rastreio de contactos e de isolamento de doentes mantêm-se.

## O mais velho e o mais novo

Sem defesas contra um novo vírus, todos o podem apanhar. E em dois meses muitos apanharam-no e lutaram. Um bebé de 28 dias foi o doente mais novo. O mais velho, revelou ao SOL a Direção Geral da Saúde, tem 111 anos e está ainda a receber assistência. O doente mais velho recuperado tinha 100 anos. A história de Luciano, que festejou um século de vida no Hospital de São João, deu esperança em tempos incertos, em que os tratamentos ainda estão a ser testados e os cuidados invasivos, como a ventilação, são mais difíceis para os mais idosos.

## Os que perdemos

Até ontem estavam confirmadas 973 mortes no país por covid-19, com a taxa de letalidade calculada em 4% – disparada para os 13% nas pessoas com mais de 80 anos. Em tempo de comparações, Portugal é o 20.º país com mais mortes associadas à covid-19, mas os países seguem diferentes critérios na contagem dos seus mortos que tornam as comparações ainda mais relativas. E nada alivia as perdas – ainda mais difíceis quando as visitas nos hospitais e lares, onde estava um terço destas vítimas mortais, estiveram limitadas durante todo este período. E os fune-



MAFALDA GOMES

rais condicionais. A DGS indicou ao SOL que a vítima mortal mais velha foi uma senhora de 102 anos. A mais nova uma mulher de 40 anos. Em Santa Maria da Feira, um adolescente de 14 anos morreu em março. Testou positivo para o vírus, mas a causa de morte apontada foi uma meningite, tendo sido excluído do balanço nacional.

## Profissionais infetados

Desde o início da epidemia que médicos, enfermeiros e técnicos denunciaram falta de equipamentos de proteção, o que os levou a usar as mesmas máscaras durante dias e aumentou os receios de contágio. Hospitais e Ministério da Saúde reforçaram encomendas e as reservas nacionais aumentaram. Na fase de mitigação, todos os profissionais passaram a usar máscara e a mesma passou a ser obrigatória para qualquer doente que entrasse num centro de saúde ou hospital. Os esforços para controlar a infeção foram reforçados, mas o impacto nas tropas foi grande. Até esta quinta-feira, a DGS tinha recebido reporte de 2838 casos de infeção entre profissionais de saúde, dos quais 462 médicos e 738 en-

fermeiros. Representam 11,3% dos casos diagnosticados no país desde o início da epidemia.

## Mais mortes por explicar

Desde o início de março que se começa a notar um aumento da mortalidade no país e, comparando com anos anteriores, diferentes estudos têm alertado que o número de mortes entre a segunda quinzena de março e a primeira quinzena de abril superou as médias dos últimos anos. Um estudo da Escola Nacional de Saúde estimou mais 1255 mortes entre 16 de março e 16 de abril. Esta semana, um trabalho coordenado por António Vaz Carneiro, da Faculdade de Medicina de Lisboa, estimou um excesso de 2400 a 4000 mortes, que poderá ser assim quatro a cinco vezes superior aos óbitos associados à covid-19 até 22 de abril. A quebra nas idas às urgências é uma das preocupações: neste período, estimam que tenha havido menos 191 mil doentes com pulseira vermelha nos hospitais. A Direção Geral da Saúde tem também estado a analisar a mortalidade e já reforçou o apelo para que os doentes que precisem procurem os hospitais. A DGS confirmou ao SOL que houve um ligeiro aumen-



Ministério diz que está a montar estratégia para recuperar cirurgias e consultas que ficaram para trás

to das mortes a partir de 16 de março, de cerca de 8% por dia. Em abril, verificou-se até dia 25 um aumento de 1331 óbitos face ao esperado, uma subida de 17%, que reduz para 598 se se excluir as mortes por covid-19. O dia 4 de abril foi o que registou até ao momento um maior pico de mortalidade, com 108 mortes acima do expectável, um aumento de 35%. As causas estão ainda a ser investigadas – num processo que foi antecipado em um ano e implica rever todos os certificados de óbito. Uma das hipóteses sugeridas pelos estudos, além do adiamento da procura de cuidados de saúde, é a possibilidade de haver uma subestimação das mortes por covid-19. E, ao SOL, a DGS diz que é razoável esperar que, concluída a análise, o número de óbitos atribuíveis à covid-19 seja ajustado.

#### A linha da frente

As farmácias a assegurar aconselhamento e resposta direta. A linha SNS 24 num primeiro atendimento. E os centros de saúde com locais próprios dedicados à covid-19. Além, disso, os hospitais alargaram a resposta de cuidados intensivos, Portugal comprou e recebeu de oferta ventiladores que

não tinha, com os equipamentos de proteção e material clínico também produzido pela indústria nacional e doado pela sociedade civil. Aos hospitais, muitas empresas e particulares fizeram ainda chegar refeições, gel de banho, chocolates. Até ao momento, terão passado por internamento hospitalar perto de 4000 doentes que testaram positivo para a covid-19 – no dia com maior pressão, 16 de abril, estavam internados em todo o país 1300 doentes. A maioria das pessoas, 86%, tem feito a recuperação em casa, lares ou outras estruturas de apoio como hospitais de campanha. De acordo com os boletins diários da DGS, o dia com maior ocupação de cuidados intensivos foi 7 de abril, quando estiveram internados nas unidades de todo o país 271 doentes, abaixo da capacidade nacional.

#### Recuperar exames e cirurgias

Para preparar a resposta à covid-19 e reduzir o risco de contágio nas instituições, o Ministério da Saúde decidiu a 16 de março suspender cirurgias e consultas não urgentes. A quebra de atividade é transversal, com um único sinal positivo: as consultas não presen-

ciais por telefone nos centros de saúde aumentaram 36%, sublinhou quinta-feira o secretário de Estado da Saúde. E os doentes operados muito prioritários subiram 5%. Sem avançar números absolutos e metas para a recuperação da atividade no SNS, António Lacerda Sales revelou que até ao final da semana passada, comparando com os meses do ano passado, houve uma quebra de 13,4% nas consultas de especialidade nos hospitais e menos 11,9% exames complementares de diagnóstico. «Estamos a montar uma estratégia para a recuperação desta atividade de uma forma gradual e paulatina e priorizando doentes de maior risco», disse, sublinhando o papel que poderá ter a cirurgia de ambulatório. O São João, no epicentro da resposta à covid-19 nos últimos dois meses, dá nestes primeiros dias de maio um sinal importante da retoma que se anseia também no SNS. Esta sexta-feira, feriado, e este sábado, serão chamados doentes de ortopedia que ficaram por operar, disse ao SOL o presidente do conselho de administração, Fernando Araújo. Há novos circuitos e todos os doentes são testados previamente.



## VÍTOR RAINHO

### À ESQUERDA E À DIREITA

## Quando ir à praia tem mais risco do que ir ao barbeiro

A crise do novo coronavírus mereceu de diferentes Governos abordagens bem díspares, embora seja reconhecido quase unanimemente que aqueles que obrigaram mais cedo as pessoas a ficarem confinadas em casa foram os que mais sucesso tiveram. Parece também consensual que os governantes se apoiaram nos conselhos técnicos dos especialistas para tomarem as suas decisões, embora existam aberrações conhecidas, como as de Trump e Bolsonaro. O comportamento de ambos é conhecido porque vivem em países democráticos, com todas as suas idiosincrasias, e são escrutinados. Mas o que se passará verdadeiramente em nações obscuras onde ditadores fazem o que muito bem lhes apetece? Ninguém sabe...

Vem esta conversa da importância dos especialistas – é espantoso como intensivistas, infetologistas, pneumologistas e matemáticos, entre outros, mostraram a sua relevância – a propósito da segunda fase da pandemia. Como é óbvio, o primeiro-ministro deve ter ouvido muitos mas, depois, tomou as suas decisões. Que são, obviamente, políticas. A ciência mostrou-lhe os cenários, Costa teve de exercer o seu cargo de líder do Governo.

E o que se percebe das medidas anunciadas – entre o que vai abrir a 4 e 18 de maio e o que passa para junho ou ainda está à espera de novidades – é que Costa tentou fazer um equilíbrio entre as recomendações dos especialistas e as necessidades económicas do país. Muitos defendiam a abertura da sociedade por zonas, por idades e até por profissões, por forma a controlar eficazmente uma nova vaga do vírus. Mas o primeiro-ministro fez as suas escolhas, não diferindo muito da República Checa, por exemplo.

Fizesse o que fizesse, haveria sempre críticas. Eu, que não sou especialista, acho que vai haver muita confusão. Tudo até começou antes do fim do estado de emergência. Hoje,

dia 1 de maio, os trabalhadores vão poder reunir-se, com as devidas distâncias, segundo garantem os organizadores da CGTP, para gritarem contra as injustiças laborais. Nada contra, mas por que razão se permite que algumas centenas ou milhares de manifestantes possam ir para a Alameda, em Lisboa, ou para outros 24 locais no país, e a partir de segunda-feira sejam proibidos ajuntamentos de mais de dez pessoas? É estranho...

E o que dizer daqueles que estão à beira de um ataque de nervos e não podem entrar no carro e só pararem numa praia deserta ou com pouca frequência para desanuviarem um pouco? Com as medidas anunciadas, ficamos a saber que cabeleireiros, barbeiros, manicuras, tatuadores e todas as lojas de bairro com menos de 200 metros quadrados vão poder funcionar. E é aqui que muita confusão se vai instalar. Ir a um barbeiro é menos perigoso – eu já tenho lugar garantido na quarta-feira – do que almoçar ou jantar num restaurante com as devidas distâncias? Se Costa não seguiu, com todo o direito que o cargo que ocupa lhe confere, as recomendações dos cientistas mais cétricos sobre o fim do estado de emergência, por que razão decidiu que uns podem e outros não? É que não vejo nenhuma justificação científica para poder ir cortar o cabelo e não poder ir almoçar ou jantar fora, entrar no ferry em Troia e ir até uma praia deserta, entre tantas outras atividades proibidas.

Se, até aqui, o povo sabia que tinha todo de estar em casa, a partir deste momento parece-me, mas espero que não, que vai ser uma confusão dos diabos. Ou, então, vamos voltar ao tempo da outra senhora, em que havia um bufo em cada esquina...

P. S. Parece-me óbvio que era urgente abrir a economia. Caso contrário, a cura tornava-se rapidamente mais perigosa que a doença.

vitor.rainho@sol.pt

## Foco

# ‘VIOLÊNCIA PODE NÃO SER BEM A DOS NÚMEROS’

Carlos Diogo Santos  
carlos.santos@sol.pt

São várias as explicações para a diminuição do número de participações. Vítimas podem não ter oportunidade para denunciar ou agressores podem ter abrandado a violência física por estarem em casa e poderem controlar tudo. Hugo Guinote, da PSP, explicou ao *SOL* o que pode estar por trás dos números já conhecidos.

Os números mostram que as participações de violência doméstica registadas pela PSP e pela GNR caíram desde 19 de março perto de 40% em comparação com o mesmo período do ano passado. Mas isso está longe de significar que o fenómeno esteja a regredir em tempo de pandemia. Focando no meio urbano, que é competência territorial da PSP, registou-se entre 13 de março e 27 de abril um decréscimo de 34%, «sendo que a maioria dos padrões referentes a vítimas e a denunciados se mantém: 80% das vítimas continuam a ser do sexo feminino e 20% do sexo masculino», revelou ao *SOL* Hugo Guinote, responsável pela divisão de policiamento de proximidade da PSP.

«Temos um acréscimo relativo da violência entre cônjuges, uma diminuição entre ex-cônjuges e assistimos a um aumento ligeiro da violência praticada contra descendentes e ascendentes», nota, lembrando que esta maior proporção da violência entre pais e filhos face aos números totais não significa que haja um aumento do número efetivo de casos – esse diminuiu.

«Na violência entre cônjuges há menos 200 participações (em relação ao período homólogo de 2019), mas a proporção que este tipo de violência tem hoje no total de participações por violência doméstica aumentou aproximadamente 5%», esclareceu Hugo Guinote, acrescentando que já entre ex-cônjuges se verificou uma que-

da acentuada para «menos de metade dos registos»: «No ano de 2020 temos aproximadamente 230 participações e no ano de 2019 tínhamos cerca de 500 denúncias».

Na violência entre pais e filhos (150 participações contra descendentes, face às 170 de 2019, e 105 contra ascendentes, face às 125 do ano passado), os números reais diminuíram, mas o peso deste tipo de agressões no total de episódios de violência doméstica do período de confinamento é superior: «Os valores em bruto são sempre menores, mas quando se compara o peso de cada uma das tipologias de violência este aumentou ligeiramente».

São muitas as razões que explicam a diminuição dos números reais e o peso no total de casos de violência doméstica: «Dos 20 casos de diferença entre 2019 e 2020, na violência praticada contra descendentes, [...] alguns desses casos podem ter

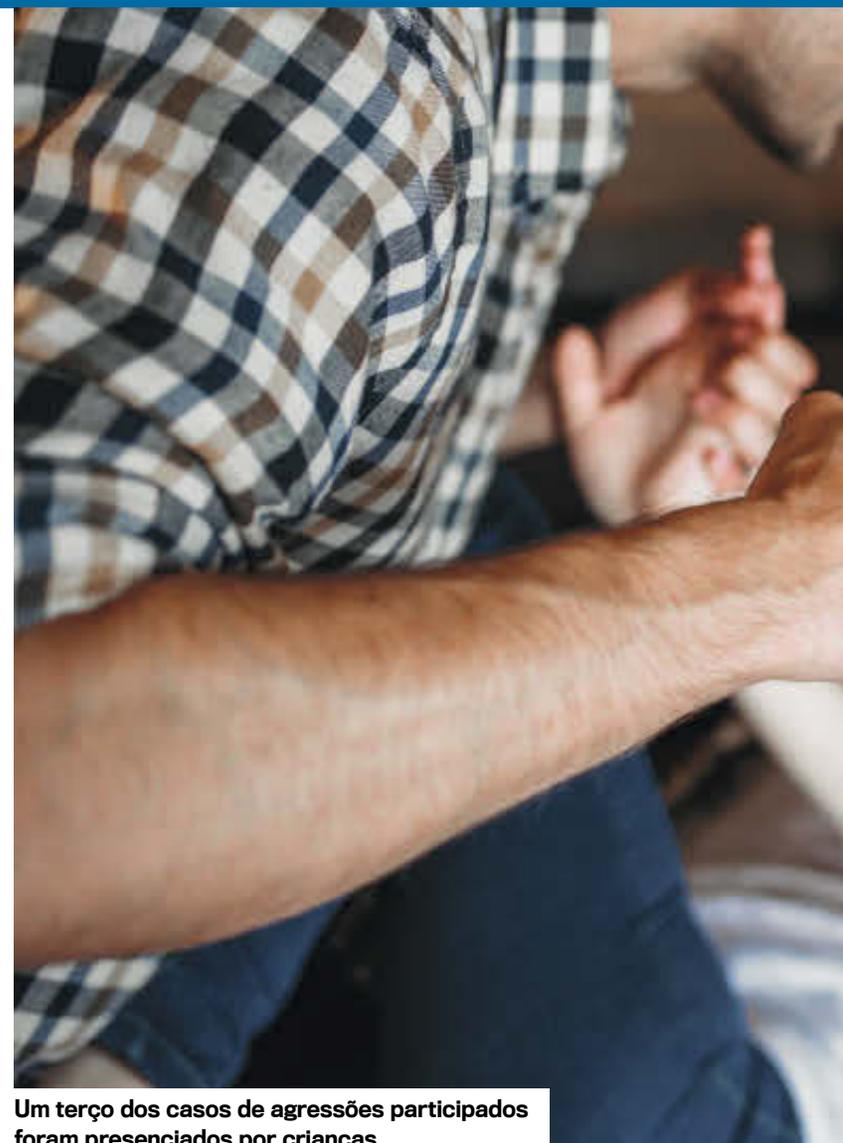
sido denunciados pelas escolas, são-no muitas vezes». Escolas que agora estão fechadas.

No total, no que toca ao crime de violência doméstica, a PSP recebeu 1400 participações neste período de 2020, quando no ano passado, no mesmo lapso de tempo, contava com mais de 2100 participações, o que corresponde à variação de 34%. A PSP tem competência territorial em cerca de 5% do território nacional, em que se concentra mais de 60% da população, explica Hugo Guinote.

## Um aumento ‘tranquilizador’, que não tranquiliza a PSP

O aumento relativo das participações entre cônjuges é tranquilizador, mas nada mais do que isso. «Para nós é tranquilizador, porque as vítimas por estarem em confinamento com os agressores podem ter dificuldade em denunciar a violência de que são vítimas e este indicador vem de alguma forma demonstrar que há vítimas a conseguir contornar esse problema», afirma Hugo Guinote. Em números reais há menos 200 participações.

«Não obstante todo o nosso esforço de sensibilização, nós tememos que de facto a realidade possa não estar refletida nestes números», diz, reforçando que a PSP olha para a diminui-



Um terço dos casos de agressões participados foram presenciados por crianças

ção do número de participações de violência doméstica com «muita cautela»: «Não queremos ser nem pessimistas, nem otimistas. Temos a noção de que nesta altura são dados prematuros. Vamos aguardar pelos próximos meses para perceber se algumas das vítimas, que podem agora não estar a participar esta violência, com o final do estado de emergência se deslocam às esquadras para participar. Depois conseguimos atualizar os dados à data de hoje».

Mas há outras hipóteses que podem ajudar a explicar o facto de se assistir neste período a menos episódios de violência física em contexto doméstico.

## Controlo pode ter abrandado violência física

«A violência doméstica assenta no poder de controlo que a pessoa agressora consegue exercer sobre a vítima. Ora, quando estamos em período de confinamento ou de recolhimento, esse controlo é facilitado, porque temos de es-

tar no mesmo sítio e, portanto, a pessoa agressora tem menos necessidade de recorrer à violência para exercer esse controlo», explica Hugo Guinote ao *SOL*. «É, por isso, possível que esteja a acontecer uma menor violência física, mas já a violência psicológica e a violência sexual, essa pode estar a aumentar entre os cônjuges, fruto de um aumento de tensão», afirma ainda este responsável da PSP.

Neste período de 2020 estão apenas registados pela PSP oito casos em que houve ferimentos com alguma gravidade – valor idêntico ao do ano passado. E em 63% dos casos reportados não houve lesões, enquanto em 35% houve apenas ferimentos ligeiros – uma manutenção do padrão do ponto de vista percentual. Na área territorial da PSP não há registo de homicídios nos últimos tempos.

## Vizinhos apercebem-se mais e menores não denunciam

Outro dado a destacar é que, apesar de cerca de um terço das agressões serem presenciadas por me-

**Hugo Guinote, responsável pela divisão de policiamento de proximidade da PSP, diz que os vizinhos parecem estar mais atentos por passarem mais tempo em casa**





DREAMSTIME

nores, não há registo de nenhuma participação feita por uma criança neste período. Das escolas, que estão a funcionar à distância de um computador; também não têm chegado quaisquer participações a este órgão de polícia criminal.

Segundo Hugo Guinote, a PSP está a receber por estes dias algumas participações de vizinhos para o email [violenciadomestica@psp.pt](mailto:violenciadomestica@psp.pt) – através do qual qualquer um pode participar um caso pessoal ou que envolva terceiros. «O período de confinamento facilita isso, porque as pessoas têm de estar no mesmo prédio dia e noite», conta. Na maioria das vezes, depois de a polícia ser chamada ao local, as vítimas negam a agressão.

Os dados mostram também que tem mudado a forma como os alertas chegam à PSP: «Enquanto em 2019 52% das participações chegavam por queixa presencial da vítima e apenas 38% como consequência do policiamento de proximidade, em 2020 estes números quase se inverteram. Temos quase 39% das participações por queixa

presencial e 47% fruto do policiamento de proximidade».

#### Perfis de agressores e o pico das tentativas de homicídio

Falar de um agressor tipo não é um tema pacífico, mas existem traços comuns que podem ser analisados. «A PSP está à vontade para falar nisso, porque somos dos organismos que mais tem defendido trabalhar com os agressores para defender as vítimas», refere o responsável ao SOL.

«Existem vários perfis e a nossa capacidade está em primeiro saber qual o tipo de agressor que temos pela frente e depois irmo-nos adaptando. Ao longo do tempo que a situação vai evoluindo é expectável que o comportamento do agressor também possa ser diferente. Uns vão num crescendo de violência e há outros que não – mantêm um padrão aparentemente estável e de repente podem ter um episódio muito violento», esclarece.

E a violência praticada por homens e por mulheres também é diferente, regra geral. «A violência praticada por homens é mais fisi-

ca, a violência praticada por mulheres é mais psicológica, isto num padrão genérico», afirma Hugo Guinote, adiantando que quando se chega a situações mais extremas, como homicídio, o *modus operandi* também varia: «O género masculino opta por uma violência mais explosiva, de impacto, as mulheres optam por outro tipo de violência, mais planeado, com recurso a outras técnicas».

A experiência no terreno também mostra que essa violência varia consoante se trata de uma relação heterossexual ou homossexual: «A violência de uma mulher numa relação homossexual aproxima-se em alguns padrões da violência que é praticada pelos homens».

Hugo Guinote revela ainda que a PSP está a acompanhar o que se passa noutros países e confirma que em alguns se registou um aumento da violência doméstica em período de confinamento.

Os dados da Polícia Judiciária revelam que entre 2 de março e 26 de abril dispararam as tentativas de homicídio – 48, quando no ano passado se registaram apenas 30.



## FILIPA ROSETA

### SAUDADES DE FUTURO

## Trabalho, Transformação Digital e Afetos

Quando Trump se candidatou à presidência dos EUA, em 2016, prometeu que ia trazer de volta para o país os empregos da indústria que tinham voado para a China. Na altura, a revista *Economist* alertava que os empregos não tinham voado para a China, tinham desaparecido. Em 2017, por 700 empregos que o Presidente criava em protocolos com a Ford, desapareciam 3000 na General Motors. O que se estava a passar não era apenas a deslocalização de indústrias para a China, era a alteração da quantidade de pessoas necessárias no setor da indústria. Mesmo se as indústrias voltassem, estariam cheias de máquinas e vazias de pessoas. No entanto, esta alteração da estrutura do emprego adquiriu um peso político determinante. Trump ganhou com os votos dos mais afetados pelo desemprego industrial que se sentiam a ficar para trás sem ter quem os ouvisse.

Hoje, o desenvolvimento das capacidades da Inteligência Artificial transporta esta realidade muito além do setor da indústria. A Amazon, gigante global da venda on-line, tem armazéns com mais máquinas do que pessoas, e investe milhões em investigação para criar ainda mais máquinas para substituir; na logística, humanos. Até no setor da construção civil, habitual recurso para absorver o desemprego, já se testa o estaleiro sem pessoas, com projetos que passam do ambiente virtual para o terreno por impressão 3-D ou construção com drones.

Repetem-nos os mais otimistas que não temos de nos preocupar com os empregos que se perdem com a transformação digital porque existirão, no futuro, empregos novos que hoje nem imaginamos. São palavras sábias que, no entanto, oferecem pouco conforto a quem está, hoje, em situação de desemprego.

Falam-nos da necessidade de aprendizagem ao longo da vida, dotando trabalhadores dos conhecimentos básicos de programação. No entanto, o sucesso depende da inclinação natural das

pessoas para ganharem autonomia de aprendizagem. Se ficarem apenas capazes de reproduzir tarefas básicas, arriscam-se a aprender o que rapidamente será substituído por computação.

Para assegurar a equidade contributiva entre as empresas que asseguram postos de trabalho e as empresas que só dependem de máquinas, Bill Gates avançou com a possibilidade de se cobrarem impostos de trabalho por máquina, além da atual cobrança por trabalhador.

Mark Zuckerberg, criador do Facebook, sugeriu que deste excedente contributivo poderia nascer o Rendimento Básico Incondicional (RBI), um salário mínimo garantido universalmente. O RBI, anunciado, hoje, por Espanha como resposta ao desemprego, tem sido debatido em diversos fóruns políticos, estando até incluído numa moção aprovada por maioria no último congresso do PSD. No entanto, há poucos dados capazes de aferir o impacto

### Os afetos são o último reduto do talento humano. Não são, ainda, possíveis de substituir por máquinas

de garantir rendimentos sem contrapartidas numa economia como a nossa, sem os gigantes globais digitais dos EUA.

Neste futuro incerto que a pandemia nos apresenta, um passo intermédio poderia passar por dotar os cuidadores de RBI. São pessoas que trabalham muito, sem receber nada, para garantir o bem-estar dos seus pais, ou dos seus filhos, prestando tanto um apoio considerável aos seus, como um serviço inegável à sociedade.

Os afetos são o último reduto do talento humano. Não são, ainda, possíveis de substituir por máquinas. Dotar de valor económico o que hoje não o tem, pode anunciar um caminho capaz de aliar equidade a desenvolvimento onde ninguém fica para trás.

## Foco

**JÚLIO MACHADO VAZ**  
**PSIQUIATRA**

# ‘Com o passar do tempo vai haver o velho stresse pós-traumático’

**Carlos Diogo Santos**  
carlos.santos@sol.pt

Júlio Machado Vaz faz um balanço de dois meses de confinamento: «Alguns podem encarar com excessivo medo níveis maiores de liberdade», outros podem ter uma «visão eufórica».

**Como é que acha que estamos hoje, ao fim de dois meses de confinamento?**

É claro que isso é variável. Nós não somos um todo homogêneo como, aliás, se verifica logo quando inevitável e sistematicamente estamos a falar dos mais frágeis, seja por serem mais velhos, seja pelas condições em que vivem – desde o facto de serem sem-abrigo, às questões financeiras, etc. Quer queiramos quer não, a expressão de que o vírus é democrático é um otimismo. O vírus é democrático, nós é que não o somos. Há desigualdades biológicas e desigualdades sociais que tornam uns mais frágeis do que outros. Em termos psicológicos, também temos de distinguir outras questões. Para pessoas, por exemplo, que já não estavam bem, em termos gerais, esta situação stressante é aquilo a que nós chamamos uma situação limite. A tendência será para piorar em termos, sobretudo, da ansiedade, da depressão. O que não significa que para determinadas pessoas isto não possa ter sido uma hipótese de parar, reavaliar situações, reavaliar prioridades.

**Sentiu isso com algumas pessoas?**  
Na minha própria clínica, não deixei de fazer consultório, limitei-me a fazer por Skype, por in-

dicação da Ordem dos Médicos, tenho pessoas que neste momento me estão a dizer: ‘Agora estou a ficar farto, mas isto foi muito útil’. Muitos de nós vivem uma vida alucinante. Agora, quando isto afrouxar um pouco, desde logo à cabeça há dois tipos de risco. Alguns de nós vão estar, even-

“

**O vírus é democrático, nós é que não. Há desigualdades que tornam uns mais frágeis**

**Agora o que se tem discutido mais e com razão é a discriminação em relação aos mais velhos**

”

tualmente, demasiado parcimoniosos no a pouco e pouco, naquilo que tanto os políticos como os especialistas de saúde apelidam de ‘novo normal’. Não é o antigo normal. Você pode, por exemplo, e isso é legítimo, ter a esperança que quando houver uma vacina seja possível falar de um normal como aquele que conhecemos, agora não. E mesmo nessa altura, alguns de nós terão sofrido marcas que os modificarão na sua maneira de estar. Alguns de nós podem agora encarar com excessivo medo níveis um pouco maiores de liberdade.

**E qual é o outro risco?**

Em contrapartida, e isso assustame muito, outros podem ter uma visão eufórica da questão, que é: ‘a partir de 2 de maio é a libertação’. E isso pode ser, em termos de saúde pública, uma catástrofe. O Presidente da República já avisou e o primeiro ministro também já disse que se for necessário não haverá qualquer pejo em imediatamente meter travões às quatro rodas. Repare – em Lisboa não sei mas ficaria muito surpreendido se fosse diferente – no Porto, esta semana, já se nota um movimento muito maior nas ruas. Ou seja, as pessoas já anteciparam aquilo que, em teoria, só deveria acontecer a partir de dia 2.

**Acha, portanto, que o anúncio, as notícias produziram quase um desbloquear na cabeça das pessoas...**  
E acho que também teve a ver com a Páscoa. Foi um marco. As



RICARDO CASTELO

pessoas estão, evidentemente, mais massacradas a cada semana que passa. Isto não é agradável para ninguém. Não vou dizer, seria injusto para nós portugueses, que estamos a fazer o que se verifica nas praias da Califórnia, mas que as pessoas, mesmo antes da autorização, já começaram a afrouxar, isso sim. E ouve-se nas televisões e nas rádios muitas delas a reconhecer que é pelo cansaço. Isso é o outro risco, as pessoas terem uma visão eufórica de maio e nós darmos um trambolhão.

**E a questão cultural também interfere não só na forma como chegámos até aqui, como vamos encarar o futuro.**

Os latinos em geral investem na vida social e a vida afetiva de uma forma assaz importante. A vida relacional para nós é fundamental, de um modo diferente dos nórdicos. Você, como eu, deve ter ouvido na Suécia gente a dizer ‘bem, isto realmente não ter havido instruções para distanciamento social não me preocupa muito, por-

que eu também não gosto de demasiada proximidade’. Para os latinos em geral, todos os pretextos são bons para cair nos braços uns dos outros. Tanto o aniversário, como a tertúlia de fim de semana, como o ir beber um copo. Isso para nós é muito mais valioso do que para povos que são muito mais circunspectos. Depois há outras questões que aí já distinguem mais em termos culturais, mas não tanto, por exemplo, entre norte da Europa e sul da Europa que é: em determinados países como a China, a Coreia, até pelo sistema político, há diretrizes que são seguidas de uma forma automática e sem serem questionadas. Isto para os latinos, que ainda por cima, em geral, têm um apetite quase erótico pelo interdito, é muito mais complicado.

**Mas é curioso que há poucos dias a imprensa espanhola se referia aos portugueses como os suecos do sul.**  
Vamos ver se nos entendemos. Nós portámo-nos melhor do que os espanhóis e os italianos. E cla-



ro que aí também temos de deduzir um outro momento que é, nós estávamos mais assustados do que eles, porque nós começámos a ver o que estava a acontecer em Itália e depois em Espanha.

**E tivemos tempo para preparar também.**

Exato. Tenho amigos que, por razões profissionais e outras, têm grande contacto com Itália e, no princípio, não passava pela cabeça de ninguém lá o que ia acontecer. Conosco não foi assim. O que vinha do norte de Itália entrava-nos pelas casas dentro e as pessoas viram que isto não é brincadeira nenhuma. Nós tivemos mais tempo, mesmo assim, para nos consciencializarmos.

**Falava ainda há pouco das marcas que tudo isto vai deixar. Que marcas são essas?**

Falei de ansiedade e depressão. No depois – e nós não sabemos depois de quê, em teoria, quando houver uma vacina, e há até grupos de investigação, mais otimis-

tas do que eu pensaria, como o grupo de Oxford – em termos psicológicos há uma coisa que é importantíssima por causa da organização dos serviços de saúde que é: vai haver uma altura em que a doença em si está controlada, nomeadamente por dois vetores, a vacina e também por terapêuticas eficazes, mas não estaremos bem. Voltando atrás, lembro que haverá sempre mortes, todos os anos morre gente de gripe – uma coisa muito curiosa é que os problemas vão sucedendo e, como os que vêm a seguir são mais graves os outros vão-se esbatendo. Por exemplo, eu ouço hoje pessoas falarem de mortes pela Gripe A como se tivessem a falar de reumatismo articular. E, no entanto, quando foi a Gripe A também havia toda a gente cheia de medo. Mas a Gripe A comparada com isto é uma brincadeira de criança. Agora, com o passar do tempo vai haver o velho stress pós-traumático. É que a parte física pode estar controlada e você vai estar a ter de lidar com stress pós-trau-

mático e os seus respetivos sintomas dois, três anos depois.

**E como é que este se pode manifestar?**

Vou dar-lhe um exemplo, que acho que é importante, ligado aos profissionais de saúde. Os profissionais de saúde estão hoje extremamente expostos. Agora mesmo uma das responsáveis do serviço de urgência de Nova Iorque suicidou-se. Os profissionais de saúde estão num stress brutal. Todos os dias estão na linha da frente, correm riscos que não têm comparação com os nossos, passam por situações escabrosas, como não poder voltar para casa com medo de infetar as suas famílias, estar em hotéis, etc. Portanto, é dia após dia, semana após semana, mês após mês, um stress brutal. Nós somos todos diferentes. Alguns deles, e muitos espero eu, sairão disto sem grandes marcas. Outros não. Porque é que nós já sabemos isto? Porque não tão longos, mas já houve períodos de quarentena antes. Por exemplo,

em 2003 também houve com a síndrome respiratória aguda. E há estudos feitos.

**E o que dizem?**

Para períodos de quarentena de dez dias, que é uma brincadeira de crianças comparado com isto, os profissionais de saúde viam a sua maneira de funcionar no quotidiano clínico modificar-se. Por exemplo, estavam a fazer uma consulta normalíssima numa unidade de saúde familiar, ou num centro de saúde, ou num hospital, e de repente o doente que estavam a ver, suponhamos que por uma questão cardíaca, tossia. Eles automaticamente davam dois pulos para trás. Reflexo condicionado. Quem diz isso, diz, por exemplo, em relação a fenómenos de distanciamento afetivo. O profissional não conseguir ter a mesma empatia que tinha anteriormente. Para não falar dos ‘sintomas’ privados que vão desde insónias diabólicas, a pesadelos, passando por crises de ansiedade, etc. E uma pessoa tem tendência para pensar assim: «O quê? Três anos depois?». Infelizmente, nós estamos formados nisso por causa da nossa guerra colonial. Durante anos, combatentes nossos queixaram-se de coisas para as quais nós nem sequer tínhamos nome, porque ainda não era reconhecido o stress pós-traumático. E a pouco e pouco foi-se avançando na investigação, também muito por força dos americanos com a guerra do Vietname, e hoje em dia você percebe porque muitos portugueses tinham comportamentos estranhíssimos.

**E que muitas vezes eram associados a uma espécie de vitimização.**

Tinha um amigo que uma vez íamos calmamente pelas ruas do Porto, estourou um pneu do carro, e eu olhei para o lado e ele estava estendido no chão. O reflexo foi ‘isto é uma emboscada, tenho imediatamente de me abrigar’. E esses sintomas eram terríveis, porque eram associados ou a histeria, ou a simulação, ou ‘eles querem é benefício’. Não, não, eram quadros de stress pós-traumático. Agora, nós ficámos muito com a ideia que o stress pós-traumático teria que ver sistematicamente com situações de guerra. Mas não. Você perde um ente querido e pode desenvolver um stress pós-traumático, são traumatismos psicológicos muito violentos. Um divórcio pode dar questões de

stress pós-traumático e, portanto, no futuro, haverá uma tríade, digamos assim, em termos psicológicos e psiquiatras, que tem de ser monitorizada – e aqui temos de ser honestos, antes disto, o serviço nacional de saúde já estava em déficit na parte da saúde mental. Depois disto, ainda é mais importante que esse déficit seja colmatado. Esse triângulo das bermudas de que falava é ansiedade, depressão e o stress pós-traumático, para a população em geral e também para os profissionais de saúde.

**E no depois, num país a atravessar uma crise económica, com essas fragilidades no serviço nacional de saúde, os que ficarão mais marcas serão também os alvos mais fáceis para despedimentos, por exemplo?**

Como diz o povo, junta-se a fome com a vontade de comer. Estas pessoas, muitas delas, em termos profissionais podem não estar em condições de render o que rendiam. E podemos assistir a três coisas. Ou a pessoa não rende, ou a pessoa está ausente por um período do local de trabalho – aquilo a que chamamos absentismo –, ou verifica-se o presentismo, que é a pessoa estar no trabalho, mas não render nem metade do que rendia antes. Como é evidente, para a entidade patronal, não é agradável. Mas depois do outro lado é como se fosse uma sanduíche. Infelizmente, continua a haver discriminação em termos de saúde mental e até com efeito de género, muitas vezes pior para os homens, que é: se alguém demonstra fraqueza a nível de saúde mental está muito mais à bica para ser dispensado do que alguém que oferece garantias. Neste momento, aquilo que se tem vindo a discutir mais, e com razão, é discriminação em relação aos mais velhos, porque muitos dos mais velhos estão a começar a dizer ‘atenção aquilo que é o perigo para os outros que eu represento, tudo bem, agora os meus riscos administro-os eu, porque uma coisa é a quantidade de vida, outra coisa é a qualidade’. Agora, não tenham ilusões sobre a discriminação que sempre existiu em relação à doença mental, e não é preciso estarmos a falar de esquizofrenias, nem psicoses, estamos a falar de alguém ser considerado uma pessoa com menos resiliência psicológica. Essa pessoa, na nossa sociedade, é discriminada. E, portanto, em termos de escolhas profissionais, essas pessoas estarão mais fragilizadas.

## Foco

# AS CRIANÇAS 'NÃO TÊM DE MANTER DISTANCIAMENTO SOCIAL, MAS SIM FÍSICO'

Rita Pereira Carvalho

rita.carvalho@sol.pt

Depois do período de confinamento, as crianças vão sair à rua 'com a segurança ou insegurança' que sentiram durante a quarentena em casa. O ambiente familiar é fundamental para afastar os receios dos mais novos e, para a pedopsiquiatra Ana Vasconcelos, estes devem estar informados sobre a realidade. Além disso, é tempo de garantir a aproximação social e afetiva.

Em casa, as crianças sentem falta dos amigos e muitas querem regressar à escola, sobretudo, pelas interações sociais a que estavam habituadas. Mas há as que agora até estão melhores – é o caso das que tinham uma profunda dificuldade de adaptação à escola e alguns casos de hiperatividade. E quando voltarem à rua, as brincadeiras poderão ser diferentes, o distanciamento não pode ser esquecido, mas apenas o físico, não o social. Além disso, como as crianças não são todas iguais, haverá diferentes formas de reagir ao desconfinamento.

Na maior parte das vezes, os comportamentos adotados pelos mais novos são o espelho do contexto que vivem em casa e, «os miúdos vão pôr o nariz fora de casa com a segurança ou insegurança que tiverem sentido neste momento de quarentena em casa». A explicação é dada ao SOL pela pedopsiquiatra Ana Vasconcelos, que analisa o comportamento dos mais novos no contexto atual que se vive. E dá exemplos concretos: no caso de «pais muito medrosos, muito ansiosos, muito aflitos», que obrigam, constantemente, a tirar

os sapatos e a lavar as mãos, «pode criar um ambiente que, com certeza, agrava os temores». As crianças têm inteligência emocional e isso não pode ser desvalorizado, nem deve ser esquecido. «E, se veem os pais muito aflitos, eles também ficam muito aflitos, por isso, é importante que os pais tenham isso em atenção e devem ter um ambiente, apesar de tudo, tranquilizante em casa».

No entanto, a forma como as crianças vão reagir depende também do seu próprio temperamento. «Há miúdos que já podem estar receosos, porque já eram miúdos tímidos, ou miúdos medrosos ou miúdos que sentiam algumas dificuldades no relacionamento com os outros miúdos», acrescenta Ana Vasconcelos. E, nesta altura, em que se pede muito aos pais, já que são a base de suporte emocional dos filhos, é preciso redobrar a atenção. Se as crianças forem emocionalmente mais frágeis, é preciso ter cuidado, «porque, na verdade, isto é uma situação que só o por o nariz na rua pode causar receios».

Se tudo tiver corrido bem em casa, «em princípio eles ainda

não têm aqueles pensamentos muito profundos, mais metafísicos, ou mais existenciais que têm por exemplo os miúdos adolescentes».

Uma forma de quebrar a barreira do medo que algumas crianças podem sentir é, essencialmente, esclarecendo as suas dúvidas. Para esta pedopsiquiatra, é fundamental que os pais, utilizando palavras que os mais novos compreendam facilmente, «expliquem o que tudo isto quer dizer, o que é que quer dizer aquele valor 1,2, porque os miúdos percebem que, eventualmente, quanto menos as pessoas contaminarem os outros, mais garantias há para que as pessoas não apanhem a doença». Sentar-se com os filhos, ouvir

## → FRASES



### Ana Vasconcelos

Pedopsiquiatra

'Os miúdos vão pôr o nariz fora de casa com a segurança ou insegurança que tiverem sentido neste momento de quarentena'

'A aproximação social faz-se através da aproximação afetiva e essa é feita pelo coração'



Se crianças virem os pais muito aflitos também vão ficar aflitas

as suas dúvidas, procurar na internet o que não sabem, ouvir as notícias para esclarecer as dúvidas, em conjunto, poderá ser um bom ponto de partida para desmistificar os receios das crianças e para lhes dar mais confiança.

Além disso, os pais devem estar preparados em relação à situação de incerteza que se vive atualmente. Ou seja, «é importante que os pais não transmitam isso aos miúdos, mas os pais têm de saber viver com o imprevisível», explica Ana Vasconcelos.

Existe ainda a questão do distanciamento social que pode, por momentos, transparecer a perda de relações. No entanto, diz Ana Vasconcelos, «não tem de haver distanciamento social, tem de haver de haver muito mais aproximação social e a aproximação social tem de ser feita através das redes, da telescola, da relação com os amigos, de os próprios pais porem os miúdos a falar pelas redes uns com os

outros, com a devida supervisão, claro». O toque e o cheiro, por exemplo, são elementos fundamentais e necessários, mas «a aproximação social faz-se através da aproximação afetiva e essa é feita pelo coração».

Ana Vasconcelos tem dado as consultas habituais à distância e segue, sobretudo, crianças com autismo. E, neste contexto, explica, as crianças que, de um ponto de vista são mais frágeis, ou têm dificuldades de integração na escola, por exemplo, «no fundo, estão muito bem, porque têm os pais ao pé». «Muitos deles tinham dificuldades de adaptação à escola por vários motivos e sentem-se muito mais resguardados», explica. Além disso, a pedopsiquiatra avança que, «curiosamente, muitas das hiperatividades de que se fala aí são reações de dificuldade de adaptação ao meio escolar, porque os miúdos estão muito melhor e, em muitos casos, estão a deixar de tomar a Ritalina em casa porque não precisam».



**DINIS DE ABREU**

**PÁTIO DAS CANTIGAS**

## O estado do sítio...

Quando renovou o estado de emergência, o Presidente da República falou em ‘milagre’ português no combate ao coronavírus, concordando com quem nos aponta como exemplo, talvez sob influência das desgraças maiores vividas em Espanha ou Itália.

Convirá, no entanto, explicar, em nome do rigor, que o nosso ‘milagre’ se traduziu em mais de mil mortos desde que começou a contabilidade negra desta crise sanitária, muito acima do verificado noutros países europeus com população semelhante, como é o caso da Grécia.

Ao discursar na solenidade do 25 de Abril, Marcelo Rebelo de Sousa esqueceu o ‘milagre’ mas deu a mão a Ferro Rodrigues, autor de sastrado de uma polémica que dividiu o país, com bolorentas alusões a «fascistas» e «fascistoides».

O Presidente tentou ‘salvar-lhe a face’, mas Ferro Rodrigues não tem emenda. E não resistiu à tentação, ao discursar na cerimónia, de ir a reboque da ficção inventada pelo primeiro-ministro, defendendo que «Portugal e os portugueses estão vacinados contra a austeridade».

Infelizmente, não estão. E a dura realidade já não permite esconder que a validade da ‘vacina’ se esgotou. Ou seja: mesmo que a solidariedade europeia nos acuda, será inevitável ‘apertar o cinto’.

Fica mal a António Costa insistir no refrão de que «o país não precisa de austeridade», quando sabe que os bolsos de muitos portugueses já estão vazios. E ainda o vírus não amoleceu...

Se tiver dúvidas, basta consultar os registos do Banco Alimentar e ouvir Isabel Jonet, a quem se deve um admirável idealismo com muitas histórias para contar.

A ‘vacina’ usada na era da *Troika* – que permitiu ao PS fingir que não teve nada a ver com a pré-bancarota de 2011 – teve um efeito duradouro mas não é vitalícia. O atual problema sanitário empurrou novamente Portugal – muito dependente do turismo e da ‘engenharia’ das contas – para um patamar complexo no plano económico e financeiro.

E mesmo que a Europa consiga consensualizar um outro e ro-

busto ‘Plano Marshall’ para salvar as economias fustigadas – sobretudo as dos países mais pobres e endividados, onde nos incluímos –, dificilmente evitaremos a severidade da ressaca. Tudo o mais é fantasia.

É certo que o funcionalismo público está, por enquanto, a coberto dessas dificuldades. Mas basta reparar nos milhares de empresas em *lay-off* – abrangendo mais de um milhão de trabalhadores, com salário reduzido e futuro incerto – para termos uma noção mais exata do que nos espera.

Será útil averiguar, entretanto, como ficarão os cofres da Segurança Social (que andou a vender imóveis ao desbarato para servir os objetivos políticos do Município de Lisboa...) após o impacto da gigantesca sangria provocada pelo pagamento de parte dos salários dos empregados em *lay-off*.

Neste quadro, prever o corte nas pensões e reformas não será rasgo de ‘adivinho’, por muito que o primeiro-ministro teime em garantir que «essa seria uma estratégia profundamente errada na atual circunstância». Oxalá não tenha de dar o dito por não dito...

Assim chegamos ao 1.º de Maio, que a CGTP convocou para a icónica Alameda. Será de lembrar, a quem tenha memória curta, que foi nesse espaço que Mário Soares protagonizou o início da Fonte Luminosa, em Junho de 1975, quando desafiou abertamente o PCP e os seus satélites – então candidatos a serem ‘donos disto tudo’ –, exigindo a demissão do primeiro-ministro Vasco Gonçalves, um ‘militar de Abril’ controlado pelos comunistas.

No dia em que a CGTP – braço sindical do PCP – consegue o ‘salvo-conduto’ para concentrar os fiéis, em violação (consentida) do confinamento, é justo lembrar que foi a coragem física (e política) de Soares que abriu caminho à derrota do PCP e das forças de extrema-esquerda, consagrada em 25 de Novembro: um marco na restituição das liberdades, que os comunistas odeiam.

Foi à luz dessa nostalgia do totalitarismo soviético que o PCP celebrou os 150 anos do nascimento de Lenine, com um fervor decadente, traduzido numa ‘flor de estilo’ de Jerónimo de Sousa, para quem o partido deve «a Lenine a bússola segura». Como antes dissera que Estaline «assumiu um papel histórico, numa fase concreta, que não pode ser silenciado por mais voltas que se dê».

Ao homenagear dois torcionários, o PCP deixou cair a máscara ‘democrática’, a um passo do centenário da sua fundação. As ‘liberdades’ em vigor na extinta URSS, de que o partido se reclama, sofriam o crivo da ditadura e da polícia política, e eram asfi-



**A CGTP celebra o 1º de Maio exatamente no mesmo local em que Mário Soares desafiou os comunistas no Verão Quente de 75**

xiadas pelo terror que deixou um lastro de milhões de vítimas.

Há um estranho e continuado fascínio do PCP por alguns tiranos. Dir-se-á que é uma questão de coerência. E é isso que se torna perturbador, ao concluir-se que, apesar da implosão da URSS ou da queda do Muro de Berlim, o PCP ficou no mesmo sítio. Estático, imobilista, fiel às mesmas ‘sagradas escrituras’ do tempo da ‘guerra fria’ e da ‘cortina de ferro’.

Por isso, o 1.º de Maio é sempre a oportunidade para um ‘ato de fé’ e para o exorcismo do costume. É essa ‘bíblia’ que rege o pensamento de Jerónimo de Sousa. Caberá à ‘noviça’ Isabel Camarinha subir ao palco da Alameda, recitando a ‘cartilha’ do comité central, em nome da CGTP...



DIANA TINOCO

## ➔ CONSELHOS PARA OS PAIS

### Esclarecer as dúvidas dos filhos

É fundamental que os pais expliquem às crianças a realidade em que vivemos, utilizando palavras que elas percebam. Como explicou Ana Vasconcelos, os miúdos percebem o que significa ter uma percentagem baixa, ou alta de casos. E percebem sobretudo que quanto menos contaminações existirem, mais garantias existem para que as pessoas não fiquem doentes.

### Saber viver com o imprevisível

Como explica a pedopsiquiatra, vive-se uma situação de incerteza, mas é fundamental que os pais estejam preparados para lidar com essa incerteza para que não a transmitam aos mais novos.

### Promover o contacto social

O distanciamento físico é necessário, mas as relações de amizade devem permanecer e serem fomentadas pelos pais ou encarregados de educação. Utilizar as redes para que os mais novos possam estabelecer contacto com os amigos é um exemplo. Mas sempre com supervisão.

### Atenção a fragilidades

Relativamente às crianças emocionalmente mais frágeis, os pais devem ter especial atenção no momento de desconfinamento, uma vez que sair de casa pode causar receios. Há, aliás, crianças que estão a sentir-se melhor em casa do que quando podiam sair, fruto da sua dificuldade de adaptação.



**EDGAR CLARA**

**No MEIO DE NÓS**

## O impasse vai-se instalar!

Quando escrevo estas linhas, ainda não há quaisquer orientações para a progressiva abertura das igrejas ao culto. Não há orientações, linhas de ação, preparação do futuro, nada! Isto pode parecer estranho, mas é verdade!

O dever de confinamento traz também consigo problemas intermináveis às igrejas, o primeiro de todos poderia ser suprido por uma regra chamada 'bom senso'. Se houvesse bom senso, muitos dos problemas seria evitáveis.

Em França, o bispo de Paris teve de fazer uma intervenção pública depois de ter sido preso um padre porque, no decorrer de uma celebração que estava a ser transmitida, a polícia entrou e parou a celebração. O problema? Tão somente estava a celebrar para seis pessoas – o organista, dois leitores, um acólito e duas pessoas na assembleia.

Em Itália o episcopado lançou-se ao ar, quando ouviu o primeiro ministro apresentar as orientações para o fim do confinamento. Prevê-se que a igreja continue de portas fechadas, enquanto se prevê que abram, por exemplo, os museus.

Em Espanha, os bispos já lançaram as orientações para o levantamento das medidas de confinamento. Prevê-se que os mais velhos continuem a proteger-se em casa e não participem das celebrações. Há quatro fases distintas a começar no dia 18 de Maio. Basicamente as celebrações exigirão dos fiéis o uso de máscara e a participação de apenas um terço da capacidade total de lugares.

Em breve haverá uma abertura para começarmos a organizar as paróquias para participarem nas missas dominicais e feriais. Uma das coisas que exige das paróquias é que procurem nomear uma espécie de hostiários, responsáveis pelo acolhimento e disposição das pessoas para continuarem a cumprir o afastamento social.

Outra tarefa das comunidades cristãs está em convencer os cristãos de que podem participar da celebração da Eucaristia sem que haja quaisquer problemas de saúde pública. Esta tarefa presidirá à decisão dos cristãos de voltarem a celebrar os mistérios da sua fé.

Também a vida dos grupos. É curioso perceber que muitos grupos cristãos continuaram a sua vida de piedade e de fé através das celebrações e dos encontros pelos novos sistemas de comunicação. Penso que no futuro, esta será uma hipótese que não vai ser colocada de parte, a avaliar pelas regras que são determinadas em Espanha para a vida nas salas dos centros pastorais.

Há um outro ponto difícil de falar, mas que temos de enfrentar com coragem e determinação: as ofertas. Sabemos que teremos muita gente contra, muitas críticas, muitos problemas, mas temos de enfrentar.

Muitos pensam que a igreja nada em dinheiro. Mas se isso pode ser verdade num número

## Muitos grupos cristãos continuaram a sua vida de piedade e de fé através das celebrações e dos encontros pelos novos sistemas de comunicação

muito reduzido de paróquias, a maioria vive das ofertas por ocasião da celebração dos sacramentos ou de outras ofertas livres dos fiéis. São poucas as que têm rendimentos fruto de arrendamentos do seu património ou de participações em sociedades económicas.

Teremos de organizar as comunidades paroquiais de alguma forma para que se possa fazer frente aos encargos fixos que as igrejas continuam a ter, mesmo que sem ter celebrações: a água, a luz, os empregados, o sacerdote.

Este será um tempo muito duro para todos, mesmo para nós padres. Será um tempo de nos dirigirmos ao essencial, mas um tempo em que teremos de nos organizar de qualquer forma para podermos servir melhor os cristãos e encontrarmos um ponto de equilíbrio numa nova comunidade cristã que advirá desta crise.

## Foco

# Um lado positivo da quarentena

Rita Pereira Carvalho

rita.carvalho@sol.pt

Depois do confinamento, é preciso lembrar os aspetos positivos da pausa obrigatória: alguns começaram a fazer exercício, outros dormiram mais e até os bebés têm agora mais descanso.

Fruto da abertura de algum comércio, haverá já esta semana mais gente nas ruas. E, depois do período de confinamento, há, apesar de todos os constrangimentos, valores positivos que não podem ser deixados de lado. Como explicou ao SOL Margarida Pedroso Lima, psicóloga na área do bem-estar e professora na Faculdade de Psicologia na Universidade de Coimbra, «devemos centrar-nos nos aspetos positivos» e esta pausa em modo obrigatório fez com que as pessoas se acalmassem, grande parte descansou mais e também dormiu mais.

E António Coimbra de Matos, psiquiatra e psicanalista, concorda com esta visão de que houve aspetos positivos: «Este tempo de vida suspensa, muito para além do medo, e pela redução da pressão de domínio e obediência, facilitou a emergência e expansão da verdadeira essência da natureza humana – a necessidade de amar e ser amado. Nunca se viu tamanha explosão da solidariedade».

Ao SOL, Coimbra de Matos fez ainda um desabado sobre o que espera para os próximos tempos: «Saibamos nós aproveitar o momento para rodar do para-

digma da competição para o da cooperação».

Mas afinal o que é que este tempo permitiu a muitos fazer? «Estranhamente, algumas pessoas aumentaram o exercício, começaram com as aplicações a fazer ginástica, yoga e conheço até muitas pessoas que começaram a fazer meditação», explica Margarida Pedroso Lima. Existe todo um conjunto de boas práticas que começaram durante a quarentena, porque, de facto, o travão na aza fama diária o permitiu.

O teletrabalho, por exemplo, chegou aos mais céticos e aos que não estavam tão habituados a lidar com a tecnologia. Além de «ficarmos todos mais informatizados», lembra a psicóloga especialista na área do bem-estar, o contacto com os amigos tornou-se mais frequente, ainda que à distância. E até os bebés que nasceram em plena pandemia recebem agora mais sossego. Apesar de todos os cuidados adicionais necessários, os recém-nascidos «têm menos aquela excitação das visitas e estão mais resguardados».

Depois do desconfinamento será necessário continuar as boas práticas adquiridas durante os

dias de quarentena. Margarida Pedroso Lima tem até pacientes que dizem: «Agora vai acabar o confinamento e ainda tinha coisas que queria fazer». «Claramente, as pessoas começaram a dar conta da multiplicidade de coisas que podem fazer e melhorar e até de algumas vantagens. Eventualmente, as casas estão mais limpas, muitas coisas foram arrumadas que estavam em baús, por exemplo», explicou.

O peso da responsabilidade social é enorme. Até aqui ouvia-se 'ele que faça'. Agora é diferente, «somos todos importantes, estamos todos juntos, em rede, todos somos responsáveis, e isto é uma coisa positiva que vamos herdar de tudo o que aconteceu».

### Os dois polos que se criam

Com a saída à rua, explica Margarida Pedroso Lima, não se sabe, objetivamente o que vai acontecer. Há, no entanto, algumas certezas: as pessoas precisam de ver outras pessoas, de sair de casa, vai existir mais medo, estranheza e desconfiança, «o que, de certa maneira vai pautar o futuro». E vai existir também «algum fundamentalismo, que é uma tendência bastante comum». Ou seja, haverá a tendência para que as pessoas se posicionem num de dois grupos. Um grupo onde estão os mais otimistas e com sentimento de que o pior já passou e ninguém vai ficar infetado e outro grupo onde estão os mais cautelosos. «Vai haver um bocadinho esta parte crítica em relação aos outros que vão ser menos rigorosos e esta separação entre estas duas formas de estar».

Grupos à parte, as pessoas precisam de sair de casa, «porque isto de estar fechado tem as suas desvantagens – apanhamos menos ar, menos sol, estamos menos felizes em alguns aspetos, algumas pessoas não, mas muitas estão».



Psicóloga diz que apesar do lado bom, as pessoas precisam sair à rua

MAFALDA GOMES

# HÁ POUCOS PSICÓLOGOS PARA RESPONDER À CRISE

Ordem dos Psicólogos defende que é necessário aumentar o número de psicólogos no SNS e que modelo de resposta não cobre as necessidades atuais.

O impacto psicológico da crise provocada pela pandemia começa a sentir-se durante o confinamento e, à medida que a vida vai regressando ao normal, esse impacto tende a demonstrar-se cada vez mais. Para cada 100 mil habitantes existem apenas 2,5 psicólogos em Portugal. E nos cuidados de saúde primários do Serviço Nacional de Saúde (SNS) há cerca de 250 psicólogos, o que, para a Ordem dos Psicólogos, é claramente in-

suficiente, «sendo necessário pelo menos duplicar o número de profissionais disponíveis, salvo diferenças regionais cujas especificidades podem levar a necessidades acrescidas». Só «reforçando o número de psicólogos existentes no SNS e aumentando a possibilidade de acesso dos cidadãos aos serviços por eles prestados» se garante um cuidado eficaz no âmbito da saúde mental dos portugueses.

Além do número insuficiente de psicólogos no país, «a resposta até agora implementada também não tem em conta as consequências e os impactos psicológicos duradouros, com reflexo na produtividade e nos custos de saúde que resultam de crises económicas/financeiras», acrescenta a ordem num documento de reflexão a propósito da estratégia de resposta existente. Este modelo de resposta foi criado em 2017, a propósito dos incêndios de junho e setembro, tratando-se de «um modelo para resposta em catástrofe, e não a uma situação com estas características». Apesar de ter sido adaptada às atuais circunstân-

cias, a reação «não responde às necessidades acrescidas na área da saúde mental».

Neste momento é imperativo garantir o acesso «atempado aos cuidados psicológicos a todos os cidadãos», independentemente da localização geográfica e das condições económicas e sociais, para que situações de «psicopatologia moderada e ligeira, e não apenas as situações de psicopatologia grave, não evoluam para situações graves e crónicas». As consequências de não se garantir um tratamento em tempo útil implica que sejam depois gastos mais recursos do Serviço Nacional de Saúde. E, alertam os psicólogos,

aos profissionais de saúde, professores e forças de segurança deve ser dada especial atenção, sobretudo a situações de stress e ao *burnout*.

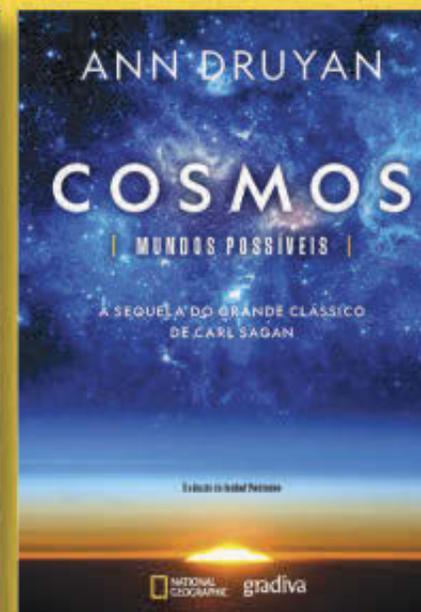
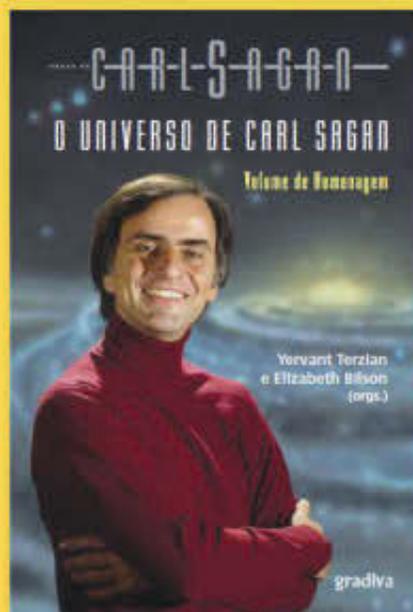
Além disso, a Ordem dos Psicólogos deixa uma crítica ao Ministério da Saúde relativamente «ao serviço de acompanhamento psicológico no âmbito da Linha SNS24, concebido e desenhado pela OPP em parceria com os SPMS (Serviços Partilhados do Ministério da Saúde), a pedido da Sra. Ministra da Saúde», já que não tem existido um «esforço visível de divulgação por parte das autoridades de saúde».

**Rita Pereira Carvalho**



Ainda no âmbito do  
DIA MUNDIAL DO LIVRO  
Vire a página e descubra  
uma nova história!

Receba gratuitamente um exemplar de **O UNIVERSO DE CARL SAGAN** na compra de **COSMOS: MUNDOS POSSÍVEIS**, de Ann Druyan, a continuação da emocionante odisséia que Carl Sagan e Ann Druyan começaram juntos.



Gradiva | ajude-nos a continuar a fazer leitores, lendo. **Compre em [www.gradiva.pt](http://www.gradiva.pt)**  
Campanha online sujeita ao stock existente e ao abrigo da Lei do Preço Fixo. De 30 de Abril a 8 de Maio.

## Foco

# OBESIDADE: PROBLEMA REAL QUE PODE PIORAR

Daniela Soares Ferreira

daniela.ferreira@sol.pt

Os pedidos de ajuda aumentam e a crise pode piorar a situação: com menos dinheiro, a tendência é comprar alimentos mais baratos, que são, à partida, mais calóricos. 'A pandemia pode ser um gatilho para escolhas alimentares piores', assegura nutricionista.

Estar fechado em casa, seja em teletrabalho ou sem tarefas, pode trazer problemas de peso ou agravar os de quem já os tem. O frigorífico e a despensa estão a um passo de distância e, nas idas ao supermercado, há sempre a tendência para trazer um doce ou um *snack*. Isso pode trazer problemas futuros.

Quando a pandemia começou, Fernando Póvoas, médico que trata casos de obesidade, não sentiu uma grande procura por parte dos pacientes, «mas com o avançar dos dias e das semanas, a procura voltou ao normal» e voltou até a ser procurado por pacientes antigos «que, com a imobilidade trazida pelo confinamento no domicílio, estavam a ver-se com grandes dificuldades para manter ou controlar o seu peso».

O problema é geral e estende-se a outros profissionais. Isabel do Carmo decidiu suspender as consultas presenciais a partir de 12 de março e os dois dias anteriores foram uma loucura: nenhum paciente faltou e até apareceram vários sem consulta marcada. Teve então o cuidado de ligar a todos os doentes com consulta agendada, algo que vai fazendo com regularidade. «Penso que é dever de um médico comunicar com os doentes que o solicitem para saber como está, se precisa de receitas, se tem dúvidas... Fiz muitos telefonemas», garante a médica. Mas é algo que não lhe custa: «Para mim, é um prazer, porque vejo que sou útil apesar de confinada e que os doentes se sentem bem com isso».

Também Mariana Abecasis, nutricionista, sentiu que, com o passar dos dias, as pessoas com problemas de peso começaram a ficar mais preocupadas. «Comecei a sentir uma crescente preocupação por parte dos pacientes, que perceberam que esta fase, afinal, não é assim tão pontual e que está a ter impacto no peso e hábitos alimentares. Comecei a ter uma série de pedidos de consulta, quer consultas de seguimento, quer consultas de primeira vez».

O aumento de pedidos de ajuda obriga a uma realidade nova para uns, mas já usada por outros: as consultas *online*. Fazer com que os pacientes não se sentissem abandonados foi uma das principais preocupações de Fernando Póvoas, que começou a fazer consultas por videochamada em meados de março. «Não queríamos que os nossos pacientes se sentissem 'abandonados' ou com os tratamentos interrompidos, e a videochamada foi a melhor

forma que encontramos para manter as consultas».

Também Mariana Abecasis, que já fazia consultas *online* há algum tempo, confessa que a intensidade aumentou. As ajudas mais pedidas estão praticamente todas relacionadas com o mesmo: perder peso.

A preocupação de estar em casa e ver as rotinas alteradas pode causar alguma confusão aos pacientes. «Nesta altura, a principal queixa é a ansiedade por terem perdido a rotina, por incertezas quanto ao futuro», explica Fernando Póvoas. E essa ansiedade pode trazer outros problemas: «Traduz-se em pior qualidade de sono, mais irritabilidade e mais vontade de comer e petiscar entre refeições. A esta crescente vontade junta-se o facto de a despensa e o frigorífico estarem mesmo ali ao lado», acrescenta.

Mariana Abecasis salienta que sempre que acontece uma mudança na vida de alguém, «a alimentação ressent-se e é necessário ajustar um pouco os hábitos até encontrar um novo ponto de equilíbrio». «Sinto que, nesta fase, muitas pessoas que já tinham o seu equilíbrio alimentar conseguido perderam um pouco o controlo com toda a situação que estamos a

**'As pessoas pobres ou empobrecidas vão recorrer à caridade e comprar comida para encher, que é mais barata', diz Isabel do Carmo**



viver e que isso se refletiu em piores escolhas alimentares, aumento de fome emocional e consequente aumento de peso», explica a nutricionista. A justificação é fácil: «Alterações de horários, monotonia diária, mais tempo em casa, sedentarismo, aumento do stresse e ansiedade. Tudo isso faz com que a alimentação, apetite e necessidades fiquem alteradas, e nem sempre é fácil gerir tudo isto».

No caso de Isabel do Carmo, a maioria dos pedidos estão relacionados com receitas de medicamentos que estão a chegar ao fim, mas também, «em alguns casos, pedidos de conselhos alimentares». A especialista considera que «as pessoas que têm pré-obesidade ou obesidade estão tão preocupadas com o aspeto físico como antes da pandemia».

A opinião é partilhada por Fernando Póvoas e Mariana Abecasis. «Acredito que as pessoas se sintam mais preocupadas por se aperceberem que esta fase se torna mais complicada para manterem o processo de perda

de peso que vinham a fazer», afirma o médico.

E se é verdade que o confinamento pode levar a que as pessoas comam mais e abandonem dietas e medicação, estes especialistas ouvidos pelo SOL não têm conhecimento de qualquer caso desses entre os seus pacientes. «Não sinto que as pessoas tenham vontade de desistir, apenas enfrentam novas realidades», explica Póvoas.

Apesar de admitir que «algumas pessoas que têm em casa alimentos hipercalóricos estão a picar mais por estarem em casa», Isabel do Carmo tem casos de sucesso nesta quarentena. «Alguns dizem-me que já perderam peso. Isso deve-se a ter tido a sabedoria de só se abastecerem dos alimentos necessários e dispensarem os extras, tipo luxo alimentar: bolachas, doces, sumos, molhos...»

**Como será o futuro?**

Os dados são alarmistas: um estudo do ano passado do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto revela que 60% dos portu-



**Confinamento leva pessoas a consumirem mais alimentos calóricos e pode piorar problemas de obesidade**

gueses são obesos ou estão em risco de o ser. No mesmo ano, um estudo da OCDE mostra que Portugal ocupa o 4.º lugar dos países da OCDE com população mais obesa. Mas estes valores podem piorar no futuro. Isabel do Carmo é coautora do estudo da Universidade do Porto e não tem dúvidas: «**Revela números assustadores, tanto de obesidade como de pré-obesidade, aquilo que se costuma chamar excesso de peso. Em dez anos, a obesidade passou para o dobro**», alerta.

E, depois da pandemia, os números podem aumentar: «**Temos menor prática de atividade física e maior procura por alimentos de conforto emocional, como bolachas, doces e snacks salgados, que são, naturalmente, mais calóricos**», avisa Fernando Póvoas – uma opinião que é partilhada por Mariana Abecasis. «**A pandemia pode ser um gatilho para fazer escolhas alimentares piores, para aumentar a fome emocional e situações de compulsão alimentar e, consequentemente, levar a um aumento**

**de peso**», alerta a nutricionista. «**Se não houver uma consciência e um cuidado, a pandemia poderá ser um fator agravante para os números da obesidade**».

No entanto, Fernando Póvoas recorda que, «**comparativamente com outros países europeus, o nosso confinamento foi bem mais reduzido para a saúde e para a economia**», algo que considera positivo. Mas alerta: «**O aumento da obesidade e do excesso de peso traz, agarrado a si, o agravamento e aumento de um número enorme de patologias, desde as osteoarticulares, metabólicas, cardiovasculares...**»

#### **Crise também fomenta obesidade**

Mas o problema não é só o confinamento. A crise económica trazida pela covid-19 pode ser também um ponto de partida para diversos problemas de excesso de peso: menos dinheiro leva a que as pessoas comprem alimentos mais baratos e, tendencialmente, mais calóricos. O alerta é dado por Isabel do Carmo: «**Com a**

pandemia, é expetável que os números aumentem. Em países desenvolvidos, como o nosso, quanto mais pobreza, mais obesidade. A população europeia, nomeadamente a portuguesa, não vai ‘apertar o cinto’, mas sim alargá-lo».

Armazéns do Banco Alimentar e caixas solidárias vazios representam uma certeza para Isabel do Carmo: «**Estamos a ter os novos pobres: atores, precários despedidos, empregados do pequeno comércio, empregados do turismo, pessoas que vivem do aluguer de quartos... Talvez fosse a altura de as grandes empresas, as grandes fortunas, os bancos se juntarem para dar a cada cidadão português o suficiente para viver dois meses. O que são 10 milhões?!**», questiona. Mas diz saber que não será assim: «**As pessoas pobres ou empobrecidas vão recorrer à caridade e comprar comida para ‘encher’, que é mais barata. Não vão comprar nem fruta, nem vegetais, nem iogurtes, nem peixe. Mas comprarão um bolo, que é barato e que as consolará. E haverá quem atire a primeira pedra?**».

Na Adexo – Associação de Doentes Obesos e Ex-Obesos de Portugal, a preocupação é a mesma: «**Sabemos que a obesidade predomina nos escalões mais baixos da sociedade e que fazer uma alimentação saudável onera o orçamento familiar. Daí que se opte por alimentos mais baratos que, por norma, são mais calóricos. Ora, perante uma situação de crise que vamos certamente viver, motivada pelo desemprego que já está no terreno e que se anuncia mais severo, é evidente que os números da obesidade vão aumentar**», explica ao SOL Carlos Oliveira, presidente da Adexo. Na sua opinião, para já, «**ninguém pode avaliar o impacto deste desastre sanitário nem os efeitos da paralisação económica motivada pelo isolamento. Mas estamos certos de que vêm aí tempos difíceis que trarão consequências negativas para a saúde da população, designadamente nos doentes crónicos, em que se inclui a obesidade**».

Tal como aconteceu com as consultas dos especialistas, também a Adexo tem recebido alguns pedidos de ajuda, principalmente de não associados, para tentarem perceber o risco da covid-19 para pessoas com obesidade.

## ‘Vergonha’ de destruir comida vai ser maior

**Há mais de um mês que o Exército tem ajudado a distribuir refeições a pessoas que agora têm de optar entre pagar a renda ou a alimentação.**

Com a aproximação do fim do estado de emergência, a 2 de maio, a Refood foi uma das associações que decidiram traçar um novo plano de ação para os mais de 60 núcleos espalhados por todo o país, que envolvem cerca de 7 mil voluntários. O fundador da Refood explicou ao SOL que «**o mais direto e mais fácil**» é trabalhar com os restaurantes; porém, a partir de agora, a Refood vai traçar um plano que lhe permita tornar a fonte dos alimentos mais diversificada, como eventos, refeições ou a grande distribuição. Apesar de já trabalharem com alguns destes setores, Hunter Halder alerta que há ainda muito a fazer, nomeadamente em relação à grande distribuição, que tem agora uma oportunidade para agir no que diz respeito à «**destruição sistemática de comida em perfeitas condições**». «**Daqui a dois ou três meses vai haver tantas pessoas necessitadas que a vergonha de destruir comida em vez de doar vai ser muito mais grave**», garante o fundador da organização, que afirma que a única coisa que impede as grandes superfícies de doar é o medo.

Também as câmaras municipais têm vindo a mobilizar recursos para ajudarem na distribui-

ção de comida a pessoas mais necessitadas, tendo, por exemplo, a Câmara Municipal da Amadora disponibilizado cerca de 450 refeições diárias aos alunos mais carenciados. Também a Câmara Municipal de Braga tem vindo a fornecer diariamente cerca de 30 refeições escolares, 100 a cantinas sociais e 300 a instituições.

A pedido da Câmara Municipal de Lisboa, também o Exército tem vindo a ajudar na distribuição de refeições não só a pessoas sem-abrigo como a pessoas que, não estando nessa situação, são também carenciadas, «**que têm de optar: ou pagam a renda ou conseguem comprar a alimentação. E há muitas pessoas nessas circunstâncias**», diz ao SOL fonte oficial do Exército português. Começaram por ser cerca de 50 refeições distribuídas; porém, consoante o sítio onde são distribuídas, são já 250 ou 350 refeições. Todos os dias, duas equipas do Exército ajudam a distribuir o almoço e o jantar confeccionados pela Santa Casa da Misericórdia. No total são distribuídas cerca de 1250 refeições no Largo do Cabeço da Bola e na zona de Santa Apolónia. Desde dia 28 de março foram distribuídas cerca de 30 570 refeições, não estando previsto o fim da distribuição.

**Ana Teresa Banha**



**CML pediu apoio ao Exército**

## Diário de uma família

# QUATRO IRMÃOS EM QUATRO PAÍSES

Sónia Peres Pinto

sonia.pinto@sol.pt

O SOL continua a acompanhar todas as semanas a família Moreira da Cruz. Quatro irmãos a viver em quatro países contam o seu dia a dia e as diferentes formas como está a ser encarado o combate à pandemia da covid-19, bem como as restrições que enfrentam e como comunicam entre si. Filipa vive em França (Saint-Malo), Joana em Itália (Verona), Diogo no Reino Unido (Londres) e Inês em Portugal. O reencontro ainda não tem data marcada.

### FILIPA MOREIRA DA CRUZ

## O vírus com várias cores

No país onde vivo há três assuntos tabu: a política, a religião e o dinheiro. Paradoxalmente, os nativos têm opiniões bem formadas acerca dos três e expõem-nas com facilidade nas redes sociais ou em conversas de café, mas raramente em reuniões familiares. Os franceses adoram comentar a atualidade política e criticam todos os partidos: da extrema esquerda de Mélenchon à extrema direita de Le Pen. Pouco tempo depois de ser eleito, o presidente da República é sistematicamente posto à prova, até mesmo pelos que votaram nele. Faz parte do jogo. Perverso e invasivo.

Contrariando outro dos tabus, são muitos os franceses que se julgam doutorados em cristianismo, islamismo e judaísmo. Curioso, num país que se assume como laico. Ou talvez não. A França deve ser o Estado-membro da União Europeia com mais mesquitas e sinagogas. A liberdade religiosa é tão importante que existe mesmo um artigo na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789. Quanto ao dinheiro... ninguém fala! Não se diz quanto se ganha nem quanto se gasta. Até há pouco tempo, era inapropriado perguntar-se o ordenado na primeira entrevista de trabalho.

A situação que vivemos é única. A realidade superou a ficção. E tudo muda, da noite para o dia. Literalmente. O 'normal' passou a ser aberrante e o impensável passou a ser 'normal'. E isto também se aplica à trilogia dos temas a evitar numa conversa.

Portugal tem sido apontado como um exemplo na gestão da pande-

mia. Isto deve-se, em parte, à união de todos os partidos políticos para combater a covid-19, algo que contrasta com o cenário em França e, até mesmo, na vizinha Espanha. São vários os amigos estrangeiros que me dizem que os Portugueses são solidários, unidos e civilizados. Segundo eles, o Governo agiu atempadamente, evitando a catástrofe. Os políticos lusos puseram de lado as divergências para derrotarem juntos o vírus. Talvez não seja exatamente assim, mas quem sou eu para contrariar esta versão romanizada do 'milagre' português!

O Ramadão já começou (jejum praticado pelos muçulmanos que dura entre 29 a 30 dias) e será difícil controlar o isolamento social, sobretudo a partir do pôr do sol. Partilhar a refeição com a família e os amigos é o momento mais esperado do dia. Habitualmente, a última oração é realizada em grupo. Impedir que tal aconteça vai ser um desafio quotidiano. A polémica está lançada e não há consenso. Há autarquias que já avisaram que o controlo será ainda mais apertado, enquanto outras mostram-se mais tolerantes.

A economia está adormecida, mas as despesas dispararam. O rendimento familiar de muitos lares franceses tem-se mostrado elástico perante o aumento do consumo de água, gás e eletricidade. Mas até quando? As idas ao supermercado são frequentes e os preços dos alimentos aumentaram. Fruta, legumes, carne e peixe estão mais caros. As típicas promoções do género 'pague 1 e leve 2' escasseiam. Basta comparar a fatura do mesmo sítio

antes e depois do confinamento. De nada serve ao Governo insistir que não houve qualquer aumento. A carteira fala mais alto. São cada vez mais as pessoas que não têm condições nem para comer. Reformados, famílias monoparentais, jovens universitários, desempregados fazem fila à porta das instituições francesas que distribuem comida. De repente, falar de dinheiro deixou de ser tabu para passar a ser primordial. Fazem-se contas à vida.

Vida essa que está em suspenso para uns e enterrada para outros. Mas o tempo não para, caprichoso e provocador: As férias da Páscoa terminaram e o 3.º período começou em casa, pela primeira vez! Na pequena escola em frente à praia que os meus filhos frequentam as professoras prepararam uma pasta para cada aluno com um *dossier*, várias fichas, um livro (a Mathilde está desejosa de ler **O rei que não queria reinar!**) e dois cadernos. Tudo oferecido. Do 1.º ao 5.º ano quase todo o material é fornecido pelas autarquias. Os encarregados de educação só pagam a cantina e o valor da mesma é calculado todos os anos com base na declaração dos impostos.

Desde o início do ano letivo, os meus filhos têm acesso à plataforma digital *'mon école'* que é destinada aos alunos do 1º e do 2º ciclos. Cada um tem o seu código e pode realizar livremente as atividades propostas de acordo com o ano que frequenta. Basta um clique para terem acesso ao jornal júnior; à palavra do dia, à visita virtual de um museu, à viagem por um país no



mundo, à descoberta de uma obra de arte. E, obviamente, aos exercícios de francês, problemas e jogos de matemática, pesquisas históricas, experiências científicas e vídeos explicativos. A rotina manteve-se praticamente inalterada. No entanto, as professoras passaram a personalizar, na plataforma, as mensagens destinadas a cada aluno, tendo em conta o trabalho realizado por cada um deles. Ambas têm demonstrado um enorme esforço e dedicação. Para além disso, comunicam com frequência por e-mail onde apresentam as correções das fichas e dão explicações sobre as matérias mais difíceis.

O Stan sempre gostou muito das ciências exatas e a matemática é a sua paixão. A Mathilde sai a mim. Gosta muito de escrever; tem um espírito rebelde e criativo. Ou isso pensava eu! Desde que, no ano passado,

começou com o 'método de Singapura' passou a preferir a matemática, como o irmão. Não me admira! Com esse método até eu deixei de ter medo dessa disciplina. Ainda assim, a minha filha continua a inventar histórias e a escrever no diário que a tia Inês lhe ofereceu no Natal. A sua professora envia, todas as semanas, o 'jornal da quarentena' onde partilha os trabalhos realizados pelos alunos (à distância) e as notícias da turma. A Mathilde participa assiduamente com prazer. Inventou a história do 'vírus com várias coroas', fez um mini livro com *origami*, realizou um vídeo na cozinha a fazer madalenas... Tudo é pretexto para passar o tempo e esquecer a razão pela qual somos forçados a ficar em casa. Ou não tivesse ela dito um dia que **«deveríamos morrer todos muito velhinhos, durante o sono, sem sofrer»**.

**JOANA MOREIRA DA CRUZ**

## ‘La pasta’ não pode faltar

O primeiro-ministro Giuseppe Conte anunciou que o país dará início à fase 2 no dia 4 de maio. A partir dessa data, as pessoas terão mais liberdade nas deslocações, sempre com máscara e luvas, não podendo, no entanto, sair da região onde residem. As únicas exceções são por motivos laborais ou de saúde. As empresas e fábricas do norte do país vão reabrir também nessa data. Apesar da pressão feita por parte dos pequenos comércios, até nova ordem, estes permanecerão fechados. Quanto à escola, só mesmo em setembro.

O isolamento social começa a ser longo, mas nós vamos arranjando forma de nos entreter e, acima de tudo, de preservar a nossa sanidade mental. São cada vez mais frequentes os episódios caricatos. Alguns, no mínimo, originais. O mais peculiar dos últimos dias é protagonizado por casais a passear na rua completamente nus, tendo como único acessório a máscara. Sim, sim, leram bem! Quando a Polícia lhes pede os documentos os vizinhos à janela gritam:

– Documentos, quais documentos?! Não vêm que eles estão nus? Não têm sítio para guardar o cartão de identidade!

Não me vou alongar nos detalhes sórdidos nem escrever os palavrões lançados às autoridades. Parece uma cena de uma comédia italiana bem apimentada. Entre risada, gritaria e incredulidade fico sem saber se estes atos são uma provocação ou fruto da situação ‘anormal’ que vivemos.

Os homens precisam de estar ocupados e sentir-se úteis. E eu consigo sempre ter ideias para pôr o meu marido a trabalhar! Mas desta vez a iniciativa foi dele. Decidiu arranjar a pérgula da varanda e eu concordei. Primeiro passamos a lixa nas traves de madeira e depois pusemos o verniz, em duas camadas. Ficou como nova! Agora dá gosto sentar-me na cadeira de baloiço a olhar para a pérgula.

A varanda dá para um pátio interior onde se alinham as garagens, uma para cada condómino. Há dias que venho a reparar em crianças, cerca de oito, que che-



gam ao pátio ao fim da tarde. Trazem raquetes e bolas. Jogam, brincam, divertem-se. Descontraídas e despreocupadas. Ocupam o espaço outrora vazio. Começo a conhecer alguns rostos e até os nomes que vou ouvindo ecoar. Não são sempre as mesmas crianças todos os dias. Parece que se organizam para evitar serem demasiadas ao mesmo tempo. Até agora nunca houve briga nem zaragata. De repente, senti uma vontade de ser criança de novo. De jogar ao ‘Mata’, à ‘Linda Falua’, ao ‘Macaquinho do Chinês’ ou à ‘Mamá dá licença’.

Desde que ficámos em isolamento sou sempre eu quem vai às compras. Antes não gostava muito e adia a ida ao supermercado. Conseguia sempre arranjar maneira de cozinhar com os poucos alimentos que tinha em casa. Mas agora até isso mudou. Fico desejosa por ter um motivo para sair. Ir às compras passou a ser quase tão bom como ir ao cinema. Vou uma vez por semana de carro. Levo máscara e luvas. Espero à porta a minha vez para poder entrar e guardo a distância. Uma vez dentro da loja, encontro tudo o que preciso, desde fruta e legumes frescos até peixe ou carne. Por enquanto, não falta nada.

Esta semana, quando estava na fila da caixa vejo, à direita, umas cordas de saltar penduradas. Nem hesitei! Tirei uma. Depois voltei para trás e fui buscar outra para o meu marido. Assim que cheguei a casa e mostrei as cordas, e o meu marido apressou-se a perguntar:

– ‘La pasta’?

Claro que não me tinha esquecido. Nenhum italiano que se preze sobrevive sem massa. Pendurei a minha corda na porta da cozinha e olhei para ela a pensar ‘será que ainda sei saltar?’

Na manhã seguinte, logo após o pequeno-almoço, estava pronta para descer ao pátio com a corda na mão. Feliz como nos tempos de escola quando a campanha tocava para o recreio. O pátio estava deserto. A princípio, saltava timidamente. Fui ganhando confiança e percorri o pátio na diagonal, sempre aos saltos. A corda de sisal é resistente e eu gosto do barulho que faz ao bater no chão. Vi uma criança que me espreitava pela vidraça.

Aquele lugar aos poucos ganhou uma nova dimensão. Deixou de servir apenas de acesso às garagens e passou a ser palco de pura diversão. Vou voltar. Está combinado!

**Gosta de aulas?  
Então aqui estão elas!  
Mais de 100!**

Durante esta quarentena  
as suas aulas estão na sua casa



[WWW.FITNESSHUT.PT](http://WWW.FITNESSHUT.PT)



LES MILLS  
ON YOUTUBE



FITNESS HUT  
LIVE CLASSES  
INSTAGRAM



FITNESS HUT  
LIVE CLASSES  
YOUTUBE

# Diário de uma família

**DIOGO MOREIRA DA CRUZ**

## Escolas fechadas tudo bem. Agora pubs?

Esta semana o Boris Johnson voltou ao ativo, após dias difíceis a recuperar da covid-19, reapareceu em conferência de imprensa, com um ar formidável e cheio de energia.

O Reino Unido atingiu esta semana mais de 26,000 mortes devido à covid-19, números tristes e que demonstram que as medidas tomadas foram tardias e pouco drásticas. Ainda faltam testes, mas o Governo prometeu garantir 100.000 testes por dia até ao final de abril. O objetivo não deve ser atingido, mas é bom ver que já se fazem mais de 50,000 por dia, com prioridade a pessoal hospitalar e funcionários de lares.

A economia parada deixa notório o cenário de crise profunda, e o primeiro-ministro vai seguir o rumo de tantos outros países, preparar um plano de reabertura da

atividade económica. Será tudo faseado, e ainda não existe um plano final, mas espera-se a reabertura de algum comércio durante o mês de maio.

No meio da discussão de afinal o que deve reabrir e quando, o povo inglês mostrou a sua vontade: «**Os pubs devem abrir o quanto antes**». A vontade de pubs abertos é tal que o Governo foi obrigado a dizer que os pubs terão provavelmente restrições até ao final do ano. Foi também anunciado esta semana, que quando reabrirem os pubs vão ter limite de bebidas alcoólicas que poderão servir por cada cliente.

Eu já estou em Londres há 9 anos, mas admito que há coisas culturais que ainda hoje me espantam. Tive que ler e investigar o fundamento de tais notícias, já que achei que a validade das mesmas teria seme-

lhança com o avistamento de óvnis. Mas afinal de contas, era tudo verdade e esta semana deixou-me zozinho. Não bastando o Trump dizer que injetar desinfetante seria o milagre desejado da cura para a covid-19, temos o UK em convulsão social porque os *pubs* estão fechados.

O problema é tal que as autoridades locais têm que fazer raids aos pubs, onde têm encontrado clientes escondidos debaixo de balcões e armários. Vale tudo para ir beber, porque a cerveja terá outro sabor e em casa já há conflitos incontornáveis. A opção parece ser, ou cometer um crime grave em casa, com uma bebida que nem sequer traz o sabor de 'vitória', ou ir ao pub de forma clandestina, bebendo até cair no local que lhes é mais familiar e onde podem 'competir' com outros bebedores, quem é que cai primeiro.



Mas há esperança, quando se fala de escola, isso sim Sr. Mantê-las fechadas é a opinião do povo, afinal há que ter cuidado em conter esta pandemia, por que não fazê-lo através da parte da população menos

afetada, e que não está comprovada propagar a mesma?! Os pubs é que não terão risco nenhum, porque aquilo são locais de culto e com níveis de álcool capazes de desinfetar um bloco operatório.

**INÊS MOREIRA DA CRUZ**

## Amor de mãe não tem limites

Aqui em casa continua a rotina desde que começou a quarentena. O meu marido é o único que vai trabalhar e eu ocupo-me das tarefas domésticas e do meu filho. Faço praticamente tudo com prazer, menos as refeições. Detesto cozinhar, como todos na família! A única exceção é o meu pai. Ainda me lembro dos animados almoços ao fim de semana em que comíamos feijoada, ervilhas guisadas, arroz de tomate com pataniscas, pastelão de bacalhau, bifés de cebolada... E que dizer das sobremesas! O meu pai preparava faróffias, arroz doce, aletria e outros doces portugueses de colher. Os bolos e as trufas de chocolate ficavam a cargo da minha irmã Filipa. O meu marido também gosta de preparar petiscos, mas eu tenho mais sorte que a minha mãe porque a cozinha fica sempre imaculada!

O meu filho adaptou-se bem à escola em casa, embora haja dias em que tenha menos vontade. Assim que começa a acusar o cansaço intelectual fechamos livros e cadernos e pomos a ginastacar. O meu sobrinho partilhou connosco o 'abe-

cedário da ginástica'. É simples e divertido: cada letra tem uma série de exercícios físicos correspondente. Por exemplo: a – Saltar 10 vezes ao pé coxinho; b – Correr 20 segundos sem sair do sítio; c – Fazer 5 flexões e isto até chegar ao Z. Cada um escolhe uma palavra e devemos fazer os exercícios atribuídos a cada letra. Eu opto por pai, mãe, casa para não me cansar, enquanto a criança de 6 anos cheia de energia prefere futebol, Benfica, família e coronavírus.



O Diogo não tem irmãos e, para seu grande desgosto, os três primos vivem longe. O Natal e o Verão não chegam para matar saudades. Felizmente, as redes sociais permitem reduzir a distância e quando falam ao telefone ou fazem chamadas por vídeo parece que estiveram juntos no dia anterior! Acontece exatamente o mesmo quando comunico com os meus irmãos. No início do isolamento social criamos o grupo 'Manos' no WhatsApp onde partilhamos vídeos, histórias dos países

onde vivemos, mensagens de força e reconforto. A Joana põe-nos a dançar ao som de música italiana e o Diogo faz-nos rir com o humor inglês. Várias vezes fazemos chamadas coletivas e eu oiço o meu cunhado francês perguntar: «**Filipa, o que é que aconteceu, por que é que estás aos gritos?**». Em contrapartida, o meu cunhado italiano não estranha tanta risada ou choro. É latino e está habituado a expressar as emoções como nós.

O facto de passar muito tempo com o meu filho permite-nos estabelecer uma grande cumplicidade. Ele é curioso e faz muitas perguntas. Quer saber que tipo de criança era eu, quais as brincadeiras que fazia com os meus irmãos, como eram os avós como pais. Um dos seus sonhos é andar de avião para visitar a família. Não tem sorte porque eu e o meu marido detestamos este meio de transporte. Eu tenho uma verdadeira fobia!

Ainda me lembro da viagem aos Estados Unidos. Tinha 16 anos e fui com a Filipa visitar a Joana. O voo Lisboa – Londres foi rápido. Passa-

mos a noite na capital britânica num hotel mesmo ao lado do aeroporto. A minha irmã desfrutou do sono dos justos, mas eu não preguei olho a noite inteira, apavorada com o voo do dia seguinte. Londres – Atlanta: a viagem mais longa da minha vida! Tempestade, turbulência, bandejas a cair, pessoas a vomitar, hospedeiras coladas aos assentos... As minhas mãos ora estavam suadas ora estavam geladas e eu não parava de beber água e comer amendoins. Ainda hoje não entendo como a minha irmã foi capaz de ver filmes, escolher o menu e falar em inglês com a vizinha do lado. Tudo isto durante uma viagem apocalíptica!

Apesar desta experiência digna de um filme de terror prometi ao meu filho fazer um esforço para ultrapassar a minha aversão aos aviões. Iremos a França para estar com os primos, passaremos férias na doce Itália e visitaremos a família que está em Londres. Amor de mãe não tem limites e a pandemia ajudou um bocadinho. Temos que aproveitar todos os momentos da vida junto dos que mais contam.

# Conta-me como vai ser

## O que estamos a aprender com esta pandemia?

Para travarmos o avanço do surto de covid-19, em Portugal, e mantermos a segurança das comunidades educativas, a partir da segunda quinzena de março, todos tivemos subitamente de nos adaptar. As escolas nunca pararam de funcionar, mas reinventaram-se em poucos dias para continuar a cumprir o papel fundamental que têm nas nossas sociedades.

Por um lado, mantivemos em cada território uma escola aberta, de forma a garantir a alimentação diária de vários milhares de alunos em situações mais vulneráveis, assim como o acolhimento de centenas de filhos de profissionais dos serviços essenciais. Por outro lado, suspendemos todas as aulas presenciais para mais de um milhão de alunos, reconstruindo os processos de ensino, aprendizagem e avaliação, com o apoio de diversos meios de comunicação, sobretudo da internet e da televisão, mas quando necessário também dos telefones e dos correios.

O principal desafio que tem norteado a nossa ação é o de promover o desenvolvimento e o bem-estar de todas as crianças e jovens, nestas circunstâncias. Temos a noção de que os meios telemáticos permitem hoje inúmeras ferramentas estimulantes para o ensino e a aprendizagem. Mas sabemos também das desigualdades que subsistem no seu acesso e na sua utilização. Por isso, reforçamos as oportunidades de formação de professores em ensino a distância e estamos a desenvolver um novo programa que garanta o acesso universal a equipamentos e internet.

Ainda assim, sabendo do tempo que implicam estes processos e também das necessidades de termos vários canais e redundâncias para proporcionar aprendizagens a todos os nossos alunos, criámos em poucas semanas uma oferta diversificada de conteúdos pedagógicos, em canal aberto, na RTP Memória, cobrindo os vários ciclos e áreas disciplinares do ensino básico.

Entretanto, temos mantido um diálogo contínuo com os governos dos restantes países europeus, no sentido de conhecer e partilhar as melhores práticas. Na generalidade dos casos, foram suspensas as aulas nos ensinos básico e secundário, tendo-se desenvolvido modelos de ensino a distância. Foram também adiados e reduzidos os exames nacionais. A reabertura das escolas, ainda no presente ano letivo, está agendada apenas em cerca de metade dos países europeus e, mesmo nesses, ocorrerá de forma muito limitada e gradual, começando nuns casos pelos alunos nos anos terminais do ensino secundário, noutros casos pelos ciclos educativos iniciais.



**TIAGO BRANDÃO RODRIGUES**  
MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Não negligenciamos os enormes desafios que se têm colocado aos professores, aos alunos e às famílias, no nosso país, mas também nunca subestimámos a sua enorme dedicação e capacidade de adaptação criativa, hoje reconhecidas por todos. Esta capacidade é, ela própria, propiciadora de novas aprendizagens. Sublinho aqui duas que já são hoje evidentes. Muitos professores e alunos têm vindo a desenvolver competências muito mais avançadas para trabalhar, ensinar e aprender, através de meios digitais. Muitas famílias estão hoje mais envolvidas nos processos educativos, acompanhando as aprendizagens dos seus filhos, comunicando com os seus professores pelo

dário, tendo-se desenvolvido modelos de ensino a distância. Foram também adiados e reduzidos os exames nacionais. A reabertura das escolas, ainda no presente ano letivo, está agendada apenas em cerca de metade dos países europeus e, mesmo nesses, ocorrerá de forma muito limitada e gradual, começando nuns casos pelos alunos nos anos terminais do ensino secundário, noutros casos pelos ciclos educativos iniciais.

**Muitas famílias estão hoje mais envolvidas nos processos educativos, acompanhando as aprendizagens dos seus filhos, comunicando com os seus professores pelo telemóvel**

telemóvel, aprendendo (ou relembrando) através da televisão.

Nada disto invalida os constrangimentos e limitações das soluções atuais. Por isso, estamos a trabalhar com as autoridades de saúde, no sentido de voltarmos às aulas presenciais logo que as condições sanitárias o permitam e com as escolas mais bem preparadas para prevenir contágios e intervir aos primeiros sintomas. E quando isso for possível, vamos obviamente centrar-nos na recuperação de aprendizagens essenciais que não foram possíveis durante este período. Por agora, devemos concentrar-nos no (muito) que podemos ensinar e aprender a distância.



Ministério criou em semanas conteúdos que passam na RTP

BRUNO GONÇALVES

**INTERNATIONAL CLUB OF PORTUGAL**  
*Joining Cultures*

Main Sponsor

Gold Sponsors

Media Partners

O Mundo todo num só Clube!

[www.icpt.pt](http://www.icpt.pt) | 
 [+351 211 320 413](tel:+351211320413) | 
 [91 333 00 55](tel:+351913330055) | 
 [geral@icpt.pt](mailto:geral@icpt.pt) | 
 [geral.icpt@gmail.com](mailto:geral.icpt@gmail.com)

## Conta-me como vai ser

# Convergingo para um novo modelo bancário na nova era pós-Covid 19?

Desde que se instalou o atual cenário desta pandemia na qual navegamos que os bancos focados no seu papel/apoio à atual crise do covid-19 têm estado debaixo dos holofotes. É certo que opiniões e considerações políticas à parte, as mais altas figuras da nação pronunciaram-se logo avivando a memória que, por contraposição ao que se passou em 2008 em que os bancos foram os principais responsáveis pela crise do sub-prime que afectou e muito os países do sul da Europa, neste momento de 2020 competia à banca 'retribuir' aos portugueses aquilo que lhes fora concedido em 2008 'soit-disant'. Não obstante o negócio bancário se ter equilibrado desde então apesar dos sobressaltos do BPN e do BES, em que os bancos foram chamados a contribuir para o fundo de resolução e as taxas de juros cada vez mais 'desinteressantes' provocando margens cada vez mais reduzidas, o certo



**PAULO SOARES DE OLIVEIRA**  
PSO KNOWLEDGE /FORUM  
FINANCEIRO OUTLOOK

é que a banca conseguiu equilibrar-se apesar da entrada em campo nos últimos tempos das Fintechs / Start-Ups e dos Neobanks, do aumento das medidas regulatórias e dos crescentes requisitos de capital.

Logo após o soar dos alarmes na passada sexta-feira 13/03, os bancos foram 'sensibilizados' para apoiarem os 'portugueses' em questões como as moratórias, o crédito/apoios as famílias e estarão a tentar dar resposta a todas as questões relacionadas

com o *day-after*, trabalhando em cenários diversos pós-crise que para muitos é uma verdadeira incógnita e deve-se colocar/posicionar em diversas frentes possíveis incluindo a de um 'ressuscitar' deste ou outro vírus.

O que é certamente menos conhecido e merece uma atenção especial, assenta no novo paradigma à volta do qual se hierarquizará o modelo de negócio operacional de uma instituição bancária e nos quais os bancos se encontram num processo de aceleração que passa também pela imagem de bancos do futuro... É inquestionável que há muito se discute, e certamente todos já ouvimos nos fóruns e na imprensa, a 'transformação digital' da banca /*open banking* ou a era da disrupção que o setor financeiro enfrenta, mas não menos certo é que o momento atual veio acelerar este processo pondo em cima da mesa duas questões fundamentais: em que me-

da estavam as instituições bancárias preparadas para uma hecatombe que de um dia para o outro surpreendeu o mundo, impondo um recolher obrigatório a todos as empresas e uma portabilidade da essência do seu negócio para casa dos trabalhadores com base do teletrabalho, permitindo assim o acesso por parte dos trabalhadores ao core das suas atividades como se estivessem no 'banco' e obrigando a que de imediato centenas de milhares de trabalhadores de um banco pudessem aceder à rede da sua instituição a partir de casa (caso do Millennium BCP, Caixa e noutro contexto alguns bancos espanhóis que já haviam desenhado uma solução deste género em caso de catástrofe natural género sismo), mas também do papel das agências bancárias no novo modelo de paradigma do 'digital' em que a tendência será para um 'robot' bancário se substituir ao empregado do balcão e ao aparecimen-

to gradual dos bancos tecnológicos, também chamados de Neobancos na gíria bancária casos do n26, Monese, Revolut e mais recentemente o Moey ('nascido' do banco de cariz agrícola Crédito Agrícola). Como terceiro eixo de reflexão, impõe-se debruçar sobre o 'upscale' que numa lógica de escala quebrará as barreiras entre os vários departamentos de um banco fazendo evoluir os bancos para uma profunda transformação que os posicionará na linha de concorrência com os 'emergentes' ou os bancos tecnológicos onde se incluem, entre outros, os mencionados anteriormente.

É certo que a maioria dos bancos já trabalha nestes pontos mas todos terão de acelerar este processo, que se encontra a meio caminho para muitos deles, sob pena de perderem a sua competitividade num mercado exíguo e onde as margens são cada vez mais apertadas.

## Aeroporto de Lisboa: aproveitar o tempo de crise para melhorar a decisão

O momento atual dificulta a realização de projeções, dada a incerteza do impacto socioeconómico da pandemia que nos assola. Com maior ou menor intensidade, todas as economias serão afetadas e a crise obrigará a repensar o investimento público, num equilíbrio entre apoiar os mais afetados e relançar a economia.

O futuro do tráfego aéreo ver-se-á afetado durante tempo incerto por receios da população e pela redução da atividade económica. No entanto, as premissas do crescimento anterior (baseadas no turismo) manter-se-ão válidas. Os desafios pré-crise do aeroporto de Lisboa, como o geral aumento europeu de capacidade/major alcance dos aeroportos, mais diretamente, a ascensão de Barcelona a *hub* do 1.º escalão concorrendo pelos mesmos mercados, mantêm-se. Os projetos em curso na



**JOSÉ FURTADO**  
ENGENHEIRO

maioria serão concluídos nos próximos dois anos.

Tendo em conta estas premissas, o investimento aeroportuário deve ser analisado novamente:

**1.** O principal motivo para o governo apoiar o aeroporto no Montijo era a urgência da decisão, já que a Portela estava no limite da capacidade. O Governo alegava falta de tempo para anali-

sar outras propostas de talvez melhor interesse para o país. A atual crise fez-nos ganhar uma janela temporal que nos permite evitar erros graves.

**2.** A crise atual veio demonstrar a importância da conectividade aérea na competitividade e no abastecimento de produtos de primeira necessidade. Plataformas aeroportuárias mais eficientemente entrosadas com polos industriais-logísticos e interligadas por vias ferroviárias e rodoviárias serão um requisito básico e essencial de competitividade.

**3.** O investimento deve ser produtivo, potenciando o já existente, numa visão de longo prazo que evite sobrecustos e/ou duplicações. Simplicidade, transparência e participação da sociedade serão os essenciais para o rápido avanço de investimentos.

É nesse sentido que voltamos a reiterar que a opção HUB Alverca-Portela apresenta-se como a opção com melhor custo-benefício. Deixando os critérios técnicos que a tornam viável à parte, assim como a perigosidade da pista Montijo, os pontos-chave desta opção são:

**a)** Aproveitamento de uma base aérea disponível em Alverca, sem o pesado custo de mudança operacional;

**b)** A proximidade da cidade, a profusão de acessos rodoviários, e a conexão à principal linha ferroviária do país, quadruplicada até Alverca;

**c)** O entrosamento no principal núcleo logístico Bobadela/Alverca/Azambuja e no *cluster* aeronáutico OGMA-TAP Engineering;  
**d)** Evitar a renegociação de taxas

aeroportuárias, ao não haver diferença entre plataformas para as transportadoras aéreas e satisfazer as regras concorrenciais EU;

**e)** Evitar investimentos de curta duração como o alargamento da Portela ou o aeroporto do Montijo que será sempre temporário;

**f)** A melhoria da saúde e bem-estar da população ao desviar 75% do tráfego sobre Lisboa para uma pista em Alverca com trajetórias de aproximação sobre plano de água.

O futuro apresenta-se mais incerto e difícil nos próximos anos. No entanto, cada euro conta e deve ter um retorno muito concreto e palpável. Sejamos responsáveis requerendo a análise da proposta Alverca-Portela (par de pistas paralelas) pelas entidades competentes.

Mais informação em <https://hubalvercaportela.com/>

# Regressar ao futuro com ambição

## Regresso

Escrevo estas linhas numa altura em que o país se prepara para uma nova fase na estratégia de combate à pandemia e aos seus efeitos económicos e sociais, uma fase que todos esperamos nos leve a um regresso seguro, calculado, mas firme da atividade regular da sociedade. Observámos a resposta médica à crise de saúde e dos Governos para proteger a economia, mas a verdade é que o mundo mudou mais do que isso. A forma como trabalhamos, como comunicamos, como consumimos bens e serviços – até como encaramos os momentos de lazer – sofreu uma disrupção de tal ordem que dificilmente podemos dizer que iremos voltar à situação em que estávamos antes. É ainda um período de incógnitas, mas podemos desde já antecipar que a situação que o mundo viveu nos últimos meses nos fez aprender algumas lições, sendo também por todas as razões um catalisador da mudança.

## Resiliência

Esta crise veio sublinhar a importância da resiliência institucional em relação à simples maximiza-



**ANTÓNIO MEXIA**  
PRESIDENTE DO CONSELHO  
DE ADMINISTRAÇÃO DA EDP

ção da eficiência imediata, e a superioridade de uma visão de médio e longo prazo de desenvolvimento sustentável, do ponto de vista económico, ambiental e social. Temos pela frente um panorama adverso, com uma forte recessão a nível mundial, com riscos de crescimento das desigualdades, de clivagens políticas e de desagregação social. É importante que percebamos bem estes riscos e que os saibamos antecipar e gerir de forma ambiciosa e equilibrada.

## Recuperação

Os Estados têm um papel decisivo no futuro pretendido pelo fac-

to de ser o pagador, financiador e segurador de último recurso, devendo em simultâneo garantir não só resposta de curto prazo, mas também a recuperação sustentável a prazo. No curto prazo, dando prioridade à liquidez indispensável nos alvos certos – famílias e empresas mais afetadas – mas, sobretudo, no momento certo/em tempo útil. No longo prazo, contribuindo diretamente – investimento público – e indiretamente – incentivos e fiscalidade – para um modelo de desenvolvimento sustentável, económico e financeiro do ponto de vista intergeracional. E neste âmbito temos obrigatoriamente de falar da Europa, onde só um verdadeiro momento de solidariedade, de mutualização e de federalismo em novas áreas, poderá garantir o futuro deste projeto comum.

## Reinvenção

Mas vivemos também uma oportunidade de reinvenção, não só a nível individual enquanto cidadãos, como consumidores, como trabalhadores, mas também das empresas e da sociedade como um todo. Esta choque obriga-nos a procurar reduzir muitos dos fatores que tornaram a atual pan-

demia num desafio não imaginado com esta escala global. Estamos não perante um simples regresso, mas sim perante a criação de um ‘Novo Normal’, num momento em que a questão do propósito das nossas instituições e, em particular, das empresas é chave. Quais são os objetivos que pretendemos alcançar? Como garantir a transparência perante a diversidade crescente de *stakeholders*? Como alavancar todo o potencial das empresas para beneficiar todos estes *stakeholders* e a sociedade? Como rentabilizar a ciência, cujo reconhecimento saiu agora reforçado? As companhias e os negócios que não souberem fazer esta adaptação a uma nova sociedade ficarão duplamente penalizadas – não só pelo impacto económico da crise que estamos a viver, como pelo desfasamento que terão em relação ao que os clientes e os colaboradores entendem como prioritário.

## Energia

Acredito que a transição energética deve, a par com a digitalização, estar no centro do programa de recuperação económica, o que coloca o setor da energia – e por

isso mesmo a EDP, pela estratégia que adaptou há mais de 15 anos - no centro da agenda europeia. Descarbonização, energias renováveis, eficiência energética, redes inteligentes, mobilidade sustentável, estão no base do mundo novo. E as lições que podemos retirar do passado recente só nos tornam mais fortes e focados. Na forma como nos relacionamos com os clientes e atendemos às suas expectativas. Como gerimos a continuidade do negócio e como acompanhamos os nossos fornecedores, num redesenho da própria cadeia de valor. Na forma como encaramos o modo de trabalhar, como definimos a ocupação dos espaços e como incentivamos a interação entre todos. Esta pandemia colocou mais de 70% das nossas pessoas em teletrabalho, obrigando-nos a testar não só as ferramentas digitais, mas também toda a articulação dentro e fora da companhia, tendo já desenhado o plano de regresso físico de forma gradual, com segurança e critério, porque temos o conforto de saber que, mesmo na situação que vivemos hoje, continuamos a entregar e a desempenhar as nossas funções graças à capacidade de adaptação e de resposta das nossas equipas.

## Otimismo

Este regresso ao futuro deve ser encarado com ambição, com compromisso e com o otimismo de saber o que temos de fazer. Conhecendo a origem dos problemas, já não estamos indefesos perante tragédias fora da nossa compreensão e controlo, mas sim perante desafios com os quais conseguimos lidar, num mundo em que o conhecimento e a tecnologia não são as restrições. A questão está nas escolhas feitas por todos combater aos principais problemas do mundo de hoje: aquecimento global, agravamento das desigualdades, rutura do mercado do trabalho e papel dos dados na economia global. Se soubermos reconhecer que somos todos mais frágeis do que imaginamos, associando um sentido de propósito coletivo ao poder das empresas, o impacto pode ser extraordinário. A EDP, como sempre fez, assume esta responsabilidade.



## Conta-me como vai ser

### A emergência e a vida aos solavancos

**1.** Mês e meio de emergência autoriza alguns olhares às respostas à crise. Públicas, privadas e desgarradas.

O poder político viu-se confrontado com forças disruptivas. A clausura, que alarmou a população, e o *lockdown* económico e social. Sem ter encontrado o ponto de equilíbrio. Sem claros horizontes de saída.

Em emergência, descobrimos de repente que ninguém estava preparado. Governo, sociedade, empresas. E que o mundo não é estável e seguro. Nem a Europa.

**2.** Karl Popper dizia que a vida consiste em resolver problemas. Nas quarentenas descobrimos falhas sistémicas nas respostas. E factos ignorados.

Revelados pelas televisões, malgrado o tom evangélico de alguns locutores. Exemplos?

Centenas de candidatos a refugiados (a fugir de que guerras?) aboletados em pensões esconsas. Ou milhares de lares ilegais de terceira idade. Muitos encerrados sem êxito (?) pelas autoridades. A expor na vitrina pública as difusas dinâmicas sociais do Executivo de esquerda. Tal como as trapaalhadas sucessivas do *layoff*. Em constantes hesitações burocráticas e recuos. Ou os números em cadatupa do desemprego. No tempo



**ANTÓNIO MARTINS DA CRUZ**  
EMBAIXADOR

da *troika*, quem perdia o emprego ia procurar trabalho ou emigrava. Hoje, nem uma coisa nem outra. Nem sequer o Estado paga as suas dívidas. Mas arremessa verbas a alguma imprensa, porventura inspirado no êxito d'**A Corneta do Diabo** do Palma Cavalo.

**3.** Em emergência, vimos Belém a hesitar nos túneis e nas luzes. E São Bento a embandeirar em arco. A ensaiar já uma dança de passo atrás, passo adiante. E um e outro a disputar os *prime times*, olhos postos em picos de sondagens. Apregoando que somos os melhores do mundo. Infelizmente, em contágios, somos o sétimo país com mais infetados na Europa a 27. Propósitos atabalhoados.

Em emergência vimos portugueses assustados pelo tom dos telejornais, pela multiplicação contradi-

tória e desconchavada de especialistas, pelos excessivos poderes do Estado. Que, se forem estendidos em calamidade, por artes administrativas e abracadabras unilaterais, desaguardam num Governo minoritário que decide sem o Parlamento. Acentuando tiques assertivos, ia a dizer arbitrários, de um Executivo à solta. Sem oposição credível, refugiada em programas humorísticos ou em pardacenta *pleitesia* governamental. Sem morder a canela de quem está no poder, como sucede em Espanha, França ou Itália, a sociedade precisa de pesos e contrapesos. Em qualquer crise, em qualquer altura, nunca pode haver só uma visão.

**4.** Em emergência, a sociedade respondeu melhor do que o Estado. Principalmente o pessoal médico e sanitário.

Num contexto virtual e digital encontraram-se caminhos para ultrapassar obstáculos técnicos e logísticos. Cresceram iniciativas solidárias. Ficaram expostos os apertados limites do sistema hospitalar público, vítima de cativações. Faltas óbvias a montante. E em enxurrada diária de aparições, a DGS a precatar-se, sempre com o bordão governamental. Com notificações em ziguezague, a fomentar o folhetim das máscaras.

Acentuou-se o fenómeno da in-

dividualização. Contra o coletivismo. Em detrimento da extrema-esquerda trotskista e marxista que apoia o Governo.

**5.** Em emergência, redescobrimos desigualdades territoriais. E disparidades. Olhar para Gaia não é ver Penamacor. Presidentes de câmara em exibições avulsas, com vestes de combate para avivar emoções proto-eleitorais. Contribuindo para realçar vantagens do Estado unitário. Putativas regiões não seriam uma panaceia e os corpos intermediários foram postos a nu. As exceções foram raras.

Em emergência, descobrimos que o futebol faz muito menos falta do que parecia. E que vamos ter de continuar a viver com o vírus, noutras vagas.

**6.** E em emergência vivemos uma Europa que só existe às vezes. Foi cada um por si. No desenho dos confinamentos, nas compras à China, nos calendários das *desescaladas*. Assimetria perfeita. Bruxelas vai ter de contrariar a irrelevância, as geometrias variáveis, as velocidades diferentes. E quanto antes.

O Governo disfarçou a derrota no Eurogrupo. Mas ainda não convenceu renitentes de que subvenções são preferíveis a dívidas. Anda a tatear, insultando aqui, louvando acolá. Oxalá consiga, mas ainda não vimos ninguém assumir os erros.

Em emergência, vimos que a OMS continua a descarrilar, ao

som de tambores longínquos. E a ONU de Guterres a desaparecer de cena, arrebitando de vez em quando para banalidades. Tudo isto não ajuda o multilateralismo, a coxear em curva descendente. Que vai ser preciso inverter. E com a China a marcar pontos para futuros equilíbrios estratégicos.

**7.** Em emergência, a economia contraiu. O precipício pode chegar aos 15% do PIB. Para não falar da dívida. A graduação do desconfinamento será um teste para o Governo na ótica dos agentes económicos. Cada setor empresarial tenta puxar o subsídio à sua atividade. As PME e o turismo seriam os mais atingidos. Ontem, o Governo apontou caminhos. Mas não soube planificar a esperança.

O ministro das Finanças disse que o país nunca esteve tão bem preparado para uma crise como esta. Tem de o provar. Seria bom menos expectativas com os dinheiros da União Europeia. E seria ainda melhor que a narrativa futura do Governo não venha assacar ao covid o previsto contragolpe económico. E, sobretudo, a hecatombe social. No esforço inglório de encontrar sinónimos para a austeridade. E, provavelmente, sem resistir aos cantos de sereia para nacionalizar. Com gorjeios dentro da sua ala esquerda, como se não bastassem trompetas *pós-geringonça*. Será a nova normalidade?

Como já se diz por aí, ainda vamos ter saudades do tempo da *troika*.

### Mais planeamento para evitar novo estado de emergência

O estado de emergência é uma situação à qual ninguém quer voltar. Nesse sentido, e para evitar que tal volte a suceder, terão de ser tomadas medidas que até há poucas semanas atrás talvez nos parecessem supérfluas. O reforço do planeamento com vista a uma maior resiliência de Portugal torna-se pois essencial.

O Estado tem de investir em planos, meios e formação para prevenir e acautelar novas ameaças. Recordo com espanto, que só após o colapso da Saúde 24 é que se começaram a formar mais pessoas para reforçar o serviço. Também numa fase em que era suposto passar à ação, confesso que fiquei espantado quando percebi que a DGS andava a 'contar' o número de ventiladores que havia nos hospitais



**DUARTE MARQUES**  
DEPUTADO DO PSD

públicos e privados ou que a Autoridade Nacional de Proteção Civil andava a inquirir os bombeiros sobre meios disponíveis ou equipamentos necessários.

Não existiam planos, não existia informação preparada, não existiam convénios entre público e privado para estas situações. Planea-

mento próximo de zero. O Estado valeu-se do improvisado, da boa vontade e dos exemplos que vinham lá de fora. Mas com a pandemia a aproximar-se da Europa não deveriam ter começado logo a desenhar um plano de emergência? Julgo que a generalidade dos portugueses assim o esperava. Esta falta de planeamento, de reservas e instrumentos pode ter ceifado muitas vidas e ter levado o país a gastar milhões precipitadamente.

Uma das principais funções do Estado é garantir a segurança das pessoas e, nos tempos que correm, a nossa segurança e defesa vai desde a saúde à alimentação. A pandemia provocada pela covid-19 deve, pois, funcionar como um 'abre-olhos' – como a

tragédia de Pedrógão terá sido para a limpeza de terrenos e de reforço da proteção civil – para um Estado e uma comunidade que deve investir mais no planeamento, na reserva de meios, no estudo permanente de ameaças e respostas, na construção de uma maior resiliência do país perante ameaças como esta. É essencial haver um Plano de Emergência que preveja o maior número possível de situações de catástrofe e que possa ser colocado em prática de uma hora para a outra por quem quer que seja o primeiro-ministro.

Por outro lado, Portugal, tal como a Europa, não pode estar tão dependente da China ou Índia para a produção de equipamentos de proteção ou determinado tipo maquinaria. Mas isso não signifi-

fica que deve haver empresas a produzir sem necessidade, à espera do pior, ou que tenhamos reservas suficientes para toda a população. Devemos ter, no entanto, um conjunto de empresas sinalizadas e preparadas com protocolos para, em caso de necessidade, alterarem de imediato a sua produção para produzir esse tipo de produtos, caso o Governo entenda necessário, sendo depois 'indenizadas' por isso.

Se o país tivesse maior planeamento, se as instituições estivessem mais preparadas para antever e enfrentar uma situação como esta e a população tivesse sido mais informada, provavelmente não teríamos tido necessidade de declarar o estado de emergência.

## ‘Conhecimento é poder’

Com o Parlamento Europeu sujeito às regras do confinamento, tivemos esta semana uma sessão da Comissão ITRE (Indústria, Investigação, Energia) feita a partir de casa. Debatem um relatório legislativo que preparei, sobre a Agenda Estratégica do Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia (EIT). Em vez de me dirigir a uma plateia de eurodeputados, falei para um monitor, e do outro lado surgiram os meus colegas – políticos consagrados, vários ex-ministros e alguns ex-primeiros-ministros –, vestidos ‘à civil’ e enquadrados pelos seus quadros, as suas estantes cheias de livros e recordações, as suas fotografias de família.

Por esta altura, vamos-nos habituando a esta forma de trabalhar, ao novo ‘normal’ ditado pela crise do coronavírus. Mas as discussões de relatórios legislativos tendem a ser momentos de alguma solenidade. Esta é a primeira vez que se faz assim todo o deba-



**GRAÇA CARVALHO**  
EURODEPUTADA DO PSD

te de um documento desta natureza. Em certa medida, somos o ‘projeto-piloto’ de uma metodologia a manter por vários meses.

Dei por mim a pensar que aquela reunião era o enquadramento ideal para o tema em causa. Estávamos, no fundo, a fazer aquilo que esperávamos da instituição cujo futuro discutíamos: a pegar em inovações tecnológicas, resultantes de excelentes ideias, discussão, investigação, e a utilizá-las para ultrapassar obs-

táculos, de forma a continuarmos a servir a sociedade.

O EIT, parte do programa-quadro da Ciência (atualmente Horizonte 2020, em breve Horizonte Europa), é uma instituição autónoma que se organiza de uma forma muito específica. O seu orçamento, que deverá atingir os três mil milhões de euros no próximo programa-quadro, apoia todos os pilares do chamado Triângulo do Conhecimento: Educação, Investigação, Inovação. Isto significa envolver nos projetos todos os que participam na transformação de uma boa ideia numa solução: universidades, centros de investigação e empresas. A distribuição dos projetos também obedece a uma ordem específica: existem diferentes Comunidades de Inovação e Conhecimento (KICs), dedicadas a áreas como a Saúde, o Digital, a Energia, o Clima, as Matérias-Primas.

Nessa reunião, em conjunto com a minha colega Marisa Matias, que tem a cargo um rela-

tório autónomo sobre o regulamento da instituição, apresentei um conjunto de emendas destinadas a dar uma resposta concreta à crise do coronavírus. Em particular, através da KIC da Saúde, que poderá ter um papel muito importante no esforço para o desenvolvimento de uma vacina e de terapias; e do Digital, que nos pode dar novas ferramentas para

trabalhar, ensinar, estudar, conviver à distância, e desenvolver sistemas que tornem o comércio eletrónico mais seguro.

As restantes emendas do relatório baseiam-se em três ideias fundamentais: equilíbrio, sustentabilidade e simplificação. Queremos promover uma distribuição geográfica mais abrangente das KICs, incentivando a participação de regiões sub-representadas, das pequenas e médias empresas, procurando a excelência em toda a parte e não apenas nas áreas mais ricas de alguns países. Queremos valorizar o papel da Educação; promover a paridade de género nas equipas; dar às instituições as melhores condições, em termos de acesso aos apoios e de interação com outras fontes de financiamento públicas e privadas, para que os seus projetos tenham sucesso. Porque o triunfo das boas ideias faz o mundo avançar. Como disse Francis Bacon, na frase que dá o título a esta crónica: «Conhecimento é poder».

**Queremos valorizar o papel da Educação; promover a paridade de género nas equipas; dar às instituições as melhores condições para que os seus projetos tenham sucesso**

## Secreta esperança

«Quando as normas de tolerância mútua são frágeis, é difícil sustentar a democracia». In *Como as Democracias Morrem* – S. Levitsky e D. Ziblatt



**LUÍS NATAL MARQUES**  
PRESIDENTE DA EMEL

Madrid, Paris, Nova York... Rio de Janeiro, Hong-Kong, Manila, são agora cidades onde uma névoa de poluição que durante anos persistiu, foi substituída por um ar cristalino onde o azul do céu pode ser, finalmente, apreciado pelos seus habitantes.

Nos canais de Veneza a água, sempre turva, ganhou limpidez e até as medições do buraco do ozono, dizem-nos, que está em regressão...

As cidades estão paralisadas e algumas têm sido invadidas por animais selvagens, que há muito andavam arredios. Os aviões estão parados em terra, os automóveis em movimento contam-se pelos dedos, a indústria e os serviços vacilam, a agricultura acumula excedentes, o desemprego aumenta...

As sociedades reorganizam o seu funcionamento contra um ini-

migo desconhecido, para o qual, pelo menos por enquanto, não se vê remédio nem vacina. Há quem trabalhe a partir de casa, aliando o trabalho à necessidade de cuidar dos filhos sem escola ou a vê-la pela televisão, as reuniões digitais multiplicam-se, os restaurantes levam as refeições a casa, os carros ficam à porta (logo agora com a gasolina tão barata e o estacionamento gratuito...), a violência doméstica e os crimes digitais aumentam...

São tempos novos para os quais os filmes de ficção nos alertaram. Mas, na verdade, sempre achámos que Hollywood exagerava. A

realidade é outra coisa, pensávamos nós. Contudo aqui chegámos.

Em casa vamos lendo os jornais e ouvindo os noticiários. O confronto entre a economia, o direito à saúde e ao bom ambiente, transparece. Nunca foi tão patente a dicotomia entre o crescimento económico e as externalidades que ele provoca.

Precisamos da retoma. Mas muitos dos que acham que a economia deverá ser a primeira prioridade, são os mesmos que fazem planos para não sair de casa tão cedo e que acham que alguém lhes deverá pagar os prejuízos. Já os outros, os que acham que a saúde deve ser a prioridade das prioridades, dizem que estão em casa muito bem e que alguém terá de lhes pagar o confinamento. Alguém que pague, leia-se, o Estado, que apesar da irresponsabilidade de cada um terá sempre a culpa das dentadas do malfadado cão (do vírus), ainda que o animal não lhe pertença.

Por essa Europa a que pertencemos, feita na sua origem para ser solidária e criar bem-es-

tar (diziam-nos), assobia-se para o lado e parece que ninguém quer perceber que num espaço em que mais de 70% do comércio é feito entre os seus membros, o prejuízo de uns será sempre o prejuízo dos outros, o mesmo é dizer que grande parte da ajuda que vier para o sul regressará ao norte. É assim no mundo e é assim na Europa.

Por cá os banqueiros vão falando na importância do apoio à estabilidade do sistema financeiro, como se ele fosse um fim em si mesmo, e não um instrumento. Como se ele devesse estar à

frente de tudo o resto e não com funções de apoio aos outros setores da economia.

Mas, dizem-nos, o mundo que aí vem será diferente do que existia. Será um mundo reorganizado porque a humanidade se viu confrontada consigo mesma e com as suas insuficiências. Porque nestes tempos de confinamento, os valores da liberdade que deixámos de ter, da igualdade que se viu ser uma miragem e da fraternidade que tem dias, nos obrigaram a repensar a vida.

Mas, afinal, o que poderá ser diferente? O que vem aí? Será que vem algo de inovador?

**São tempos novos para os quais os filmes de ficção nos alertaram. Mas, na verdade, sempre achámos que Hollywood exagerava...**

Deixemo-nos de ficções. O que vem aí são milhões de milhões para que tudo regresse ao mesmo... se deixarmos que regresse. E, chegados ao ponto de partida, concluiremos que não aprendemos nada com o que se passou: os Trumps e Bolsonaro do futuro, disso mesmo nos darão testemunho.

Tenho a secreta esperança de estar enganado.

## Conta-me como vai ser

### Consequências económicas do estado de emergência

Portugal, a Europa e o mundo estão a viver uma pandemia mundial. Subitamente, a agenda política foi alterada, face às preocupações de saúde pública que se suscitam.

Naturalmente que a primeira prioridade foi assegurar o controlo da situação epidemiológica, tratando dos doentes, procurando evitar uma contaminação a toda a escala e dotando os serviços de saúde dos meios indispensáveis para uma resposta eficaz ao problema.

Mas, paulatinamente, fomos todos tendo a consciência das consequências económicas e sociais da presente pandemia.

Confinamento de famílias inteiras, limitação de movimentos, encerramento de serviços, são alguns dos exemplos das medidas postas em prática no âmbito do estado de emergência.

Consequentemente, são muitas as empresas que pararam a sua atividade, muitos os serviços que funcionam de forma mitigada, muitas as pessoas que ficaram com rendimento reduzido ou mesmo sem rendimento.

Logo, registamos fortes quedas no consumo, no investimento, na produção e como o problema não é exclusivamente nacional, pois atinge a Europa e o mundo, também as exportações registam forte quebra, nomeadamente as relacionadas com os serviços turísticos.

Os dados do PIB do primeiro trimestre já conhecidos dos nossos parceiros europeus indicam uma recessão que pode ser a pior dos últimos 25 anos e todos preconizam que globalmente poderemos ter uma recessão não registada desde a 2.ª guerra mundial.

Existia quem estimasse que a quebra da economia seria brusca e a recuperação rápida.

Hoje, com mais informação, já é claro que, infelizmente, não será assim.

Por um lado, porque a crise não é da economia A ou B, mas global. Por outro lado, porque a confiança dos investidores e



**DUARTE PACHECO**  
DEPUTADO DO PSD

consumidores não irá recuperar de um dia para o outro, nomeadamente quando vão persistir tantas medidas de contenção social.

A cresce que existem empresas que estão paradas por quebra da cadeia produtiva e que não podem retomar já amanhã a sua atividade e que os setores do turismo, das atividades desportivas, das feiras empresariais, etc. só voltarão ao registo do passado recente, daqui a largos meses/anos.

Logo, pode terminar este fim de semana o estado de emergência em Portugal, mas as consequências da paragem brusca da economia e a retoma faseada e lenta da 'normalidade' vão-nos acompanhar durante bastante tempo.

Por muitas medidas que sejam tomadas pelos diversos governos para mitigar o impacto económico e social, apoiando a sobrevivência de empresas e famílias, elas não têm o condão de resolver de forma mágica a crise em que estamos mergulhados e a ambiguidade da resposta europeia não dá a confiança necessária.

Resta olhar em frente, com confiança, falando verdade aos portugueses, eliminar burocracias e apoiar todos os agentes económicos que responsabilmente desejam continuar a trabalhar e contribuir para a recuperação do país.

Todos em conjunto, vamos conseguir a recuperação económica e social do nosso país!

### Covid-19, e agora?

Parece que todos temos a sensação que termina, por estes dias, a primeira fase do combate à pandemia covid-19. Esta agradável sensação, pelo menos para a maioria das pessoas que conheço, é mitigada pelo sentimento de que só se venceu uma batalha mas, a guerra pode ainda não estar ganha. A ser assim, não há pausa para tréguas. O combate tem de continuar com a mesma determinação com que ontem defrontávamos a adversidade e com a mesma entrega com que sofriamos as incomodidades da batalha.

Para planear a próxima batalha será interessante refletir no que correu bem ou menos bem até agora. Abordemos por hoje o menos bom. No meu humilde entendimento não soubemos avaliar o nosso adversário. Eu sei que era a primeira vez que ele se apresentava, que o desconhecimento sobre o seu caráter e sobre o modo de atuar era total mas, o que é certo, é que desvalorizamos os poucos avisos que anunciavam a sua perfidez e a sua eficácia de propagação. Esta primeira perplexidade sobre o inimigo levou-nos a hesitar no caminho a prosseguir e a assumir uma tática de 'Maria vai com as outras'. Dito de outra forma se todo o mundo já estava a ir por um caminho e se o inimigo era matreiro não valia a pena pensar muito o que era preciso era agir de imediato, tendo em conta um cenário onde o adversário iria ter vantagem pelo menos durante um curto período mas, que nos desse tempo de agrupar as tropas e contra-atacar em seguida.

O cenário mais provável era o do soçobramento do SNS e isso é que era necessário evitar. Sabia-se que o SNS não seria capaz de suportar uma carga pandémica mesmo que moderada e veio ao de cima o melhor dos portugueses – o improvisado, o desenrascado, o trabalho, a solidariedade, a abnegação e a identidade nacional. Sim o nacionalismo, o ser português de gema foi determinante nesta fase do combate. Mais uma vez fomos capazes de nos superar.

O dinheiro foi aparecendo para comprar ventiladores, monitores, equipamento de proteção individual ou pelo menos para en-



**LUÍS PEDROSO LIMA**  
EX-ADMINISTRADOR  
HOSPITALAR

comendar estes bens e dar um mínimo de segurança e confiança aos combatentes das primeiras linhas.

Morreram pessoas com covid, morreram pessoas sem covid, mais destas do que seria inicialmente espetável e menos daquelas do que pensávamos originalmente. As segundas ainda serão alvo de estudo – medo de ir ao hospital dizem uns e eu não creio, falta de meios para consultas, exames e meios complementares de diagnóstico e terapêutica, adiamento de cirurgias e consultas dizem outros e eu poderia concordar.

E agora, que futuro vamos ter. Nada será como dantes pelo menos até se conseguir a imunidade perante o vírus e a vacinação generalizada. Ou seja, pelo menos nos próximos um a dois anos é escusado pensar que a vida voltará a ser o que era. Não é semanas nem meses é um ou dois anos.

Haverá necessidade de manter o distanciamento social e logo de adaptar alguns dos nossos hábitos a esta realidade. E não me refiro só aos cumprimentos, aos abraços, ao beijinho carinhoso ou à palmadinha nas costas mas sim, aos restaurantes condicionadas, à inovação necessárias nas artes e espetáculos, ao desporto sem massas de adeptos nos estádios, aos hotéis com regras de utilização com mascaradas e desinfeção permanente das instalações, ao comércio com sobrecustos para garantir ambientes sem contaminação ou à higiene e segurança de trabalho remodelada nas empresas face a novos perigos.

Vamos ter de nos habituar a uma nova forma de prestação de cuidados de saúde, mais telemática e mais preventiva, a uma nova

relação dos serviços públicos com os cidadãos, mais *web* e menos presencial, a uma diferente utilização dos transportes, isto é uma autêntica revolução no nosso quotidiano. É o custo de passar de 'estar em casa' para 'ir para a rua' novamente.

Há anos que venho defendendo a flexibilização de algumas formas de prestação de cuidados de saúde em Portugal. Uma, através da utilização da tecnologia para melhor acesso aos doentes – a teleconsulta ou o teleacompanhamento de doentes crónicos ou de grupos mais vulneráveis. Sem sucesso. O vírus ganhou-me. Agora todos defendem este meio de prestação de cuidados não presenciais. Outro, o da utilização das farmácias como lugar adicional para a relação do doente com profissionais de saúde e com os sistema de saúde. Continuo a batalhar nesta ideia. No dia a dia, ela existe – as pessoas já hoje falam abertamente com os farmacêuticos sobre os seus problemas de saúde e pedem aconselhamento para usar o sistema de saúde. Só os governos é que não são capazes de potenciar esta realidade.

Uma última palavra para a postura do Ministério da Saúde nesta batalha. Nunca fui da área política deste Governo e, há mais de uma dezena de anos que me afastei da vida política e partidária mas, fruto da minha atividade passada conheço o trabalho da atual ministra da Saúde e da atual diretora-geral. Sou daqueles que sem hesitações louva o seu trabalho, compreende as suas dificuldades, reconhece a necessidade de mudar de posição face ao desconhecido – o que parecia certo ontem pode ser errado hoje e não se sabe como será amanhã – e considero que o país tem a sorte de ter hoje, estas pessoas nestas funções. Sugeriria somente que não houvesse uma diabolização ou se quiserem uma desvalorização da importância das outras componentes do sistema de saúde – o social e o privado. Se descuraram o primeiro, arriscam-se a ter um sobressalto ainda maior nos tempos vindouros se diabolizaram o segundo podem sentir falta dele quando for mesmo necessário.

## Gostar de livros: uma oportunidade perdida?

Terei sido eu o único a pensar que o Estado de Emergência decretado e as regras de confinamento que se seguiram poderia dar uma grande oportunidade ao livro?

A primeira quinzena do confinamento forçado passei-a em Cabeceiras de Basto. Desdenhei a oferta do operador de televisão para um imperdível pacote de canais, instalei a velha TDT apenas para saber do mundo lá fora. Desempoeirei o velho cadeirão bamboleante e, à sombra da japoneira, no alpendre, sobre um tapete de camélias que fiz questão de não varrer, li todos os livros que fui acumulando na estante.

Como desperdiçar tão boa oportunidade?

Por isso, não escondo que fiquei um pouco surpreso pela crueza dos números quando foi anunciado que no mês de março se apontava já para perdas de 2/3 nas vendas de livros face ao período homólogo de 2019; a situação previsível para abril apontaria uma quebra próxima dos 85%.

Bem sei que o facto das grandes cadeias de vendas estarem encerradas possa ter contribuído para isso mas, convenhamos, que perante a estoicidade dos livreiros resistentes e as possibilidades (facilitadas) de compras



**JORGE CASTELO BRANCO**  
EDITOR DA SEDA PUBLICAÇÕES  
/GUGOL LIVREIROS

online o resultado fosse mais animador para uma ocasião, quase única, de fazer do prazer da leitura um hábito.

O Dia Mundial do Livro foi a oportunidade para se voltar à velha discussão acerca da crise do livro. Logo o governo anunciou o placebo da ordem: 400.000 euros de ajuda ao sector sob a forma de aquisição de livros às pequenas editoras e livreiros. Muitos reclamam: – Insuficiente! – e provavelmente será. Exige-se, no entanto, alguma responsabilidade social: o cenário geral de crise é transversal a todos os setores de atividade e um Estado Providência tem limitações, particularmente perante uma crise que se avizinha.

A crise do livro é pré-pandémica; há muito se discute a viabilidade do setor, como reverter a crise. Exige-se mais investimentos do Estado na área cultural, mais ação, mais estímulos na promoção do livro e da leitura, mais apoio. Algo se tem feito mas a eficácia deverá ser discutida: estatísticas recentes indicam como os hábitos de leitura dos portugueses são sofríveis, e não me reporto só a um nível Europeu, onde estamos na cauda; lê-se menos em Portugal do que na Nigéria!, dizem os números.

Em Portugal vendem-se cerca de 12 milhões de livros mas entre 60 a 70% são vendidos no período de Natal, fazendo do livro a prenda favorita. Temo em perguntar: – Quantos desses livros serão lidos?

E o leitor? Sim, todos nós! Fala-se em promoção da leitura como uma ação ausente de nós. Como estamos como leitores? Acabamos sempre nas mesmas esfarapadas desculpas? – Não tenho tempo, trabalho muito, os livros estão muito caros, tenho de ir ao ginásio, há muitos filmes para

ver, muito futebol, muitos canais, muitos programas etc. Queixamo-nos de cada vez mais sermos reféns de uma cultura de massa descartável que nos imbeciliza, mas renunciamos a ser agentes da mudança.

Esta autoindulgência castiga-nos e vamos perdendo oportunidades como esta: tempo para nos entregarmos a um livro. Tão somente!

Qual a desculpa agora para não darmos uma oportunidade a nós próprios?



MAFALDA GOMES

## Os livros não têm a validade dos iogurtes...

Convém começar por lembrar que os livros nem sempre tiveram a atual reputação.

Pitágoras não escreveu. Platão foi um autor oral. Sócrates não escreveu nem ditou.

E hoje ainda, ao entrar nas livrarias, se perguntará: que é um livro? E tudo o que se expõe são livros? E não poderemos equacionar a possibilidade do fim do livro? Porque não?

Eu diria, pois, que este tempo pestífero será também um momento de clarificação.

Teremos de lembrar a fórmula de Lacan segundo a qual «o real é impossível».

A merda editorial ou a parasitária rede intelectual, por exemplo, irão diminuir.



**VASCO SANTOS**  
EDITOR DA VS. EDITORA

Não vão acabar, porém. As coisas não são claras.

Mas quem, depois disto, pegará num livro de autoajuda, ou numa ficção destes romancistas de ontem? Ou nos poetas colossais do bairro? Já era.

Embora tivéssemos já isola-

mento, a experiência geral e espetacular de confinamento físico é, também, um exílio dos livros.

E não poderemos esquecer que os belos livros estão escritos numa espécie de língua estrangeira.

Não havendo mundo, não havendo a possibilidade de expatriação, não há leitura para além do banal adaptativo.

Depois de 2020, não voltaremos placidamente ao livro, pois isso seria, imaginariamente, regressar a uma forma outra de confinamento.

Estaremos ávidos da experiência do sensível. E de uma nova ética.

Mas o erotismo do livro não será prioritário.

O sociólogo italiano Vania Baldi, ao pensar este tempo, escreve: «Esperar, augurar, auspiciar, são todos verbos da passividade, remontam à fábula judaico-cristã do optimismo temporal que permeia a cultura ocidental, a ciência, a psicanálise, o marxismo; todos

**Estaremos ávidos da experiência do sensível. E de uma nova ética. Mas o erotismo do livro não será prioritário**

encaram o passado como a ignorância (o trauma, a injustiça), o presente como remédio que emenda através da investigação (a terapia, a revolução) e o futuro que redime e salvará».

Abreviando: o futuro pertence ao contingente.

A Educação Revolucionária Digital do Proletariado (ERDP) enterrará bem alto a galáxia Gutenberg.

A VS. irá continuar em frente editando para o lado.

Os nossos livros, por não terem a validade dos iogurtes, podem esperar por serem descobertos um pouco mais tarde.

Ficar finalmente tudo na mesma, isso sim, seria a catástrofe.

## Política

# Calamidade não serve para isto

Ana Teresa Banha

teresa.banha@newsplex.pt

Constitucionalistas consideram que estado de calamidade pública pode ser insuficiente e que a o estado de emergência deveria ter-se mantido embora numa fórmula mais ‘atenuada’.

O Conselho de Ministros aprovou ontem o estado de calamidade pública, que vai entrar em vigor na segunda-feira, 3 de maio. Mas, ao longo da semana, os constitucionalistas levantaram dúvidas sobre a possibilidade de manter ou aplicar algumas restrições após o fim do estado de emergência.

«Se forem adotadas medidas que envolvam de qualquer forma suspensão ou restrição de direitos seria mais claro, mais nítido, mais razoável, mais sensato, mais franco, manter o estado de emergência, embora atenuado relativamente às medidas que foram adotadas no último mês», disse ao SOL o constitucionalista Jorge Miranda antes de António Costa anunciar o plano de retoma.

Por muitos considerado um dos ‘pais’ da Constituição, Miranda é peremptório na afirmação de que «o estado de calamidade não existe» para este efeito e, tratando-se de condicionar direitos das pessoas, «seria mais razoável prolongar o estado de emergência por mais 15 dias».

Também Alexandre Sousa Pinheiro levanta reservas à decisão do Governo, afirmando ao SOL que a suspensão de direitos não pode acontecer em qualquer estado de limitação, ou seja, segundo a Cons-

tituição, a «suspensão do exercício de direitos» é possível apenas quando o estado de emergência ou estado de sítio está em vigor. «Um estado de calamidade pública não tem essa previsão na Constituição, portanto, as regras de suspensão não são aplicáveis no regime de calamidade pública», garante o constitucionalista.

### ‘O problema é real’

Para Vital Moreira, a ‘distinção-chave’ é feita entre «a restrição do exercício e a suspensão do exercício» – distinção esta que, segundo o que escreveu no seu blog, «pode não ser fácil de fazer em situações-limite». «Nesse caso, o mais aconselhável é renunciar a tais restrições ou então repetir o estado de emergência», escreve o constitucionalista.

Para Pedro Melo, «não há dúvida» de que, no caso de continuarem a ser aplicadas restrições

**‘Seria mais razoável prolongar o estado de emergência por mais 15 dias’, defende Jorge Miranda**



O estado de calamidade pública entrará em vigor a 3 de maio

como, por exemplo, o dever de confinamento, a melhor opção teria sido prolongar o estado de emergência. «A forma mais segura, do ponto de vista jurídico-constitucional que o Estado tinha de manter este tipo de restrições, embora atenuadas, seria renovar o estado de emergência», explica ao SOL o constitucionalista. «O estado de calamidade pública foi concebido, normalmente, para situações relacionadas com a proteção civil», defende, dando o exemplo de sismos, inundações ou fenómenos naturais que ponham em causa a vida das pessoas: «Normalmente, estão mais

circunscritos a áreas geográficas e não tanto ao país inteiro». Curiosamente, esta semana, durante uma visita ao norte do país, António Costa sublinhou que também era jurista e que sabia da «capacidade enorme que os juristas têm para inventar problemas». Ao SOL, Alexandre Sousa Pinheiro afirma que, «neste caso em concreto, o problema é real», não se tratando de um «capricho académico de alguns». «Trata-se de uma situação em que é preciso interpretar a lei», explica o constitucionalista, garantindo que o resultado dessa interpretação é uma diferença ‘cla-

ra’ entre estado de emergência e estado de calamidade.

A entrada em vigor do estado de calamidade pode, segundo Pedro Melo, «suscitar alguns problemas». Na prática, diz, se as autoridades «mandarem parar e regressar a casa» e, face ao não cumprimento, uma pessoa for detida, poderá sempre ser invocada a inconstitucionalidade da medida: «Poderá dizer que a restrição que lhe foi imposta é uma restrição inconstitucional porque tem na base um estado de calamidade pública e essa calamidade pública não é suficiente para o impedir de circular».

## Rio desperta críticos com ‘vírus do passismo’

Rio quis fazer humor, mas críticos não acharam graça. Eurodeputada ficou ‘envergonhada’. Carreiras também.

Uma entrevista de um líder partidário a um humorista pode causar problemas internos? Pode. Sobretudo se esse líder se chamar Rui Rio. O presidente do PSD foi

ao programa *Isto é Gozar com quem Trabalha*, na SIC, e lançou mais umas farpas aos críticos internos. A provocação foi lançada por Ricardo Araújo Pereira, que referiu o êxito na luta «contra o vírus do passismo». Rio aproveitou para explicar que «os vírus no PSD estão sempre em mutação»: «Sou presidente do PSD há dois anos e eles já sofreram vinte mutações».

A ‘piada’ do líder do partido não agradou aos sociais-democratas. A eurodeputada Cláudia Monteiro de Aguiar classificou a entrevista como «deplorável». E disse mais: «Senti-me envergonhada com o deputado Rui Rio». Carlos Carreiras, presidente da Câmara de Cascais e ex-vice-presidente do partido, partilhou as críticas da eurodeputada na sua página do facebook. «Subscrevo a afirmação

da eurodeputada Cláudia Monteiro de Aguiar», escreveu o autorca, que considerou de «mau gosto» as afirmações do líder do partido. O ex-deputado Carlos Abreu Amorim também recorreu às redes sociais e partilhou uma ilustração de uma orelha com uma máscara cirúrgica por cima: «A melhor resposta às infelizes tentativas de provocação dos que sempre restarão como ‘che-

fes de fação’ porque não têm capacidade para serem líderes», escreveu o ex-vice-presidente do grupo parlamentar.

As críticas internas abrandaram e muito desde que o actual líder venceu as diretas a Luís Montenegro, mas, como diria Rui Rio, «eles estão sempre em mutação». Mesmo quando se vive um clima de unidade devido à pandemia.

L.C.

## Especial Presidencias 2021

# MARCELO ESMAGA EM TODO O PAÍS E EM TODAS AS IDADES

A primeira sondagem sobre as Presidenciais 2021 – Eurosondagem/Associação Mutualista Montepio – confirma que o Presidente tem a maior base de apoio na sua família política, do centro-direita e da direita.

Marcelo Rebelo de Sousa será facilmente reeleito à primeira volta nas presidenciais de 2021, segundo a sondagem realizada pela Eurosondagem-Associação Mutualista Montepio para o SOL. Tal como revelámos na última edição, o atual inquilino de Belém parte mesmo em condições de bater o recorde de votação de Mário Soares em 1991.

Rui Oliveira e Costa, politólogo e responsável técnico por este es-

tudo, sublinha que Marcelo obtém os seus melhores resultados nas regiões autónomas, «o que é normal para o Presidente em funções», e no norte seguido do centro do país. Abaixo da sua média estão a Área Metropolitana de Lisboa (principalmente) e o sul. «Verifica-se, assim, que a sua maior base de apoio se situa à direita e centro-direita (a sua família política)», conclui.

Ana Gomes e Marisa Matias

têm melhores intenções de voto nas Áreas Metropolitanas, principalmente na de Lisboa – tal como André Ventura, enquanto Arménio Carlos também maior aceitação no sul.

Em termos de faixas etárias, Marcelo é transversal na sociedade portuguesa. Marisa desce com a idade, ao invés de Arménio Carlos, que sobe. Ana Gomes e André Ventura têm os seus piores resultados entre os mais jovens.

Se as Presidenciais fossem hoje, em quem votaria?



**FICHA TÉCNICA:** Estudo de Opinião efetuado pela Eurosondagem para o jornal O SOL, o Porto Canal, Açoreano Oriental, Correio do Minho, Diário de Aveiro, Diário Insular dos Açores, Diário de Coimbra, Diário de Leiria, Diário de Viseu, Postal do Algarve, O Setubalense e Oeiras Actual (C.M.Oeiras), com o patrocínio da Associação Mutualista Montepio, com o patrocínio da Associação Mutualista Montepio, de 20 a 23 de Abril de 2020. Entrevistas telefónicas, realizadas por entrevistadores selecionados e supervisionados, para telemóveis e telefones da rede fixa. O Universo é a população com 18 anos ou mais, residente em Portugal Continental. Amostra estratificada por Região, e aleatória no que concerne ao Sexo e Faixa Etária. Foram efetuadas 1220 tentativas de entrevistas e, destas, 172 (14,1%) não aceitaram colaborar no Estudo de Opinião. Foram validadas 1048 Entrevistas, O erro máximo da Amostra é de 3,03%, para um grau de probabilidade de 95,0%. Um exemplar deste Estudo de Opinião está depositado na Entidade Reguladora para a Comunicação Social Lisboa, 24 de abril de 2020 O Responsável Técnico da Eurosondagem Rui Oliveira Costa

## Eleições Presidenciais desdobramento por faixa etária

EM QUEM VOTAVA?

	18-30 anos	31-59 anos	60 ou + anos
Ana Gomes	6,9%	8,7%	8,7%
André Silva	2,5%	2,5%	1,0%
André Ventura	3,8%	6,3%	5,6%
Arménio Carlos	3,1%	4,8%	6,9%
Cotim Figueiredo	1,3%	1,0%	0,7%
Marcelo R. de Sousa	71,2%	68,5%	73,6%
Marisa Matias	11,2%	8,2%	3,5%

## Desdobramento por região

SE AS ELEIÇÕES FOSSEM HOJE, EM QUEM VOTAVA?

	Norte	A.M. Porto	Centro	A.M. Lisboa	Sul	R.A. Açores	R.A. Madeira
Ana Gomes	7,3%	8,3%	7,5%	10,9%	7,5%	7,0%	6,7%
André Silva	1,3%	1,7%	2,0%	2,4%	2,5%	2,3%	2,2%
André Ventura	4,0%	6,7%	5,0%	7,6%	6,3%	2,3%	2,2%
Arménio Carlos	2,7%	5,8%	3,0%	8,6%	8,7%	2,3%	2,2%
Cotim Figueiredo	0,7%	0,8%	1,0%	1,0%	1,3%	0,0%	2,2%
Marcelo R. de Sousa	80,7%	67,5%	77,5%	56,7%	66,2%	81,4%	80,0%
Marisa Matias	3,3%	9,2%	4,0%	12,8%	7,5%	4,7%	4,5%

FONTE: EUROSONDAGEM



# Frases



O terror absoluto em que a sociedade mergulhou impede as pessoas de irem ao hospital. Onde estão os doentes?

**António Vaz Carneiro**

Médico, *i*, 28/4



MIGUEL SILVA



**António Costa**

Eu também sou jurista e sei a capacidade enorme que os juristas têm de inventar problemas. Felizmente, a realidade é muitíssimo mais prática.

Primeiro-ministro, 27/4

**Jerónimo de Sousa**

O grande capital está a encarar a pandemia como uma oportunidade para impor uma ainda mais violenta exploração e intensificar o ataque aos direitos, às liberdades, à democracia e à soberania.

Líder do PCP, *Público*, 29/4

**Isabel Camarinha**

Há empresas com milhões de lucros que recorrem ao *layoff*, não é aceitável.

Líder da CGTP, *i*, 30/41

**Rui Moreira**

Acho que o Governo, provavelmente, não tem informação porque não lhe querem dizer as coisas más e só lhe querem dizer coisas boas.

Presidente da Câmara do Porto, *Observador*, 30/4

**idem**

Vejo sempre o português como o Oliveira da Figueira do livro do Tim-Tim, que é o que nós somos de melhor. Se formos

assim, vamos sair da crise. Se ficarmos a olhar à espera que isto volte a ser como era, então vai-nos correr muito mal.

**Paula Teixeira da Cruz**

Ser idoso é um conceito muito relativo: conheço idosos aos 18 anos e jovens aos 90.

Advogada, *Público*, 29/4

**Daniel Sampaio**

Não confundamos o contacto com estranhos em espaços fechados com as nossas relações mais próximas.

Vamos conviver com familiares e amigos. É crucial mantermos as relações afetivas mais íntimas.

Psiquiatra, *Visão*, 30/4

**Albino Fernandes**

Os clientes não podem ir a um restaurante como se fossem a um hospital.

Empresário, *i*, 29/4

**Robert Crawford**

A minha mulher estava a abraçar os carros em vez de pessoas.

Voluntário de um banco alimentar nos EUA, *i*, 30/4



**Jair Bolsonaro**

Eu sou Messias, mas não faço milagres.

Presidente do Brasil, 29/4

**Guya Accornero**

O populismo até pode vir a perder força, porque neste momento estamos todos à espera que a ciência nos salve.

Professora no ISCTE, *Negócios*, 30/4



**Elon Musk**

Dizer às pessoas que não podem sair das suas casas e que serão detidas caso o façam é fascista. Não é democrático. Não é liberdade. Devolvam às pessoas a sua maldita liberdade!

Dono da Tesla, *Twitter*, 29/4

**idem**

É escandaloso! É um escândalo. Vai fazer muito mal às empresas, não apenas à Tesla.

**Ana Sofia Martins**

Estar em isolamento com alguém como o David [Fonseca] é um desafio constante, para tentar acompanhar o ritmo e a criatividade dele.

Atriz, *Lux*, 29/4

**Mário Ferreira**

Os melhores negócios fazem-se em tempo de crise.

Empresário, *Nova Gente*, 29/4

**idem**

Temos de saber investir nos negócios certos e acreditar.



**Alice Vieira**

Depois da quarentena, quero estar três meses sem vir a casa.

**idem**

Sairemos disto com algumas lições: que devemos ter sempre tempo para os amigos, que muito do que julgávamos imprescindível não o é.

Escritora, *Caras*, 29/4

# Cocktail



## Boys em Bruxelas

A presidência portuguesa da União Europeia está marcada para o primeiro semestre de 2021, mas o Governo já começou a fazer nomeações para Bruxelas. Gonçalo Silva Pereira, filho do eurodeputado Pedro Silva Pereira, foi nomeado adido técnico principal da REPER-Representação Permanente de Portugal junto da União Europeia – compensando-o do chumbo no exame de acesso à carreira diplomática em 2019. E agora foi a designação de Catarina Faria para conselheira técnica da mesma delegação. No seu *curriculum*, publicado no Diário da República, refere-se que foi assessora de imprensa do Partido Socialista entre 2009 e 2011, e entre 2016 e 2019.



**Há um mês era um relvado,** hoje parece uma horta. Fica num bairro da classe média próximo de Lisboa. E mostra que a covid-19 não tem só efeito sobre os humanos – também atua sobre a natureza... E de que maneira!



## O mesmo cirurgião estético?

Não vamos dizer os nomes, porque não seria elegante. Mas são cada vez mais as mulheres públicas – atrizes, cantoras, pivôs de TV, etc. – que apresentam os mesmos sinais de operações plásticas. Basta observar as maçãs do rosto – muito pronunciadas, que chegam a parecer quistos, produzindo uma im-

pressão estranha. Ou mesmo bolas de ténis, de tal modo se impõem. E as semelhanças são tão grandes, que todas essas pessoas parecem ter sido operadas pelo mesmo cirurgião. O leitor repare nas mulheres de mais de 40 anos que aparecem no pequeno ecrã e faça o seu juízo.

## Novas regras n'O Nobre

O Nobre do Campo Pequeno, considerado um dos restaurantes mais *cools* de Lisboa, adaptou-se à pandemia e criou – como muitos outros – um serviço de *take away*. Mas está deseioso de reabrir as portas... com novas regras. Funcionará com menos de um terço das mesas, para aumentar o espaço entre os clientes. E na cozinha todo pessoal usará máscara e luvas – bem como os empregados que servem à mesa.



## Um violino no telhado

João Canto e Castro, um humorista que imitou figuras como José Hermano Saraiva, Ramalho Eanes, Vitorino Nemésio, Mário Soares ou Cavaco Silva, num programa de Mafalda Mendes de Almeida que fez época – o **Contra-Informação** –, também gosta de fazer uma perninha... no violino. Na noite do último sábado subiu ao terraço da sua casa em Alvalade e tocou o tema do filme... **Um Violino no Telhado**. E, como os vizinhos apreciassem, interpretou depois uma passagem da ópera **La Bohème**, de Puccini, tendo terminado com o popular **O Sole Mio**. O **SOL** agradece a homenagem, mesmo involuntária.



## Confinamento e boa mesa

Em tempo de crise e confinamento, há quem se desforre à mesa. Que o diga o embaixador Francisco Seixas da Costa, que não resistiu a revelar publicamente o menu encomendado ao magnífico restaurante Salsa & Coentros, em Alvalade, para o período da Páscoa. Através do seu



blogue, ficámos a saber que o bem sucedido diplomata optou por uma perdiz de escabeche, um arroz de pato, uma encharcada (doce de ovos alentejano) e uma tarte de requeijão, além de empadas para entrada. Tudo acompanhado de um Chryseia de 2015 (Douro). Um luxo!

# Sociedade

# A VERDE E VERMELHO

Felícia Cabrita  
felicia.cabrita@sol.pt

Mafalda Gomes (fotos)  
mafalda.gomes@sol.pt

Dois lares, ambos legais. Mas um limpo e o outro infetado. Um em que a doença ficou à porta, outro em que entrou sem cerimónia. Num e noutro, as jornalistas do *SOL* também tiveram de adotar comportamentos distintos: no primeiro só penetraram após fazerem o teste com resultado negativo, no segundo entraram sem limitações e pernoitaram. Num mundo com sintomas de demência, os mais velhos parecem entregues à sua sorte. Mas, apesar da idade, há quem esteja infetado e não tenha sintomas.

**A** partir de certa idade torna-se um verdadeiro jogo querer ou desquerer morrer. Benedita andou nesse vaivém fúnebre, mas saltou fora a tempo. Já lá vão 76 anos de vida, mais de metade correram lentamente, sem ser dona do seu destino, e não é agora um 'bichinho' qualquer que anda ao desgoverno pelo mundo que lhe vai roubar a alegria conquistada: «**Eu não quero morrer já. Quem é que quer morrer já?**». Para ela, pouca atreita aos assuntos de Deus, a morte não é natural: «**Sei que há um vírus por aí, até já**

**me meteram uma coisa pelo nariz acima para ver se ele estava comigo – e parece que está. Mas, olhe, se o meu marido não me matou, também não é ele que vai dar cabo de mim!**».

Há quase duas semanas que Benedita vive como uma refém, mas convive bem com a solidão. A 7 de abril foi a primeira de um grupo de 20 inquilinos da Casa do Lordelelo, um lar no coração do Porto, a revelar que o vírus ali se alojara.

Os dias que antecederam a terrível descoberta foram, no entanto, tão assustadores como os piores da sua vida. Nessa altura, companhia não lhe faltava. No re-

feitório, fazia as refeições junto à seção feminina, desbravadora de intrigas que davam mais ritmo à vida, e o pessoal do Centro de Dia andava, como era hábito, muito animado. Mas os telejornais, sempre com a mesma cantiga, foram espalhando o terror:

### Um taipal de fumo negro dividiu as gerações

Um taipal de fumo negro dividiu abruptamente as gerações. O adversário, cobarde, sem que se conhecesse ainda a sua genética, escolhera os mais frágeis para principais vítimas. E, no

país, o poder político, que nunca está preparado para as grandes catástrofes, seguia a inclinação do vírus, deixando os mais velhos ao abandono.

Nesse tempo, um lar em Famação foi notícia durante uma semana e deixou Benedita aterrorizada. A pouco mais de 40 quilómetros dali, na Casa Pratinha, depois de todas as funcionárias terem sido infetadas, os utentes com idêntico prognóstico tinham ficado encerrados e entregues à sua sorte. Só a pressão dos *media* conseguira inverter as orientações políticas do Governo.

Pela janela do quarto, a luz oblíqua do sol da manhã ilumina-lhe o cabelo cor de aço. O seu olhar baloiça entre a jornalista e o ecrã do televisor, sempre sintonizado num universo prodigioso: o canal Disney. Treinada para sobreviver, Benedita defende-se. Uma expressão de medo esconde por segundos o sorriso que lhe adoça o rosto: «**Não gosto de ver as notícias, só dão coisas tristes**».

Fora do seu quarto, sempre fechado, o silêncio impera. Nesta Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que costuma funcionar também como Centro de Dia, a infeção entrara sem diplomacias, apanhara uma de-

zena de funcionárias e nem a diretora executiva escapara. Joana Roncon, que acedera ao pedido da jornalista do *SOL* para passar 24 horas naquele espaço antes de saber que também ela fora contaminada, julgara ter tomado, a tempo e horas, as providências necessárias; mas a reclusão total era impossível.

### Nenhum lar está preparado para uma doença infeto-contagiosa

Maria João Carvalho, a educadora social que a substitui, coloca o dedo onde dói mais: «**De repente, parecia que nós éramos os responsáveis pelo que se estava a passar e que não estávamos preparados para cuidar dos idosos. Se nem o mundo estava! Aqui, estávamos preparados para ser uma estrutura residencial, com**





Benedita apesar de infetada não tem sintomas

**um acompanhamento diferenciado, com médico e enfermeiro. Não estávamos preparados, como nenhum lar no país está, para lidar com uma doença infeto-contagiosa».**

Joana Roncon, apesar de doente e de estar em isolamento total em sua casa, privada do contacto diário com a família, não baixou os braços e junta-se ao grupo por videoconferência. O 'bichinho' pontapeia-a, volta e meia tosse, mas não capitula. Recusa os dias inertes. A voz cheia reconstituiu os dias que nela ressoaram como o seu próprio desabamento: «**Antes de o inferno se instalar, nós já nos estávamos a preparar para o receber. Não conseguimos, porque ninguém tinha noção do que aí vinha».**

Em março, logo a seguir à Organização Mundial de Saúde ter de-

clarado a situação de pandemia, Joana Roncon percebeu que era impossível escapar à teia que parecia fiada por uma tarântula escura. Com o médico e o enfermeiro do lar; traçou um plano de contingência: «**O perigo parecia residir, na altura, em quem entrava e saía do lar. Elaboraram-se as medidas que os funcionários deveriam tomar mal comessem a trabalhar. Começou-se a tirar a temperatura a quem entrava, apostou-se na higienização e no alerta total à sintomatologia. Só mais tarde se receberam ordens da Direção Geral de Saúde para encerrarmos o Centro de Dia e cancelar as visitas aos utentes».**

#### **No fim de março duas funcionárias adoecem**

Nos últimos dias de março duas funcionárias adoeceram e a sus-

peita de que o vírus poderia ter pulado as barreiras criadas tira o sossego à diretora da Casa do Lordelo: «**Uma tinha febre, mas pouca, e dores no corpo; e a outra sentia-se engripada. Foram de imediato para as suas casas. A ideia de ser covid-19 veio-me logo à cabeça».**

No Porto, a desgraça que se ia abatendo sobre os lares de lés-álés do país, perante a inércia do poder central, fez soar as campanhas de alarme do presidente da Câmara. Rui Moreira decide não esperar mais e manda rastrear de imediato todos os lares, separar funcionários e idosos contaminados, colocando os que não estavam doentes na Pousada da Juventude, um edifício moderno, revelador do empreendedorismo da burguesia tripeira, com vista para o Douro.

Depois do rastreio, Joana Roncon ainda tinha esperança de que as análises resultassem inócuas, mas a superioridade do adversário era notável: «**Primeiro, ficámos a saber que, dos 20 residentes do lar, apenas a D. Benedita estava infetada; já do lado dos funcionários, os positivos eram dez no total. Mesmo assim, tínhamos funcionários que permitiam o funcionamento do lar. Dias depois, como esses funcionários tinham contactado com colegas, outros foram contaminados. Fiquei com a equipa reduzida a metade e sem capacidade para cuidar dos restantes idosos que deram negativo. Acabaram por ir para a Pousada da Juventude. Depois do segundo rastreio, mais três deram positivo e volta-**

**ram para o lar. Hoje está para chegar outra».**

#### **'Onde estão as minhas coisas?'**

O som da campanha parece abanar os alicerces da casa de três pisos quase deserta. À porta, estacionara a ambulância dos bombeiros. O céu de um azul pálido, sem ponta de nuvens, inunda a rua onde não se vê viva alma, como se um mal vindo de tempos longínquos e bárbaros se tivesse abatido sobre a cidade. Dois homens, com trajas semelhantes aos de astronautas, tornam a atmosfera ainda mais irreal. «**A senhora Luísa vem abatida»**, avisa um deles.

A senhora faz parte de uma geração que a única coisa que pediu à vida era manter a barriga cheia. Antiga operária, esfalfara-se a trabalhar numa empresa de >

## Sociedade

> fabrico de pregaria – botões metálicos e colchetes – e, quando chegava a casa, depois de despachar a janta dos filhos e do marido, ainda fazia uns arranjos para fora numa velha máquina de costura. Tanto se esganou na labuta que, num tempo em que a fome era a fartura dos pobres, conseguiu fazer dos dois filhos doutores. Quando concluiu a sua obra, já os sinais inequívocos da oxidação da passagem dos anos se tinham apoderado do seu corpo.

Na vida, a presença de tudo o que o dinheiro compra, mesmo as ninharias, ganha a dianteira até ao pânico da doença. Luísa está lamuriosa. Maria João, a educadora, encaminha a cadeira de rodas para o elevador que, para evitar contágios, só é utilizado pelos residentes: «Como é que se sente? Está-me a conhecer?», inquiriu a educadora social. O triunfo da doença e as moinhas por todo o corpo não parecem ser a prioridade da anciã: «Onde estão as minhas coisas? Se ao menos soubesse das minhas coisas...». Maria João decifra: «Quando tivemos de fazer a evacuação, eles só levaram para a Pousada da Juventude o essencial, como umas mudas de roupa e produtos de higiene. Está a estranhar tudo».

Mas o pior está para vir. A casa sofreu grandes mudanças. Para evitar a progressão da infeção, a maioria dos funcionários circula por caminhos diferentes dos utilizados pelos idosos. O piso onde antigamente era a zona dos quartos ficou vazio e serve como uma barreira protetora entre a entrada (espaço mais frequentado e sujeito a contaminações) e o terceiro andar, onde os utentes ficam em isolamento. Luísa aterra num quarto novo e as queixas multiplicam-se: «Tiraram-me tudo. Tenho saudades da minha mobília, da minha cama, das fotografias dos meus netos...». Sobre ela abateu-se um desespero infinito. Sente-se um sem-abrigo: «O que é que aconteceu ao meu quarto?».

### A decisão mas difícil dos últimos tempos

António Cabanelas, o enfermeiro, conhece o impacto que a ausência das pequenas coisas tem nos mais velhos. Evita explicações que podem magoar mais: «Não se preocupe, está a ser pintado!». Equipado dos pés à cabeça, o enfermeiro faz a sua ronda. Não está nos seus dias. Há 15 anos que trabalha no lar, conhece as



Um profissional de saúde rastreia a jornalista do SOL, Felícia Cabrita



A D. Luísa a chegar ao lar depois de testar positivo

ilusões e desilusões daquela que é a sua gente: «Ontem, às três da manhã, ainda estava acordado. Tive de tomar a decisão mais difícil dos últimos tempos. Passei duas horas reunido com o médico, para decidirmos se havíamos de enviar ou não um dos nossos idosos para o hospital».

O olhar do homem, enquanto puxa da memória o filme da noite anterior, carrega-se de nuvens negras: «Quando entrou aqui, era um homem alto e robusto, ainda ia à rua. Tem um cancro na bexiga, ficou infetado e foi perdendo a autonomia. Ontem, depois de um telefonema da família, começou a ficar muito agitado, aos gritos. Só me dizia que lhe doía o corpo todo. Não era o seu comportamento normal. Estive a avaliá-lo. Os estados vitais estavam estáveis, não tinha febre.

Mas logo de seguida liga-nos a filha a dizer que achava o pai estranho. Pensei: no que é que ele vai beneficiar em ir para o hospital, se temos aqui os medicamentos para as dores de que precisa? O hospital está cheio, ele é mais um entre os outros e aqui estava a ser sempre acompanhado! Acabou por ir e eu tive uma insónia.

**‘Passei duas horas reunido com o médico, para decidirmos se havíamos de enviar ou não um dos nossos idosos para o hospital’**

Ainda não estou refeito». De facto, o doente não resistirá...

### Um ritual de vida e de morte

Mas, como se estivesse no centro de uma dor singular, o enfermeiro nunca deixa os seus doentes partir inteiramente. Com os mais velhos, mantém um ritual que é mais de festa do que de morte: «Peço-lhes sempre uma lembrança. No meu gabinete, tenho de tudo – colares, anéis, relógios. São ninharias, mas de que eles gostavam muito. Foi a forma que arranjei para os manter presentes». A noite cai, o silêncio é como um fardo. De quarto para quarto, António Cabanelas segue a rotina. Benedita, muito composta, ao sentir-lhe a presença penteia os cabelos com os dedos. «A menina está linda como sempre», atira ele,

que lhe conhece a vaidade. Um sorriso afivela-se ao rosto da senhora que retribui o galanteio: «O senhor doutor é um santo».

O enfermeiro olha para a mulher com o coração. «Gostava que vissem o quarto da Benedita, onde ela guarda todos os seus adornos. No inverno, as outras colegas andam todas encasacadas, mas esta senhora anda sempre com grandes decotes, roupas coloridas e cheia de colares». A mulher perdeu muito tempo. Só muito tarde, quando ultrapassou a grande catástrofe matrimonial, começou a celebrar a vida: «Olhe, menina, o meu marido engravidou-me e desapareceu. Voltou quando a filha já tinha oito anos. Engravidou-me e desapareceu outra vez. Até hoje».

Um suspiro repentino revela que o sono chegou. Uma funcionária



O enfermeiro António a medir a tensão arterial e a febre à D. Alfreda, depois de um ataque de vómitos



A animadora Ana e as utentes numa atividade da tarde. A boa disposição reina em todos os momentos



O charmoso Armando

mede-lhe a pressão arterial e veste-lhe o roupão. A noite corre sem sobressaltos. Benedita acorda cedo e com genica. Apesar de estar infetada, nunca teve um único sintoma. O televisor está de novo sintonizado no canal *Disney*. Define-se a si própria como uma velha com vontade de ser nova: «**Eu gosto da vida, o que mais queria era poder sair agora para dar uma voltinha**».

#### 'A morte é quando um homem quiser'

Da casa do Lordelo ao Lar Senhor do Bonfim, na zona oriental do Porto, é um pulo. Não há carros nem gente nas ruas: parece uma cidade em guerra contra os seus habitantes. No interior do lar, a boa disposição contrasta com a paz triste das ruas. Ali, o vírus não entrara. E, não vá o diabo tecê-las, as jornalistas só

depois de terem passado no teste do rastreio e do termómetro, e devidamente equipadas, se juntam à animação. Artur Armando Leite parece uma alma gémea de Benedita. Como ela, enfrenta a vida com alegria. Como ela, encaixotou numa prega do cérebro, sem luz, as recordações mais negras de uma viagem com percalços. E, como ela, não reconhece autoridade alguma à morte: «**A morte é como o Natal: é quando um homem quiser**».

Também aqui, a casa está virada do avesso e os idosos confinados a um único piso. Após o resultado do rastreio, que caíra como uma espécie de carta de alforria, a direção do lar mandara encerrar o Centro de Dia e a Creche: era o modo de travar a força do vírus que, como erva daninha, se expandia por toda a parte. A

antiga sala de convívio serve agora de sala de jantar, oficina de trabalhos manuais e ginásio. Sentados e distribuídos por filas, os idosos, atentos ao ecrã do computador, repetem os exercícios que a professora de dança, a partir de casa, vai ensinando.

Aos 78 anos, Armando conserva os modos afáveis e o espírito prazenteiro. Pertence ao naipe masculino dos tímidos e sabe o efeito que este género exerce no espírito trágico das mulheres. Tem o olhar inclinado, tal como o sorriso, e modela a voz num susurro quando faz charme. Com receio de que a dança nas cadeiras lance dúvidas sobre a sua virilidade, fica na última fila. Mas quando a voz de Amália Rodrigues enche a sala e as senhoras mais afoitas se fazem à pista, não perde os volteios.

Anda de olho em Ana Felipa Ermida, socióloga e animadora do lar, que faz tudo para que os idosos não sintam a torrente imparável dos dias: «**O meu papel é trazer-lhes alegria, e a vida tem muitas facetas. Aqui não há tabus. Uma vez fiz uma palestra sobre o sexo na terceira idade, o aborto, o uso de canábis como terapia para certas doenças, e sobre a eutanásia. E eles surpreenderam-me. Na parte da legalização do aborto, houve imensa partilha porque a maioria das senhoras tinham recorrido a ele quando era proibido e, claro, tinham concordado com a alteração legislativa. Na eutanásia, percebi que ainda estavam muito à toa e não percebiam ainda como funcionava. Alguns começaram por dizer: 'Querem**

**matar os velhinhos!**' Expliquei tudo direitinho e acabaram por considerar que era perfeitamente possível alguém ter vontade de escolher entre a vida e a morte em circunstâncias extremas».

#### A Segurança Social fecha os olhos

O cheiro a borrego no forno incensa a sala. Ao almoço, uns são mais tagarelas do que outros. De repente, uma ave branca faz um círculo perfeito numa das mesas. O grupo de comensais, numa algazarra familiar, tenta interromper-lhe o voo antes de cair num dos pratos. Márcia Neto, diretora-técnica, com pressa maternal, faz o ninho com as mãos para receber a rola: «**É o meu Gil, o menino quer companhia!**».

A mulher interrompe o seu discurso – «**em tempos de covid não podemos facilitar, não podemos facilitar**» – para falar como a matriarca com o coração amaciado por uma longa prole: «**Foi um idoso que, antes de morrer, me pediu para cuidar dele. Era o seu único companheiro. Está connosco há 15 anos, mas deve ter muitos mais. Sabe, nós não podemos ter animais, mas, quando vem cá a Segurança Social, contolhes a história e fazem que não veem. O Gil dá alegria à casa!**».

E dá mesmo. Até conseguiu arrancar um sorriso do rosto herético de Perpétua.

#### O mistério de Perpétua

A dor da mulher tem uma capa inamovível e a sua história é uma incógnita. Fisicamente, parece uma *matrioska*; e, como a boneca russa, seria necessária abri-la cirurgicamente para conhecer o que lá vai dentro.

Vítima de violência doméstica, com 73 anos muito enxutos, conseguiu fugir da Alemanha e dos maus tratos do marido e encontrar refúgio numa casa-abrigo. O mistério que a envolve exerce uma enorme atração no espírito familiar do lar. Trocam-se pareceres. Ana Ermida, o motor lúdico que através de jogos e palestras radicais surpreende os vislumbres de vida dos idosos, acha que é Perpétua quem joga com ela: «**É muito inteligente, muito mais do que quer mostrar**». E Márcia Neto, que até hoje lhe desconhece a bagagem, nem sabe se ela contém grande coisa, assume em tom de derrota: «**Sei que ele não**

## Sociedade



As aulas de dança passaram a ser online

> a deixava sair à rua. Ela não conhece uma palavra de alemão, é um mistério como conseguiu fugir! Para além disso, tinha duas filhas de quem também nunca fala. Um enigma».

A noite, por vezes, abre alas reconfortantes e acalma a ansiedade dos fugitivos. No seu quarto, Perpétua ultrapassa receios: «O meu nome e a minha fotografia não vão sair no jornal, pois não?» Pacificada, leva-nos ao passado: «Herdei uma casa dos meus pais que consegui vender. Com esse dinheiro, pedi a um taxista turco, meu vizinho, que me comprasse um bilhete de avião para Portugal. Um dia, combinei com ele esperar por mim de madrugada, perto de um café, mesmo ao lado da minha casa. Foi ele quem me levou ao avião».

As recordações, como peões comidos alinhados ao lado do tabuleiro, estão sempre à espreita. Não se consegue livrar delas: «Ele já estava emigrado na Alemanha quando casou comigo. Já tinha sido casado, mas a mulher morreu num acidente quando vinham passar férias a Portugal. Vingou-se em mim, sempre me bateu. Bebia e arriava-me. Foram muitos anos nisso. As filhas cresceram e nunca me defenderam. Escrevi aos meus pais a pedir ajuda, mas disseram que eu tinha de aguentar».

### A vida acabou quando deixei a minha casa

Noutro quarto, companheira de outro tipo de cativo, Maria Jo-

sé Lima Torres Neto, 83 anos, resiste à tentação de todas as noites: liga ou não liga a televisão para ver o telejornal? As notícias, invariavelmente sobre a contabilidade dos mortos, causam-lhe um profundo mal-estar: «Acho horrível como diariamente falam das mortes. Assusta e banaliza o sofrimento. Tenho ainda esperança de que vamos amansar o bicho. Não é que eu tenha medo de morrer. A minha vida acabou quando abandonei a minha casa e vim para aqui. Mas foi uma opção minha, não quero ser um peso para as filhas. Preservo a minha independência e aqui tratam-me muito bem, mas às vezes nem me apetece levantar. Só saio da cama por causa das atividades da Ana. Aquela rapariga é imparável».

Na mesinha de cabeceira, os livros empilhados são a companhia desta antiga professora de Português e Francês que não presta vassalagem às tramas da natureza: «Ninguém merece envelhecer. De dez em dez minutos, sinto a falta da minha casa, do seu cheiro, do sofá e da almofada onde me aconchegava». Entre os livros, para quem fica a conhecer os gostos da queirosiana, causa estranheza um de Margarida Rebelo Pinto. Nela, o humor quase febril e cáustico de Eça de Queiroz impôs-se à bola imparável dos dias: «Foi a minha filha quem me ofereceu. Pensava que me dava uma grande coisa e eu agradei, porque sou

bem-educada. Não passei das primeiras páginas».

### Um boémio vencido pelo álcool

Armando, esse, não adormece sem prestar saudações ao futuro. Sempre se recusou a viver a prestações e pagou caro os excessos. Reputado contabilista da Invicta, ganhou bem e viveu melhor. Era um boémio. Na penumbra do quarto, recorta do seu passado apenas as sequências privilegiadas. Com uma turba de amigos, desde funcionários da Câmara a polícias de todas as corporações, tão irrequietos como ele, dançou sem tréguas em cabarés de renome do Porto, como o Pérola Negra, casa de *step* e sexo ao vivo, e o Tamariz, e bebeu até cair.

Casou apenas uma vez, enviuvou e chorou muito, chorou sempre com intensidade, nos braços de várias mulheres. Até que perdeu o controlo e o álcool venceu-o. Perdeu tudo e acordou sem saber quem era num hospital psiquiátrico. Foi assim que veio parar ao lar. Tornara-se um trapo, não controlava os órgãos, urinava onde calhava. Mais uma vez, as mulheres salvaram-no. Ainda é um homem escorreito, de paleio fino, que ruboriza após um galanteio. Ana Ermida ajudara-o a subir ao quarto e ouvira-lhe promessas de amor eterno: «Se ganhar o Euromilhões, caso contigo». Mas antes de fechar os olhos, já está de compromisso com outra: «O que eu queria que ainda me acontecesse? Acordar amanhã, sentindo o seu calor».



## FILIPA CHASQUEIRA

### FALAR BAIXINHO

## O último grande desafio dos professores

Enquanto me vejo grega para ajudar os meus filhos a responderem às várias solicitações das escolas, só me lembro dos professores, que foram apanhados de surpresa nesta mudança repentina e tiveram de responder com celeridade ao que lhes tem sido exigido.

Diria que a grande maioria não tinha sequer a experiência necessária para trabalhar com as novas tecnologias da forma que se tem imposto. Tem sido uma aprendizagem para todos - professores, pais e alunos - feita, muitas vezes, à custa de bastante sacrifício.

Os professores têm dado o litro e conseguido responder de uma forma fantástica ao desafio. Planeiam as aulas meticulosamente durante o fim de semana ou ao final do dia para que no início de cada semana já esteja tudo pronto, de forma sucinta e clara. E durante o dia vão se debatendo com uma série de desafios: as aulas síncronas são muitas vezes uma dor de cabeça, seja porque os programas não funcionam corretamente, porque alguns alunos estão pouco interessados, - muitos não têm maturidade suficiente para acompanhar uma aula daquele género - porque há pais que interferem, alunos que são mal educados ou as boicotam. (Infelizmente também tem havido relatos de comentários menos simpáticos por parte dos professores dirigidos a pais e alunos.) A qualquer hora do dia ou da noite os seus *e-mails* são inundados sobretudo de dúvidas e de mensagens mais ou menos simpáticas. Ao mesmo tempo os trabalhos vão chegando e têm de ser corrigidos com alguma ligeireza. E se fosse só a correção... mas tudo o que é feito, seja a correção, os planos ou a programação das aulas, tem de ser depois inserido no computador. Penso naqueles professores mais velhos, alguns deles com um contacto muito esporádico com estas modernices, que neste momento têm de fazer um esforço enorme para realizar todo o processo.

Além de tudo isto, não nos podemos esquecer que muitos professores não têm só uma turma, podem ter três, quatro, oito... E dar resposta a todas elas. Muitos ocupam ainda funções de direção de turma, da escola ou do agrupamento. E para além disto tudo podem ter filhos a quem têm de dar atenção, cuidados e apoio no estudo, já para não falar nas refeições e tarefas da casa. Como conciliar tudo? Não sei. Nem eles às vezes devem saber como é possível.

Imagino os diretores de turma a serem assaltados com emails de mães aflitas porque os filhos não conseguem entrar nas aulas síncronas, a terem de falar com os colegas para darem respostas imediatas, enquanto os dispositivos não respondem corretamente e têm as suas pró-

### Os professores têm feito um excelente trabalho. Só espero que possam ser tratados com respeito e carinho, por parte dos pais e alunos

prias aulas para dar e preparar, mais os filhos em casa que por sua vez também não conseguem entrar nas aulas deles ou que têm dúvidas no estudo.

Esta quarentena tem sido muito exigente para todos os que, em casa ou fora dela, trabalham contra o tempo e acumulam várias funções. Os professores estarão no topo da lista e ninguém lhes perguntou se queriam participar no desafio. Só nos resta agradecer o esforço e dedicação de todos, sem julgar ou pressionar. Tem feito um excelente trabalho, que não sei sequer se seria justo lhes ter sido pedido. Só espero que possam ser tratados com respeito e carinho, por parte dos pais e alunos e que no final da telescola possam gozar umas belas e merecidas férias, de preferência, bem longe dos computadores.

# UM CASO DE DOENÇA INFANTIL ASSOCIADO À COVID-19

Marta F. Reis

marta.reis@sol.pt

Depois do alerta no Reino Unido, países reportaram uma centena de casos de doença de kawasaki associada à covid-19. Doença parece estar a ganhar terreno com o vírus.

O alerta soou esta semana no Reino Unido e está a chamar a atenção de peritos em todo o mundo. Os pediatras têm estado a detetar quadros clínicos compatíveis com a doença de kawasaki, uma inflamação aguda dos vasos sanguíneos, que nos casos mais graves pode levar a problemas cardíacos e aneurismas, e que parecem agora estar ligados à infeção por covid-19. Algumas crianças precisaram de ser assistidas em cuidados intensivos, mas a maioria tem evoluído favoravelmente. O conselho é que os pais estejam atentos, mas sem alarme: na maioria dos casos em crianças com covid-19 têm tido uma evolução positiva e doença ligeira.

A preocupação veio a público no início da semana, quando a imprensa britânica revelou que o NHS tinha pedido aos médicos que reportassem casos idênticos desta vasculite com ligação à epidemia de covid-19. Seguiram-se alertas em Itália, Espanha, França, EUA, com os países a sinalizar mais de 100 casos na última semana. Em Itália, estimam-se 50 a 100 casos nas últimas semanas – no maior hospital de Bergamo foram registados 13 casos no último mês. Lorenzo D'Antiga, diretor do serviço de pediatria do Hospital Papa Giovanni XXIII, explicou que a incidência deste quadro clínico nas últimas semanas, pouco frequente, foi 30 vezes acima do habitual. Não deram o alerta mais cedo por ainda estar em investigação e

para não gerar preocupação geral, justificou. Todas as crianças tiveram alta em 15 dias. Em dois casos houve uma dilatação da artéria coronária que deverá ser controlada na idade adulta, descreveu ao jornal *Il Fatto Quotidiano*. Como é que não reportados casos na China? «Fiz a mesma pergunta e a resposta é que não sei, mas estou convencido de que também os têm», afirmou.

## Portugal com um caso

Em Portugal, o presidente do colégio de pediatria da Ordem dos Médicos, Jorge Amil Dias, garantiu no início da semana ao jornal *i* que os pediatras estão atentos à informação. «Os pediatras há muitos anos que diagnosticam doença de kawasaki em crianças, há critérios de diagnóstico e terapêutica. O que temos agora é uma possível associação de infeção. Se corresponde a um risco maior ou não, só o tempo permitirá perceber. Se

**DGS alertou esta semana para uma quebra na vacinação e pediu aos pais para que não atrasem o plano de vacinas dos filhos**



Criança de seis meses com sintomas da doença de kawasaki revelado em artigo académico

para a comunidade médica isto é importante para alargar o diagnóstico, e os médicos estão atentos, não se deve criar o pânico na população». A diretora-geral da Saúde, que esta quarta-feira indicou que não havia casos no país, revelou ter recebido entretanto a indicação de um caso no país. Jorge Amil Dias explicou ao *SOL* que a situação continuará a ser analisada pelos médicos, adiantando que este é um processo inflamatório que se pensa que pode decorrer de uma infeção prévia que ativa o sistema imunológico, combinado com alguma predisposição genética. «Neste sentido, qualquer infeção pode, em algumas circunstâncias, criar o terreno para esta doença, que acaba por ser resultado de uma tempestade inflamatória. [...] Sendo uma situação conhecida, sabemos que em alguns casos pode causar aneurismas por isso temos de estar atentos», diz Jorge Amil Dias, responsável pelo serviço de pediatria do São João. O médico adianta que neste hospital, nos últimos cinco anos, foram registados 25 casos de doença de kawasaki e até ao momento não foi reportado nenhum caso durante a epidemia. «Neste momento sabemos que existem quadros clínicos menos típicos que poderão estar associados a infeção mas de um modo geral a infeção por covid-19 não tem um impacto grave na popula-

ção pediátrica. Há casos mais severos, mas a população pediátrica tem sido de um modo geral poupada e no hospital onde trabalho a maioria das crianças foi tratada em ambulatório e apenas uma foi internada», disse Amil Dias ao *i*.

Desde a confirmação do primeiro caso de covid-19 em Portugal, testaram positivo para o vírus 402 crianças com menos de nove anos. Foram ainda diagnosticadas outras 748 crianças e jovens entre os 10 anos de idade e os 19 anos. Podendo existir mais casos de doença de kawasaki, não parece até aqui ser uma complicação frequente.

## Primeiro caso numa bebé de seis meses

Apesar de só esta semana ter soado o alarme a nível internacional, o primeiro caso a alertar para uma possível relação entre a doença de kawasaki e a covid-19 em crianças foi descrito a 7 de abril num artigo publicado na revista *Hospital Pediatrics* por uma equipa de Faculdade de Medicina de Stanford. Os autores relatam o caso de uma bebé de seis meses atendida numa urgência pediátrica com febre alta (38.8°C) e recusa alimentar há um dia. No segundo dia, desenvolveu rash cutâneo e conjuntivite. O agravamento do quadro levou a que regressasse à urgência, onde foi admitida para tratamento com suspeita de doen-

ça de kawasaki e acabou por ser testada para o coronavírus antes de ser internada, embora a família estivesse confinada em casa há uma semana e não houvesse historial de contacto com doentes. Apenas o irmão de nove anos tinha tido sintomas respiratórios três semanas antes. O eletrocardiograma não mostrou alterações e a criança teve alta, com indicação para a família ficar em isolamento 14 dias e repetir mais tarde os exames cardiológicos. No artigo, os autores recordam que a doença de kawasaki é uma vasculite grave em crianças e a principal causa de doença cardíaca em crianças nos países desenvolvidos, com 50% casos a verificarem-se antes dos dois anos de idade.

Os investigadores concluíram na altura não ser clara relação entre o caso desta criança, que teve um quadro ligeiro, deixando no entanto um alerta: «Na pediatria, com o espetro clínico ainda por ser definido de forma clara, os doentes que tenham apenas febre ou outros órgãos envolvidos como sintomas gastrointestinais podem passar despercebidos se o teste foi restrito apenas às crianças com queixas respiratórias», concluíam.

A Direção Geral da Saúde revelou no início da semana que em março houve uma quebra de 13% na vacinação em Portugal, reforçando o apelo para que os pais e cuidadores não atrasem a ida às vacinas.

## Sociedade

# MP investiga agressões da PSP

Pedro Almeida

pedro.almeida@sol.pt

Dois jovens de 16 anos foram agredidos por agentes da PSP num lar de acolhimento em Coimbra. O MP e a PSP abriram inquéritos para apurar responsabilidades. Direção da instituição diz estar revoltada.

O Ministério Público (MP) abriu um inquérito às agressões de agentes da PSP a dois jovens, de 16 anos, do Lar de São Martinho, em Coimbra, que acolhe crianças e jovens que necessitam de apoio social. «**Confirma-se a instauração de um inquérito que corre termos no Departamento de Investigação e Ação Penal (DIAP) de Coimbra**», avançou a Procuradoria-Geral da República, depois de a direção da instituição ter demonstrado uma grande revolta perante as imagens que foram inicialmente divulgadas pela SIC. Através de uma publicação na página do Facebook, o lar sublinhou a «preo-



JOÃO PORFÍRIO

PSP foi chamada ao lar por uma funcionária devido a alegados distúrbios

cupação» e a «indignação» que as imagens causaram à população em geral.

«**A instituição não pode pactuar com agressões aos seus jovens, seja em que circunstância for, e acompanhará os jovens agredidos – que são dois, embora apenas um apareça no vídeo –, garantindo-lhes apoio jurídico, que é apresentada queixa e que estes se consti-**

**tuem assistentes no processo-crime**», pode ler-se na publicação, na qual é mencionado também que já estão a decorrer averiguações internas para apurar as circunstâncias do caso.

«**Internamente, iniciámos também averiguações para apurar qualquer responsabilidade disciplinar dos jovens e/ou de funcionários por qualquer facto ocorrido, mas exigi-**

**remos igualmente que na justiça disciplinar própria da PSP e na justiça criminal se averiguem todos os factos praticados pelos concretos agentes que estiveram na instituição e que agrediram ou viram agredir jovens sem qualquer reação**», sublinhou a direção, reforçando que os jovens e as respetivas famílias vão ser devidamente acompanhados «**em todas as ins-**

**tâncias, exigindo justiça até às últimas consequências**».

O Comando Distrital da PSP também já havia instaurado um processo disciplinar para apurar o que aconteceu. As agressões terão ocorrido depois de a polícia ter sido chamada, no último domingo, por uma funcionária do lar, que garantiu que alguns jovens estavam a provocar distúrbios durante a madrugada.

De acordo com a advogada Maria Duarte, que está a acompanhar o processo em representação do lar de acolhimento, estiveram no local cinco agentes da PSP naquela noite, mas só dois entraram na instituição social, avançou a Lusa. Segundo os relatos dos jovens, as autoridades policiais já haviam estado no Lar de São Martinho no dia 6 de abril e aqueles ter-se-ão sentido «maltratados» pela polícia, situação que foi prontamente reportada à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens por um técnico da instituição social. A advogada disse que foram esses «maus-tratos» que fizeram com que um dos jovens presentes no lar filmasse o que aconteceu durante a madrugada do último domingo.

### EDUCAÇÃO



## Desinfeção nas escolas já começou

A desinfeção nas escolas começou esta quarta-feira e será feita por cerca de 400 militares, divididos por 80 equipas – 60 do Exército e 20 da Marinha. Os trabalhos de desinfeção serão feitos de forma faseada, começando pelas escolas que estiveram abertas durante o estado de emergência para acolher os filhos dos profissionais de saúde e de segurança.

### INCÊNDIOS

## GNR vigia limpeza de terrenos

O prazo para limpar os terrenos florestais termina esta quinta-feira e, a partir de 1 de maio, a GNR vai iniciar ações de fiscalização. Até ao momento, a GNR identificou 23 968 situações de incumprimento no que respeita à limpeza da floresta e instaurou 290 autos de contraordenação por queimadas. Ao SOL, a GNR avançou ainda que foram detidas oito pessoas e identificadas 44 pelo crime de incêndio florestal. A partir de sexta-feira, caso não tenham os terrenos limpos, os proprietários podem estar sujeitos a coimas que variam entre 280 e 120 mil euros. Inicialmente, o prazo terminava a 15 de março, mas acabou por ser alargado devido à pandemia.

### TANCOS



## Debate instrutório começa segunda-feira

O debate instrutório do caso do roubo das armas de Tancos está marcado para 4 e 5 de maio, no Tribunal de Monsanto, dois dias depois do fim do estado de emergência anunciado pelo Governo devido à pandemia de covid-19. O caso reúne 23 acusados, entre os quais militares e assaltantes que participaram na encenação da recuperação das armas furtadas. Os suspeitos são acusados de crimes de associação criminosa, abuso de poder e denegação de justiça. Ao que tudo indica, o debate instrutório decorrerá sem quaisquer limitações.

### ENSINO SUPERIOR

## Candidaturas com novas datas

Este ano, a realização das provas que servem de acesso ao ensino superior terão uma única fase que termina a 30 de junho, em vez das habituais duas chamadas. Esta alteração foi feita pela Comissão Nacional de Acesso ao Ensino Superior (CNAES), que modificou o calendário da avaliação. O anterior previa a realização das provas em duas fases, a primeira entre 13 de abril e 15 de maio, e a segunda entre 29 de junho e 10 de julho.



## Em Paz

# IRRFAN KHAN

Diogo Vaz Pinto  
diogo.pinto@sol.pt

### 1967-2020 A sedução discreta do galã indiano

No rosto de Irrfan Khan tinham margem de balanço as sombras disso que costuma perder-se na tradução. Uma das lendas do cinema indiano, com os papéis em filmes como **Quem Quer Ser Bilionário?** (2008) e **A Vida de Pi** (2012) tornou-se um entre um punhado de atores que, depois de conquistarem Bollywood, alcançaram projeção mundial. Khan morreu na quarta-feira, aos 53 anos, de uma infeção no cólon, depois de ter sido internado uma semana antes num hospital em Bombaim. Em 2018 tinha-lhe sido diagnosticado um cancro raro (tumor neuroendócrino). Num comunicado ao *Times of India*, a família do ator disse que ele morreu rodeado dos que lhe eram mais próximos. “Irrfan era uma alma vigorosa, alguém que lutou até ao fim e que sempre inspirou todos aqueles que dele se tornaram próximos”.

Em 2018, quando tornou público o seu diagnóstico de cancro, citou a romancista Margaret Mitchell, autora de **E Tudo o Vento Levou**: “A vida não tem obrigação nenhuma de corresponder às nossas expectativas”. O ator tranquilizou os fãs, lembrando que “o inesperado nos faz crescer, e os últimos dias têm-se revelado uma aprendizagem a esse respeito”. Khan mostrou-se otimista e disse que esperava ter ainda outras histórias para contar. Em 2019, o cancro parecia ter entrado em remissão, e o ator estreou em Março, na Índia, o seu último filme, **Angrezi Medium**, quando a pandemia do novo coronavírus obrigou ao encerramento das salas de cinema. Khan tinha ainda planos para protagonizar outros dois filmes.

Peter Bradshaw, crítico de cinema no *Guardian*, explica o peculiar carisma de Irrfan Khan referindo uma calma e sedutora persuasão, a de um homem que, sem causar alarme, se aproxima

furtivamente, até que o seu olhar sensível fique à vontade, demonstrando-se, até firmar um pacto com quem o ouve. “Quase lhe poderíamos chamar o Clooney de Bombaim”, diz Bradshaw, reconhecendo que se trata de um elogio condescendente, mas que se esforça por explicar, em termos hollywoodescos, o encanto deste colosso do cinema indiano. À medida que os anos passavam por ele, entrando na meia-idade, o amadurecimento da sua beleza discreta deu-lhe a “versatilidade” que o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, exaltou numa homenagem a Khan publicada nas redes sociais. Depois de quase ter sido levado a desistir da carreira de ator, frustrado com os papéis que conseguia como ator de telenovelas, em 2001, Khan viu a sua vida mudar com o desempenho quase silencioso no filme **O Guerreiro**, uma adaptação de um conto tradicional japonês pelo realizador britânico Asif Kapadia. Desde então começaram a oferecer-lhe papéis de protagonista em dramas e em fitas românticas, ou de vilões nas exuberantes produções de Bollywood. Mas, neste ponto, Khan obriga-nos a fazer uma correção, tendo-se batido para que este termo que raia, uma vez mais, o condescendente, fosse abandonado. “Esta indústria tem a sua própria técnica, a sua forma de fazer filmes, e que nada tem que ver com a de Hollywood”, disse numa entrevista

**‘Esta indústria tem a sua própria técnica, a sua forma de fazer filmes, e que nada tem que ver com a de Hollywood’**



Khan morreu na sequência de um cancro diagnosticado em 2018

ta ao *Guardian*, em 2013. “E se é assim, por que razão é que sofreu esta perda de identidade chamando-lhe Bollywood?”

Irrfan Khan nasceu com o nome de batismo de Sahabzade Irfan Ali Khan, em janeiro de 1967, em Tonk, um povoado junto à capital do estado de Rajastão, Jaipur. Um de quatro irmãos, o pai era caçador e possuía uma loja de pneus, e embora fossem de classe média, a mãe, Saeeda Begum, pertencia à família real Tonk Hakim. Foi para se livrar do embaraço que lhe causavam essas raízes aristocráticas que abandonou o primeiro nome, acrescentando um “r” a Irfan, por razões puramente fonéticas. Da infância não guardava outra coisa que não boas memórias, entre andar amatilhado com os miúdos da vizinhança a brincar nos telhados de Tonk, nas competições de papagaios de papel, a jogar críquete ou a acompanhar o pai nas caçadas. Quando tinha 18 anos, o pai morreu. A mãe esperava que ele se ocupasse da loja de pneus em Jaipur, mas Irrfan já tinha outros planos. Depois de ter ambicionado ser jogador profissional de críquete, ainda na adolescência começou a virar-se para as ar-

tes dramáticas. Prestou provas e conseguiu entrar na Escola Nacional de Teatro em Nova Deli, em 1984. Foi no curso que conheceu a guionista Sutapa Sikdar, com quem viria a casar-se em 1995, tendo com ela dois filhos.

A sua estreia no grande ecrã deu-se em 1988, no filme **Salaam Bombay!**, de Mira Nair. Apesar de este drama sobre as crianças sem-abrigo ter sido um êxito internacional, foi só no início deste século, com o já referido papel em **O Guerreiro**, que Khan conseguiu provar que tinha o carisma para protagonizar um filme e garantir o seu apelo junto das audiências. Depois vieram os papéis em grandes produções indianas como **Haasil** e **Maqbool**, ambos de 2003, sendo este último uma adaptação moderna de **Macbeth**. E se o salto para Hollywood o levou a conquistar papéis secundários em **blockbusters** como **O Fantástico Homem-Aranha** (2012), **Mundo Jurássico** e **Inferno** (2016), talvez o mais memorável dos seus papéis será o que tem em **A Lancheira** (2013), uma irónica comédia romântica na qual Khan interpreta um contabilista viúvo que recebe, por engano, um bilhete de amor destinado a outro homem.

## Óbitos

### Per Olov Enquist

**N. 1934** Autor de cerca de 20 romances e ensaios, nove peças de teatro e cinco guiões de cinema, o escritor e dramaturgo sueco Per Olov Enquist, um dos autores mais prestigiados deste país nórdico, morreu aos 85 anos, no passado domingo, na sequência de doença prolongada. Jornalista desportivo e saltador em altura na juventude, Enquist (nascido em Hjøggöle, 1934) estreou-se em 1961 com o romance **Kristallögat (O Olho de Cristal)**, a que se seguiu **Magnetisörense femte vinter (O Quinto Inverno do Magnetizador)**, 1964). Com **Legionärererna (Os Legionários)**, 1968), obteve fama fora da Suécia e ganhou o Prémio de Literatura do Conselho Nórdico. Um dos mais importantes, premiados e traduzidos escritores e dramaturgos nórdicos, tendo o seu nome sido referido mais do que uma vez para o prémio Nobel, além da produção estritamente literária, Enquist escreveu guiões para vários filmes, entre os quais **Pelle, O Conquistador**, do dinamarquês Bille August, que ganhou o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1987.

### João de Azevedo

**N. 1950** O artista plástico João de Azevedo, autor das ilustrações do disco **Com as Minhas Tamanquinas**, de José Afonso, e de todas as capas das agendas da SOS Racismo, morreu no sábado em Lisboa. Nascido em fevereiro de 1950, na Figueira da Foz, João de Azevedo foi vítima de embolia pulmonar e enfarte no dia 20 de março, no Senegal, onde se encontrava a trabalhar como consultor.

## Efemérides

### Herbert Hoover ilumina Empire State Building

**1.05.1931** Faz hoje 89 anos que o Presidente Herbert Hoover inaugurou o Empire State Building, pressionando um botão na Casa Branca que acendeu as luzes do edifício. O gesto de Hoover foi simbólico: ao carregar no botão na capital (Washington), alguém ligou os interruptores em Nova Iorque. Segundo a lenda, o Empire State Building nasceu da aposta entre Walter Chrysler (Chrysler Corporation) e John Jakob Raskob (General Motors) para ver quem erguia o edifício mais alto.



**FILIPE PINHAL**

**OPINIÃO**

## O crime volta a ficar impune?

Gerado em laboratório ou nos mercados de rua, parece não haver dúvidas de que o vírus veio da China para provocar uma catástrofe, cuja dimensão está expressa no número de infetados, hospitalizados e mortos em todo o mundo, bem como no encerramento de milhares de empresas, milhões de desempregados e milhões de euros de salários que estão por pagar.

Para os Estados, a fatura chegou depressa: o aumento da despesa pública e ajudas financeiras a privados... que alguém terá de pagar um dia.

Teorias da conspiração falam de um plano da China para dominar o Ocidente, mas será difícil provar a manipulação de um vírus... para atacar o resto do mundo. Mais fácil é determinar a origem do problema. Nos últimos vinte anos, é a terceira vez que uma pandemia vinda da China provoca destruições que alastram a todo o mundo. Tal deveria ser suficiente para responsabilizar o causador do desastre, à semelhança do que acontece com as catástrofes ambientais.

Acusados de terem provocado a II Guerra Mundial, a Alemanha e o Japão foram condenados a pagar indemnizações de guerra e sofreram condicionamentos políticos e militares que se prolongaram por muitos anos. E agora? O crime fica impune? Os custos da destruição vão ser suportados pelos sobreviventes... já empobrecidos pela paralisação da atividade económica, pelas falências e pelo desemprego?

O que aqui não é novidade. Outros já o disseram de forma mais fundamentada, há investigações em curso e até ações judiciais, propostas por estados americanos. Mas trata-se de iniciativas isoladas, sem a consistência que é necessária para vergar a potência asiática.

Da ONU... os habituais votos de paz e fraternidade. Continua por explicar a ausência de ação concertada que aprove a realização de uma investigação supranacional,

para reunir indícios e provas que sustentem uma acusação formal.

Se, nesse contexto, a China vier a ser condenada, o Ocidente dispõe de meios para se ressarcir das perdas materiais. Basta pensar na dívida americana, que está em mãos chinesas, passível de arresto para garantir o pagamento das indemnizações. O mesmo se dirá das participações de capital chinês em empresas



**Aos dirigentes mundiais, que fazem contas às consequências da quebra do PIB, cabe a responsabilidade histórica de fazer sentar a China no banco dos réus**

dos países atingidos, que podem ser igualmente penhoradas, confiscadas ou nacionalizadas. E esta já é uma linguagem a que a cúpula do PC chinês é sensível.

Para os governos, o caminho mais fácil é o da austeridade, que já provou ser prejudicial ao desenvolvimento. Adiamento de investimentos públicos, aumento de impostos, lançamento de taxas, cortes de salários são fáceis de decidir mas vão em sentido contrário à recuperação do PIB, que tem de estar na primeira linha das prioridades.

Aos dirigentes mundiais, que fazem contas às consequências da quebra do PIB, cabe a responsabilidade histórica de fazer sentar a China no banco dos réus. Aos cidadãos cumpre o dever de impedir que os eleitos se refugiem na 'lei do menor esforço', para se pouparem à maçada de enfrentar o senhor Xi Jinping.

## Opinião

# O risco da verdade

Não, infelizmente nem tudo está a correr bem.

Continuamos há muito tempo à espera de indicadores salvíficos que teimam em chegar e vivemos da interpretação virtuosa sobre eles feita.

Com oscilações mais do que evidentes, sublinhe-se.

Foi o pico, foi o achatamento, foi o planalto, é o R0.

O certo é que, estas semanas todas volvidas, continua a crescer, embora a ritmo inferior, o número de infetados e ainda não é aceitável o indicador do número de contágios possível.

Comparamos com outros países e damos graças por não sermos Espanha, ou Itália, ou Estados Unidos e desesperamos por não ser Grécia ou Nova Zelândia.

É por essas e outras que a incomodidade é grande.

Tempos atrás li uma notícia sobre o modo de ultrapassar uma situação impossível. A solução era congelar o corpo até que a resposta pudesse acontecer.

O certo é que não se congela um país.

Portanto, por mais tempo que consigamos ficar fechados em casa dentro da arca frigorífica, alguma outra decisão deve ser tomada.

Percebe-se que os indicadores ainda não são suficientemente bons.

Mas, então, diga-se isso claramente.

Explique-se, como a chanceler alemã fez, o que significam e que consequências têm as variações dos números.

O que mais angustia é a incerteza.



**CARLOS ENCARNAÇÃO**

Não podemos num dia desenharmos um caminho e no dia seguinte voltar atrás.

Não é aceitável surpreender no decisor a eterna dúvida, ou o silêncio comprometido, ou o teste às reações a fugas de informação controladas.

Se a solução é acabar com o confinamento, então assumam-se a responsabilidade, diga-se quando e como e em que condições práticas.

Não se perca tempo com a discussão absurda entre estado de emergência e estado de necessidade, fingindo não perceber o que está em jogo, para fugir à questão essencial.

Temos um longo calvário económico pela nossa frente.

Teremos um problema financeiro grave.

**Os indicadores ainda não são suficientemente bons. Explique-se, como a chanceler alemã fez, o que significam e que consequências têm as variações dos números...**



MICHAEL KAPPELE/AFP

Como é que vamos resolver isso?

Só com a ajuda da Europa. Com ou sem mais austeridade?

Dependendo das condições de acesso ao Fundo do bilião e meio.

Esta é a realidade nua e crua. A União Europeia não pode fazer de conta que tomou uma deliberação limitando-se a um exercício de equilíbrio e adiantando.

A resposta a um desafio desta dimensão tinha que ser total e não deixar cada um entregue à sua sorte.

Convivemos, nesta altura, entre a ameaça de uma segunda vaga a que não consigamos responder e a realidade crescente do desemprego, do corte de rendimentos, da fome.

E com a doença das empresas que não têm recursos, nem procura, nem grande esperança de vida.

Nem tudo corre mal, também, é justo dizê-lo.

O país está consciente, tem respondido bem, tem-se superado no sacrifício.

Adivinha-se que aprendeu a reagir, a defender-se, a arriscar com prudência, a ser exigente.

E sabe que nada poderá ser feito, no futuro, sem o rigor e o cuidado indispensáveis.

Por exemplo, não pode anunciar-se um país como destino de refugiados e descobrir-se, depois, a ignorância das entidades responsáveis pela condições de alojamento indignas.

Não pode ser por isso que o R0 aumenta como aumentou.

É que são estes pequenos por menores que nos fazem tropeçar.

## Há boas notícias

Começa a ficar claro que foi um erro confinar jovens e adultos saudáveis e não ter protegido a população envelhecida dos lares, normalmente gente pobre e solitária. A decisão de encerrar a economia foi tomada por burocratas com medo e no final, quem morreu foram maioritariamente pobres e velhos dos lares das Misericórdias... Estamos, portanto, antes de mais, perante um problema de justiça social.

Começa a ser claro que os 'lockdowns', na maioria dos lugares, não salva vidas (mas provocou mortos por outras doenças) e o que causou alarme foi a má gestão dos recursos por parte da China e de Itália e a incompetência espanhola e, pelo contrário, terá efeitos perversos na saúde mental e na economia de todos.

Começa a ficar claro que os mortos são muito inferiores – não existiu pandemia? – e que a decisão de fechar as economias foi um procedimento de governos com medo das suas opiniões públicas e sem suficiente suporte científico. Sabemos agora que os estudos alarmistas do Imperial College têm erros. Foi penoso ouvir, esta semana, um descreditado Neil Ferguson a dizer que a demografia explica a intensidade da doença, para justificar o alarme que provocou com o seu estudo inicial.

Começa a ficar claro que todos os 'decretos do Governo' sobre a covid-19 são formalmente e alguns, também, materialmente inconstitucionais – para não discutir, desde já, as inconstitucionalidades do decreto presidencial (quem fiscaliza?) – e que as indemnizações a pagar serão colossais.

Ao sair deste erro colossal, que acustará em média a perda de 4 a 10% do PIB (nuns países mais do que noutros), os governos precisam de uma narrativa de desconfinamento faseado, explorando ainda o medo de uma segunda vaga ou 'pior que isso', para que os milhões de desempregados não se revoltam e continuem a acreditar na boa decisão dos Estados.

Conseguida a narrativa, usando todos os instrumentos ideológicos



**RUI TEIXEIRA SANTOS**  
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

gicos – sobretudo, universidades, televisão e redes sociais – resta um problema de mercado nesta crise: a assimetria da saída, com países a capitalizarem fortemente as suas empresas (a Alemanha, por exemplo, terá uma queda no PIB no máximo de 4%, segundo a S&P, mas lançou um pacote com 15% do PIB), e outros a permitirem a destruição de valor sem capacidade de resposta (Portugal com uma queda previsível de 8,7% do PIB lançou medidas financeiras públicas que valem apenas de 1% do PIB).

Este é o ponto mais relevante a partir de agora na Europa; o resto, à medida da 'aldeia', é apenas discurso ideológico para Rebelo de Sousa ser reeleito e o António Costa continuar popular ou trabalho para juristas.

**M**as há boas notícias entretanto: apesar da 'mãe de todos os encerramentos' estar a ter um efeito assimétrico nas economias da UE, a resposta política da Europa, surpreendentemente, já superou todos os esforços para mitigar as crises anteriores, falando-se de um pacote correspondente a cerca de 15% do PIB da EU – qualquer coisa como 2 triliões de euros – para responder à crise económica pós-covid-19 e relançar a Europa, dentro dos objetivos estratégicos traça-

**Está criada uma oportunidade em período de exceção: a Comissão a emitir títulos perpétuos e depois, nas mesmas condições, emprestar e/ou subsidiar Estados-membros...**

dos pela Comissão Europeia (Pacto Ecológico Europeu, Transição Digital, Reindustrialização e Transparência).

A questão prende-se com o próprio mandato da Comissão Europeia na defesa dos Tratados e em matéria da exclusiva competência da UE: a concorrência no Mercado Interno. E desta vez, parece não haver discussão jurídica, nem perderemos sete anos para aprovar um Plano Juncker qualquer.

A pretexto da covid-19 estamos a assistir à suspensão das regras de equilíbrio orçamental, com 'ajudas de Estado', legitimadas pela exceção, nos países que têm capacidade de endividamento (como a Alemanha) ou onde os bancos centrais deixaram de ser independentes (caso dos EUA, Reino Unido, Japão), colocando fora do mercado todos os outros.

**É** verdade que Portugal e a Itália emitiram recentemente e os preços foram muito moderados. A procura ultrapassou largamente a oferta, mostrando que, em 2020, a fragmentação dos mercados não se verifica e sobretudo, que os mercados aprovam os apoios estatais às economias.

Está criada, portanto, uma oportunidade: em período de exceção, pode a Comissão emitir títulos perpétuos e depois, nas mesmas condições, emprestar e/ou subsidiar Estados-membros, eventualmente – proponho – com um adicional de 0,5 % para ajudas ao desenvolvimento, sobretudo, de África.

A ideia espanhola cumpre todos os critérios dos Tratados e até as exigências dos 'frugais'. É uma maneira fácil, rápida e de baixo custo de financiar um Fundo Europeu de Recuperação de 2 triliões que, considerando a magnitude do desafio da agenda de von der Leyen, deveria ir mesmo até aos 2,7 triliões para igualar os EUA. Os saldos orçamentais primários melhorariam e os níveis de dívida em relação ao PIB diminuiriam na maioria dos países europeus.

Os mercados, sobretudo seguradoras e fundos de pensões, gostarão certamente de dívidas perpétuas garantidas pela EU.

Aproveitará a Europa esta oportunidade?



**ANTÓNIO PRÔA**

**BACK TO BASICS**

## A desumanidade exposta em Lisboa

**S**e há lição que deve permanecer para além da atual pandemia é a importância da vida, da solidariedade e da dignidade.

Nas últimas semanas, a covid-19 expôs a desumanidade com que são tratados alguns seres humanos que, pela sua condição, são mais frágeis e que, por estarem escondidos, foram esquecidos. Primeiro, os idosos confinados em lares e, mais recentemente, os requerentes de asilo alojados em Lisboa em condições desumanas.

Logo no início da crise que atravessamos, em Lisboa, na preparação das respostas aos riscos da epidemia, foram tomadas medidas relevantes para proteger e apoiar as pessoas sem-abrigo, adaptando pavilhões desportivos para as abrigar, proporcionando apoio médico e sanitário e fornecendo refeições.

Se os sem-abrigo, pela sua vulnerabilidade e pelo facto de estarem expostos aos olhos de todos, não poderiam ser ignorados, outros grupos vulneráveis, invisíveis na comunidade, foram esquecidos até que as notícias trouxeram a público o drama da contaminação. Assim sucedeu com os idosos em lares e com os requerentes de asilo.

As notícias sobre as condições em que estavam aqueles requerentes de asilo não podem deixar ninguém indiferente. Num 'hostel' alojavam-se quase 200 pessoas em 40 quartos, partilhando umas poucas casas de banho. Logo depois, foram noticiadas situações idênticas noutras pensões sobrelotadas, constituindo um verdadeiro 'barril de pólvora' sanitário e social.

**E**m Lisboa existem cerca de 1000 pessoas requerentes de asilo que aguardam durante meses por uma decisão das autoridades. O Estado português, com uma capacidade reduzida para os alojar temporariamente, financia instituições particulares para assegurarem o respetivo alojamento. Agora sabe-se em que condições...

Por outro lado, o Governo e a Câmara de Lisboa anunciaram, durante a crise dos refugiados, a disponibilidade para acolherem cerca de 5000 refugiados (500 em Lisboa). Foi uma atitude de humanidade que merece aplauso.

**É** gritante a contradição entre os propósitos de acolhimento anunciados e a realidade indigna como são tratados estes requerentes de asilo.

É chocante observar o lavar de mãos de todas as autoridades perante esta situação: a instituição responsável pela escolha dos alojamentos que não cuida das condições; o Governo que não assegura a adequada utilização do financiamento que presta; e a Câmara Municipal de Lisboa, com um pelouro dos 'direitos sociais' que recebe informação sobre estas situações, mas depois afirma que as desconhece, preferindo o palco da comunicação social para alijar responsabilidades e culpar outros em vez de contribuir para resolver os problemas.

A situação dos requerentes de asilo revelada pelas notícias merece indignação, reação e responsabilização. Não, não são portugueses – o que pode servir a alguns para menosprezar. Mas são Seres Humanos – e, por isso, merecedores de respeito – que procuram acolhimento e tratamento com o mínimo de dignidade que lhes foi negada na sua terra. De facto, estes requerentes de asilo não são pessoas como nós: sofreram fome, violência, risco da própria vida, em muitos casos viram a família ser morta ou violentada, perderam os meios de subsistência, a casa, a família, o chão e a dignidade.

Qual a dúvida sobre a nossa obrigação de ajudarmos e acolhermos, quando for caso disso, estes seres humanos, independentemente da raça, credo ou ideologia? Não pode haver "mas"! Essa é, aliás, uma medida da nossa própria dignidade – promovermos a dignidade do outro.

# Cultura

**SEBASTIÃO PINTO RIBEIRO, CFO  
DA LEILOEIRA PALÁCIO DO CORREIO VELHO**

## 'NAS CRISES, O AZAR DE UNS É A SORTE DOS OUTROS'

José Cabrita Saraiva  
jose.c.saraiva@sol.pt

Na próxima quarta-feira, dia 6 de maio, o Palácio do Correio Velho leiloa o espólio de Luiz Miguel Roza Dias – além de cirurgião vascular, sobrinho, herdeiro e estudioso de Fernando Pessoa. O responsável da leiloeira explica-nos em que moldes decorrerá a sessão e como vê o futuro do mercado das artes e antiguidades.

**C**omo é que a paralisação provocada pela pandemia está a afetar-vos e o que estão a fazer para minimizar os estragos?

A primeira coisa foi defender os trabalhadores e as pessoas de uma possível infeção. Fechámos a empresa totalmente durante três semanas à espera de alguma orientação do Governo, não tanto a nível do que ia acontecer nas

artes ou nos leilões mas, sobretudo, a nível empresarial e de proteção pública. Cancelámos o leilão presencial que estava agendado para 18 de março – ainda por cima era com o espólio de um familiar de Fernando Pessoa. Tínhamos a exposição marcada, normalmente passam por aqui duas a três mil pessoas e não queríamos correr esse risco. Por isso, adiámos para 6 de maio. Depois, assim que as medidas do estado

de emergência saíram cá para fora, usámos os mecanismos disponíveis para começarmos a reorganizar a nossa atividade.

**Em que é que isso se traduz?**

O Palácio de Correio Velho já tinha, desde 2014, uma plataforma de leilões *online* que estava preparada para começar a funcionar. Aquilo que fizemos foi tentar perceber qual seria a melhor altura para começar o negócio digital e





reforçar toda essa vertente. Já abrimos e começamos a vender. A partir de agora teremos de nos reinventar um bocadinho, passar a fazer as coisas um bocadinho mais digitais até ser levantado o estado de emergência. Enquanto não pudermos fazer exposições, iremos para o espaço digital.

**Esse leilão com objetos de Fernando Pessoa, como vai funcionar?**

Vai ser dia 6 de maio, na *internet*. Desde que mantivemos esse leilão do Fernando Pessoa no arco, as pessoas têm deixado ofertas e tem havido imenso interesse. As pessoas não podem vir aqui, mas podem entrar ao vivo nas plataformas digitais e ver o leilão a acontecer. Já fizemos um leilão ao vivo e correu lindamente, tivemos imensas licitações.

**Esse primeiro leilão também serviu de barómetro para perceber se as pessoas aderiam?**

Acho que as pessoas não deixaram de ter interesse nas antiguidades – em princípio, isso nunca deixará de acontecer. Isto é cíclico. Em todas as crises há sempre pessoas que deixam de ter poder de compra e outros passam a ter poder de compra. Isto é uma espécie de bolsa de valores: às vezes, o infortúnio de uns é a sorte dos outros. Por outro lado, acabam por aparecer coisas para vender que normalmente não viriam ao mercado se não fosse a crise. Normalmente, até, nas crises é quando aparecem coisas boas para vender; e depois, dependendo do valor das coisas, há sempre gente para comprar. Mas veremos como reage o público. Também é uma mudança um bocadinho drástica, não é?

**Têm material em armazém com que possam alimentar leilões futuros antes de poderem retomar as visitas?**

Temos, mas não é eterno. Temos *stock* para algum tempo, não para cinco anos de leilões. Para podermos continuar a nossa atividade teremos de ir a casa das pessoas fazer avaliações e fazer aquilo a que se chama ‘angariar leilões’. A nossa empresa tentou preparar-se, adquirir máscaras, luvas, viseiras para, quando regressarmos em força a seguir ao estado de emergência, podermos ir a casa das pessoas avaliar os bens e fazermos essa deslocação em segurança.

**Falou-me da digitalização e na aposta na vertente tecnológica, mas este não é um negócio conservador, por assim dizer?**

É um negócio muito específico. Por muito digital que o mundo seja – as pessoas, hoje, tentam ter os negócios supertecnológicos –, carece sempre de uma intervenção humana, porque estamos a lidar com obras de arte, peças raras ou mesmo únicas, muitas vezes com 300, 400 anos, que carecem de uma avaliação que é sensível ao toque, ao olhar, às dimensões. Infelizmente – ou felizmente –, há certas coisas que não são só tecnológicas. Este negócio é ainda muito dependente do ser humano e acho que vai ser sempre assim. Se reparar, existem há 300 e tal anos duas concorrentes mundiais, a Sotheby’s e a Christie’s. Já houve várias empresas que tentaram rivalizar com elas, querem crescer e não conseguem, porque essas duas são únicas. Aqueles peritos têm um *know-*

*-how* de 300 e tal anos de história por trás. Está a ver – vou usar uma expressão inglesa – como o negócio é tão *narrow*, tão fino.

**Falava-me das peças raras que vão aparecer. Mas também vamos assistir a um abaixamento dos preços, ou não?**

Isso era uma situação que já vinha a verificar-se em Portugal há bastante tempo. O que aconteceu na crise de 2008-2010 foi um dizimar da classe média portuguesa e, quando há um empobrecimento generalizado da classe média, os bens têm de perder força. Pode haver a classe alta, que tem dinheiro, e os ricos, mas os ricos não passam a vida a comprar arte. Podem gostar muito, comprar de vez em quando, mas não são eles com certeza que vão sustentar o mercado da arte. Tem de ser a classe média a contribuir em massa para a valorização global. A arte já vinha a perder valor há muito tempo. Pior do que isto, só mesmo não comprarem. Mas não me parece que isso vá acontecer.

**Há certas áreas que são mais vulneráveis e outras mais resistentes?**

Há aquela expressão engraçada – que é mundial, não é só portuguesa –, ‘vão-se os anéis, ficam os dedos’. Em 2008-10, na crise do *sub-prime*, vimos que as lojas de ouro e dos penhores pareciam pipocas, abriam em cada esquina de Lisboa. Como foi uma crise bancária e as poupanças desapareceram das contas, as pessoas tiveram de ir aos tais anéis para poderem pagar a vida no dia-a-dia. Estes bens móveis servem muitas vezes para financiar estas crises. As pessoas têm obras de arte porque admiram, colecionam, gostam para decorar as casas. Mas primeiro têm de ter dinheiro para comer e para estar bem. Quando acontece uma crise destas, e se é preciso liquidez, estes bens são a primeira coisa de que as pessoas se veem livres. Aquelas pessoas que estão muitos anos a guardar coisas raras, e agora estão apertadas, equacionam vender. E quem tem dinheiro, mesmo que não esteja à procura, se apanha uma coisa rara, compra.

**Podemos partir do princípio de que será uma altura boa para comprar?**

É o que nós achamos. Acho que vai ser duro, mas ainda não vislumbramos bem o que vai acontecer. Pode ser mau, pode ser muito >

“  
**Por muito digital que o mundo seja, este negócio precisa sempre de intervenção humana**

**Os ricos podem comprar de vez em quando, mas não são eles que sustentam o mercado da arte**

**Quando acontece uma crise destas, estes bens são a primeira coisa de que as pessoas se veem livres**

”

## Cultura

> mau, pode ser péssimo, pode ser horroroso. Mas, normalmente, nas crises é isto que a experiência nesta área me diz: o azar de uns é a sorte dos outros. Uns estão a perder o emprego e em empresas falidas, outros estão a fazer dinheiro com máscaras, com álcool-gel, etc. Isto é assim um bocado estranho.

### Em 2008-10 foram dos que fizeram dinheiro ou ressentiram-se?

Digamos que o melhor período de venda da última década foram aqueles anos imediatamente a seguir à crise, até 2015. Foi aquele reflexo de as pessoas terem de vender os anéis para fazerem face à crise e acabámos por ter muito produto para vender. Depois, o mercado imobiliário começou a pegar, começou a ser uma solução muito melhor em Portugal, a ter muito mais investimento, e este mercado das artes desceu francamente. As pessoas não fazem esta ligação, mas os dois andam de mão dada. Em 2008-2010 não se vendia uma casa. Você podia pôr um anúncio, estava cinco anos à espera, faziam umas visitas, espremiavam valores para metade do que você pedia, e lá vendia uma casa de vez em quando, com muito esforço. As pessoas precisavam de liquidez e recorriam aos bens que tinham em casa, às pratas, à arte, etc. Imagine que cinco anos antes pedia 500 mil euros pela casa, não lhe davam; agora põe no

mercado por 700 ou 800 mil e pagam-lhe três dias depois de fechar o negócio. Não precisa de vender o recheio. Como, ainda por cima, tem de reinvestir as mais-valias noutra casa, leva o recheio para outra casa, está ótimo.

### É sabido que as gerações mais novas se interessam pouco por antiguidades. Isso é um problema para as leiloeiras?

Entre estes chamados *millennials* – e até já há outros nomes para os que vêm a seguir –, a tendência é para estarem um bocadinho desapegados de coisas, não tem de ser só obras de arte. Quando eu estava a crescer, aquilo que estava na cabeça da minha avó era fazer um enxoval para as minhas irmãs. Hoje em dia seria impensável a minha mãe fazer um enxoval para as netas. Jamais! O meu pai ofereceu um carro a cada filho. Os meus filhos, provavelmente, nem vão querer ter um carro. Os *millennials* ainda não descobriram muito bem qual é a relação que querem ter com a arte. Sabem o que não querem: não querem ter coisas pesadas, grandes casarões, porque isso implica grandes obrigações, estar no mesmo sítio, contas para pagar, etc., e eles gostam de ser livres. Vivemos mundos novos, ainda estamos um bocado à descoberta. Mas, de repente, isto dá uma grande cambalhota e o antigo é que é porreiro! [risos] Nunca se sabe!



Sebastião Pinto Ribeiro também é presidente da Associação das Leiloeiras de Arte

FACEBOOK

# ‘No mundo das artes há gostos para tudo’

## Estudou e trabalhou em Londres, onde viveu 11 anos. Regressou a Portugal «nos ‘maravilhosos’ anos da crise».

Filho do fundador do Palácio do Correio Velho, João Pinto Ribeiro, aos 40 anos, Sebastião Pinto Ribeiro preside à APLART, a Associação das Leiloeiras de Arte, é professor de uma pós-graduação em mercados de arte na Universidade Nova de Lisboa e CFO da empresa familiar. Cresceu rodeado de arte e antiguidades, trabalhou no negócio do pai durante a adolescência e estudou em Londres.

### Adquiriu o gosto pelas antiguidades logo em pequeno?

Sempre vivi e cresci rodeado de antiguidades e arte. Para mim, é

perfeitamente normal estar rodeado de coisas antigas, coisas modernas, coisas esquisitas... O meu pai era antiquário quando eu nasci, fundou a empresa em 89. Eu nasci em 79, portanto vi todo o crescimento da empresa.

### Como foi o seu percurso, como aprendeu os segredos do negócio?

Passei aqui a minha infância, mais tarde fui trabalhando aqui, quando era estudante. Depois fui para Inglaterra fazer um bacharelato, um curso de três anos na Sotheby's. Ao fim dos três anos vim trabalhar na empresa do meu

pai mas, depois, quis voltar para Inglaterra para fazer um MBA. Andei mais seis ou sete anos na banca e isso, alarguei um bocadinho o meu percurso a outras experiências que achei que eram importantes antes de vir outra vez para o mercado nacional e tomar conta do negócio da família. Depois, em 2010, nesses ‘maravilhosos’ anos, retornei a Portugal, ao fim de 11 anos a viver em Londres, para me agarrar ao negócio de família. Uma das coisas que fizemos foi desenvolver os leilões *online*, em 2014. Desde então sou CFO, o meu pai é o CEO, e juntos temos mantido a empresa.

Tendo o gosto pelas antiguidades, não há a tentação de ir ficando com peças para si?

Desde 2015, isso é proibido por lei, não podemos comprar ou vender na nossa leiloeira, portanto está fora de questão. Mas a tentação existe sempre. É como o dono da loja de gelados: também gosta de gelados mas, se comer todos os dias, ou vai morrer de um problema de açúcar ou vai-se faltar. É como tudo: tem de se gerir os recursos. Eu gosto de pintura contemporânea, de peças de *design*. Até 2015, se visse num leilão uma obra de que gostasse, provavelmente até podia comprar. Atualmente, a lei não nos permite.

### Qual foi a lição mais importante que o seu pai lhe transmitiu?

Tantas na vida... Mas, no mundo das artes, é que há gostos para

tudo. Porque às vezes não entendemos o que estamos a ver e podemos desvalorizar. Mas vem sempre alguém que valoriza e é comprador daquilo. Nunca podemos desvalorizar qualquer tipo de coisa que temos à frente.

### Não se pode deixar que o gosto interfira com o negócio?

Às vezes entramos em sítios onde não nos identificamos nada com o gosto da casa ou do recheio, podemos ter uma reação negativa. Na realidade, aquilo pode ter até bastante valor e ser um bom negócio. Por vezes tem muito valor e há imensos colecionadores para aquilo, embora não me diga nada. Essa foi uma das coisas que tenho aprendido ao longo da vida.

# ‘Arquivo esquecido’ de antigo Presidente está à venda

José Cabrita Saraiva

jose.c.saraiva@sol.pt

Acervo pode interessar aos investigadores por revelar uma faceta ‘menos oficial’ de António José de Almeida, diz responsável da livraria.

Médico especialista em doenças tropicais, deputado do Partido Republicano, maçom, ministro do Interior, presidente do Ministério (equivalente a primeiro-ministro) e ministro das Colónias durante a I Guerra Mundial e, finalmente, Presidente da República – o único a exercer o mandato completo (1919-1923) durante o período instável e atribulado da I República. O riquíssimo currículo profissional e político de António José de Almeida encontra-se detalhadamente espelhado no arquivo-biblioteca particular do antigo chefe de Estado, outrora instalado na sua casa de Penacova, distrito de Coimbra. São milhares de documentos, manuscritos, cartas, cartazes, fotografias, livros, periódicos, recortes, etc., que a Livraria Castro e Silva, em Lisboa, tem atualmente para venda. O preço pedido é 50 mil euros.

«Esta é a parte da biblioteca que estava em mau estado, suja ou esquecida, ou que os herdeiros consideraram que não tinha tanto interesse e, por isso, não foi vendida», explica Pedro Castro e Silva, proprietário da livraria. «Não é a parte que seria comercialmente mais apetecível, é a parte mais de estudo. Os livros do Eça ou do Camilo, digamos, terão sido divididos pela família ou vendidos antes. Estes são livros em francês, revistas, muitos jornais sobre ele – era um homem muito metódico que guardava tudo e cuidava de arquivar o que era escrito sobre ele na imprensa internacional».

Para Pedro Castro e Silva, «o importante é conjunto, porque permite ter uma ideia do homem». E continua: «Quando nós chegamos a uma biblioteca, por pequena que seja, fazemos um retrato de quem era aquela pessoa, dos livros que lia, dos interesses que tinha. Isso,

para os investigadores, é uma parte um pouco menos oficial».

E que tipo de interesses revela este arquivo-biblioteca de António José de Almeida? «Por exemplo, ele tinha bastantes livros sobre espiritismo. Essa é uma coisa engraçada de que me lembro, mas tinha tudo – muitos livros de maçonaria, muita coisa de política ainda do tempo da monarquia, livros sobre assuntos como feminismo, civismo, psicologia, psicologia das multidões, coisas com que todos os políticos, de certa forma, acabam por ter de lidar», enumera Pedro Castro e Silva. «Isso é possível perceber pelas fichas dos atados, que nós guardámos. Ele próprio, em cada macinho de livros, passava um cordel e punha uma folha de papel em que escrevia qual era o assunto daqueles livros. Isso permite saber as temáticas que ele lia. Quando precisava de consultar, tirava o maço de livros da prateleira».

Embora o livreiro valorize sobretudo o conjunto, há núcleos que se destacam, como as 230 fotografias de São Tomé e Príncipe, quando A. J. de Almeida, depois

de se licenciar em Medicina, em Coimbra, ali esteve a exercer entre 1896 e 1903. «Ele ia às roças e tratava os serviçais», explica o livreiro.

Regressado a Portugal, envolveu-se na política (embora já tivesse publicado o seu primeiro artigo em 1889 e sido preso no ano seguinte, por atacar o Rei D. Carlos na imprensa a propósito do Ultimato inglês).

Em 1906 foi eleito deputado pelo Partido Republicano; em 1912, em choque com Afonso Costa, fundou o Partido Evolucionista. Chegou a ministro em 1910, a chefe do Governo em 1916 e a Presidente da República em 1919.

Do período da I Guerra (1914-18), o acervo possui relatórios da evolução da situação militar em Angola e Moçambique. E um dicionário criptográfico que o então ministro das Colónias «usava para trocar mensagens codificadas» com os governadores e oficiais no terreno.

Já da fase da Presidência há «a parte da caridade, os pedidos de indulto ou comutação de penas, ou os que as pessoas falidas lhe mandavam», explica o livreiro. A morte de A. J. de Almeida – que toda a vida se interessou pelo que a imprensa escrevia sobre ele – também está abundantemente documentada no arquivo por jornais recolhidos pela viúva.



António José de Almeida foi o único Presidente da I República que fez um mandato completo



**GUILHERME VALENTE**

**TAUTOLOGIAS**

## Demónios que continuam a atormentar o mundo

Na História, o que levou à violência e ao sofrimento mais extremos não foram as sempre evocadas razões materiais, que o marxismo teorizou: foi o impulso de uns para impor aos outros a sua forma de pensar e de viver.

Os exemplos mais terríveis desse impulso ocorreram nos séculos XIX e XX – manifestando-se hoje os seus restos no estertor da hegemonia norte-americana, nas cruzadas para levar todos os povos da Terra para o ‘lugar certo da História’.

Agora mesmo, na situação em que devia impor-se a evidência redentora de sermos um só mundo, que só unido poderá vencer o inimigo que a todos por igual ameaça, assistimos à divisão e confronto imperdoável das duas maiores potências económicas.

Pelas contingências da geografia e as peripécias da História, pelas culturas e as mundivisões assim geradas, houve sociedades humanas que, tendo sido vítimas maiores dessa pulsão – e por isso mais receosas dela –, foram melhor sucedidas na sua contenção ou sublimação.

O exemplo mais flagrante é a civilização chinesa, uma história de resistência a invasões recorrentes, vindas do Norte bárbaro. Daí, a Grande Muralha, daí, também, a primeira e a segunda anexação do Tibete e a do Xijiang, prolongamentos naturais daquela. Um sentimento histórico que a cumpre à atual direção política chinesa ter presente.

Começaram por ser invasões por hordas sem comando unificado. A que o exército chinês (que existiu sempre apenas para defender as fronteiras), com recursos de organização e tecnologia superiores, foi resistindo, por vezes recuando para Sul – reserva de campos férteis para o cultivo do arroz, vital para a população crescente.

Depois invasões por conjuntos organizados – a dos mongóis guerreiros que conquistariam a China, fazendo vinte e cinco milhões de vítimas, um terço da população!

E a última, a manchu, 75 mi-

lhões de mortos, dois quintos da população! Esta, antes do crime e da humilhação impostas pelas ‘grandes potências’ e o Japão, com o ópio e a força das metralhadoras *Garling* e *Maxime*. Por isso a China se isolou durante milénios. «Um império sem necessidades», assim lhe chamou um sinólogo.\*

Quem viveu entre os chineses sabe que não passa pela cabeça de nenhum obrigar alguém a ser como ele é, a viver como ele vive. O que querem é que os deixem ser como são.

Repare-se nas formas que assumiu a presença da China no mundo, ao longo dos milénios, no respiratório das viagens de navegação de Cheng Ho. Atente-se na atitude dos cidadãos chineses pelos sete cantos da Terra, dos mais humildes, conosco desde há cerca de trinta anos.

**Quem viveu entre os chineses sabe que não passa pela cabeça de nenhum obrigar alguém a ser como ele é, a viver como ele vive. O que querem é que os deixem ser como são**

Ou, nos nossos dias, o modo pacífico, sem intromissão política, como se processa a sua expansão comercial e económica.

Deixo o leitor com um expressivo fragmento do século XIV, na ressaca da invasão mongol. Que revela o sentimento de uma superioridade civilizacional – que era um facto – mas a inexistência de qualquer agressividade humana, pessoal, nacional, de imposição ao ‘outro’:

«**Existe um limite supremo a separar o Céu e a Terra: chineses de um lado, estrangeiros do outro. A única maneira de manter a ordem no mundo é respeitar este limite**». (Qiu Jun, 1421-95)

Oxalá não se isolem de novo...  
\* Alain Peyrefitte, **O Império Imóvel**, Gradiva (esgotadíssimo).

# Desporto

## MACAU UM LEÃO E O PEQUENO TIGRE

Afonso de Melo  
afonso.melo@sol.pt

**De repente, o Sporting descobriu o Oriente. E foi buscar a Macau dois grandes jogadores do futebol nacional: Pacheco e Rocha.**

**E**m Macau, não são muito dados ao futebol. Preferem uma versão do jogo de sete contra sete e à qual chamam bolinha. A verdade é que tal não impediu que a Cidade do Santo Nome desse ao futebol português dois jogadores inesquecíveis: Pacheco e Rocha.

Pacheco chegou primeiro à Metrópole. Era mais velho, nascera no dia 30 de março de 1926. Enquanto estudava, ia dando uns pontapés na bola no Argonauta. Depois inscreveu-se na polícia, afeiçoou-se à instituição e levou consigo o seu jeito para o futebol, alinhando no Desportivo da Polícia de Macau. Cabe aqui falar de um peregrino que surgiu antes dele: António Maria da Conceição. Também natural de Macau, veio para Lisboa tirar o curso de Filologia Germânica no final dos anos 20, tendo-se destacado no atletismo e feito alguns jogos pelas reservas leoninas. Foi ele que abriu as portas de Lisboa aos macaenses – de Lisboa e do Campo Grande, já que o Sporting foi o primeiro clube a prestar atenção ao

que se passava na sua delegação do Oriente, o Sporting Clube de Macau e, já agora, aos seus mais diretos adversários.

Conceição avisou os dirigentes sportinguistas para não deixarem fugir esse tal Joaquim Pedro Pacheco que marcava golos atrás de golos a um ritmo impressionante. E, perante os factos, Pacheco foi chamado a Lisboa, onde chegou no final do mês de abril de 1950, cumprem-se agora 70 anos, numa altura em que o Sporting vivia desesperadamente órfão de Peyroteo e dava, positivamente, voltas ao mundo para encontrar outro goleador de tanta categoria.

A primeira época de Pacheco

**Pacheco, mais velho, chegou cinco anos antes de Rocha, que rapidamente fugiu para a Académica**

em Lisboa foi tristonha. Fez sete jogos, marcou sete golos, mas não agradou aos adeptos. Ainda assim, a sua estreia foi de truz: no Estádio Nacional, frente ao Benfica, com uma vitória leonina por 3-1. No ano seguinte, o técnico inglês Randolph Galloway colocou-o a defesa esquerdo e foi nessa posição que mais se destacou em nove anos consecutivos de clube, apesar de, num deles, não ter efetuado qualquer jogo por via de uma lesão grave.

No dia 22 de outubro marcou dois golos na Covilhã, estreando-se a meter bolas dentro das balizas com a camisola do leão ao peito. Entrava, no entanto, pelos olhos dentro que não seria esse o seu futuro. Aliás, depois desses sete golos na primeira época na Metrópole, só voltaria a marcar mais um no Campeonato Nacional de 1957/58, somando um total de oito em 157 jogos oficiais de verde e branco, antes de ir terminar a carreira no Leixões. Pelo caminho jogou uma vez pela seleção nacional, em Milão, num jogo de apuramento para o Mundial de 1958: derrota por 0-3.

Campeão por quatro vezes, Joaquim Pacheco acabaria por fazer uma época excelente em 1952/53, atuando em 30 jogos em ano de título. A sua despedida de Alvalade deu-se contra o Benfica – tal como acontecera com o seu debute –, embora neste caso com uma derrota (0-4), no dia 14 de dezem-



ANTÓNIO CONCEIÇÃO

J. PACHECO

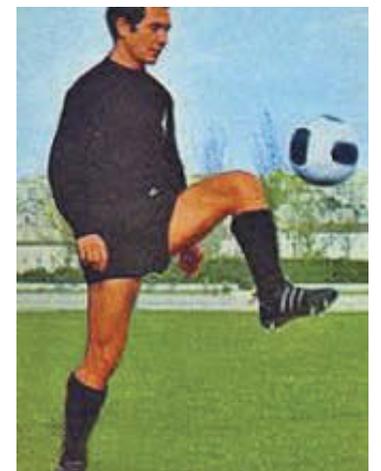
LO HON SAN

MAC

F. MARQUES

A. AIROSA

T. BA



bro de 1958. Regressado a Macau, tornou-se uma figura popular, trabalhando no Hotel Lisboa, e apresentando-se sempre no pico da elegância com o seu bigodinho à Clark Gable.

### Lou Fu Chai

Augusto Francisco Rocha, nascido no dia 7 de fevereiro de 1935, teve o seu conterrâneo como ídolo. Em 1952 jogava no Rubro-Ne gro e ganhou a mesma alcunha de seu pai – natural de Alcobça e

que acabou por casar com uma senhora macaense –, Lou Fu Chai, o Pequeno Tigre, graças às suas características azougadas que lhe valeram o interesse de uma personagem já aqui descrita, António da Conceição, que o levou para o Sporting Clube de Macau.

Um jogo entre a seleção de Macau e a de Hong Kong, no qual Rocha marcou três golos, resolveu de vez todas as dúvidas. Cinco anos após a chegada de Pacheco a Lisboa, era a vez de Augusto Ro-



## AFONSO DE MELO

### O MUNDO EM CALÇÕES

## Lamza não gostava de si próprio

Gosto sobremaneira de Svidrigailov, aquela personagem de **Crime e Castigo** que se lamentava tristemente: «**Mete-me nojo beber; mas não me resta mais nada do que a bebedeira**». Numa espécie de disputa entre bêbados, na obra de Dostoiévski só se encontra outro capaz de se bater de igual para igual com Svidrigailov: o General Ivolguin de **O Idiota**. Ambos beberiam oceanos inteiros de vinho e vodca enquanto discutiam as raízes no universo.

Confesso o meu fascínio por figuras ébrias. Há nelas uma vontade indomável de autodestruição e uma incapacidade natural de enfrentarem o seu destino. Claro que há muita e boa gente capaz de lhes retirar a carga da metafísica: um borracholas é um borracholas e ponto final. E, geralmente, os borracholas são grandíssimos chatos, capazes de dar cabo da reconhecida paciência de São Francisco de Assis.

Tento ver o assunto por outro prisma. Pela vertente de Stjepan Lamza, por exemplo, o maior piancho de toda a história do futebol. Um jogador de qualidade superlativa que não gostava de si mesmo. Por isso, arruinou-se a pouco e pouco.

Vila Rebar foi, antes do incêndio que o arrasou até aos alicerces, um dos bairros mais encantadores de Zagreb, no sopé do monte Medvednica. Na manhã de dia 15 de junho de 1967, ainda era possível encontrar, às portas dos bares e dos *pubs*, milhares de adeptos ou, pelo menos, o que restava deles fora das garrafas. Na véspera, o Dinamo Zagreb tinha cumprido um feito extraordinário, virando em casa, para 4-0, a eliminatória da Taça das Feiras frente aos alemães do Eintracht Frankfurt, que traziam um 3-0 de vantagem. Se todos os motivos são bons para beber um copinho, aquele era motivo para beber garrafinhas e pipas. Stef Lamza, o médio de ataque do Dinamo, apeará os alemães até à protérvia. Não havia jornal que não estivesse carregado, linha a linha, de elogios à sua exibição. Muitos davam-no certo no AC Milan ou no Barcelona.

Lamza subira ao ponto mais alto da montanha. E, ao mesmo tempo, parecia importar-se pou-

co ou nada com isso. Seria sempre um rapaz de bairro. «Eu era um tipo triste», confessou.

Voltemos a Vila Rebar. Num dos bares mais movimentados, um homem caiu desamparado da varanda do primeiro andar sobre uma das mesas que se encontrava na esplanada inferior. Bateu com o ombro violentamente na madeira, rebolou e a cabeça chocou com o pavimento num baque surdo. Parecia manter-se consciente, mas estava irreconhecível: o sangue corria-lhe pela cara com abundância. Não era nada bonito de ver. Alguém foi buscar um pano para lhe limpar a face. Então perceberam de quem se tratava: era Stjepan Lamza.

Lamza tinha uma paixão tão grande pelo álcool como Svidrigailov e Ivolguin juntos. Abria os dias com um copo bem cheio de rum. Dizia que era a única forma de o deixar desperto e de bem com a vida. Nascido em Sisak, 55 quilómetros a sul de Zagreb, Stef chegou ao Dinamo com 20 anos. Ele e a sua irresistível tendência para ingerir álcool em quantidades federais, como diria Vinicius de Moraes, que também percebia uma coisita ou duas do assunto. A qualidade de Lamza e a influência que tinha sobre a grande geração dourada do Dinamo (que atingiu a final da Taça das Feiras em 1963 e ganhou no tal ano de 1967) foram obrigando os dirigentes do clube a descobrir estratégias para que o seu alcoolismo não se tornasse motivo público de escárnio. Quando caiu da varanda sobre os atónitos infelizes que desfrutavam da sua paz, tentava fugir do quarto onde o tinham fechado na noite anterior; depois de ter dado cabo de metade do bar: Seria uma fuga sem saída. No hospital, além de uma gravíssima fratura craniana, foi-lhe diagnosticado um golpe no nervo central que iria prejudicar o seu sentido de equilíbrio para o resto da vida – isto no caso de algum dia ter tido algum, claro está. Foi na cama do hospital de Bled que ouviu pela rádio a vitória dos seus

companheiros sobre o Leeds na final de 1967. Tinha acabado de assinar um contrato para representar o Standard de Liège por 280 mil dólares. Os belgas rasgaram imediatamente o compromisso.

Lamza regressou aos campos de futebol um ano mais tarde, e aos balcões das tabernas muito antes disso. Havia que aceitar, com a simplicidade de Svidrigailov, que nada mais lhe restava que a bebedeira. Tornou-se na maior esponja do Rijeka, para onde se mudou a seguir, realizando apenas três jogos num ano e aproveitando para exaurir os bares da cidade. Repetiu a palhaçada no Nogometni Zagreb e no Châteauroux.



**Às vezes entrava em campo tão bêbado com o álcool que ingerira durante a manhã e o almoço que não sabia o nome dos adversários**

O povo gostava de Stef. Era um pândego. Mesmo em dias de jogo era normal encontrá-lo a dormir num banco de jardim, cozendo o vinho do almoço. Rudi Belin, seu colega no Dinamo, contou uma vez: «**Estávamos no túnel, prontos para defrontar o Barcelona, quando ele me puxou pela manga da camisola e perguntou: ‘Ouve lá, vamos jogar contra quem?’ Cheirava a álcool que dava vômitos**». Mais de 65 mil pessoas viram Lamza fazer enormidades nessa tarde e marcar dois golos. Depois pediu para sair ao intervalo. Confessou ao treinador que não se sentia nada bem...



KAM TONG RAMON MA MENDES D. CARVALHO  
DARACO H. SANTOS AMARANTE

Pacheco e Rocha; a seleção de Macau (em cima) e o Sporting de Macau



cha. E, tal como aconteceu com o seu antecessor, a primeira época não foi de encher o olho: 17 jogos e dois golos marcados.

Mas Augusto Rocha não ficou à espera de outra oportunidade. Queria ser médico, mudou-se para Coimbra e para a Académica, onde se tornou um dos mais formidáveis jogadores dos estudantes. A partir de 1956, aproveitando a sabedoria e a sagacidade do seu novo treinador, Cândido de Oliveira, Rocha teve a

possibilidade de se transformar num daqueles jogadores únicos e irrepetíveis. Foram 14 anos impressionantes, somando 364 jogos e 58 golos com a camisola negra. Por sete vezes atuou na seleção nacional, estreando-se no dia 13 de abril de 1958, em Madrid, frente à Espanha: 0-1. O Sporting arrependeu-se, qui-lo de volta, ofereceu 400 contos. Mas Rocha já pertencia a Coimbra. Como continua a pertencer. Um penedo de saudade.

## Desporto

## Curtas



PATRICIA DE MELO MOREIRA/AFIP

Benfica e FC Porto voltam aos treinos na segunda-feira

# LIGA PODE VOLTAR JÁ NO FINAL DE MAIO

Laura Ramires

laura.ramires@sol.pt

O plano do Governo prevê a conclusão das provas oficiais de futebol – I Liga e Taça de Portugal – em recinto aberto e sem público. Mas última palavra pertence às autoridades de saúde.

Já há datas para a 25.ª jornada da Liga portuguesa: 30 e 31 de maio são os dias previstos para o regresso do futebol profissional em recinto aberto mas à porta fechada. O anúncio foi feito por António Costa, após a reunião plenária realizada na Assembleia da República, e é apenas uma entre as várias medidas apresentadas no plano de desconfinamento progressivo do país. Ainda no universo desportivo, a partir de segunda-feira, 4 de maio, há luz verde para a prática de desportos individuais e ao ar livre, embora com restrições, nomeadamente a utilização de balneários e piscinas.

Depois de alguns clubes já terem regressado aos treinos, caso do Sporting, esta segunda-feira haverá mais equipas a voltar aos trabalhos individuais no relva-

do, como Benfica e FC Porto, depois de as equipas técnicas e os futebolistas serem testados para a covid-19 – os testes de despistagem serão, aliás, sistemáticos nesta fase de retoma.

Numa altura em que faltam 10 jornadas para disputar, a equipa de Sérgio Conceição lidera a prova, com mais um ponto do que o clube da Luz.

Todavia, e apesar da abertura demonstrada pelo Executivo para a conclusão das competições oficiais de futebol (além da Liga, prevê-se a realização da final da Taça de Portugal, sem público, entre FC Porto e Benfica, com nova data ainda a definir), esta meta continua a depender do parecer das autoridades de saúde. O primeiro-ministro lembrou que é a Direção-Geral da Saúde

(DGS) quem tem a última palavra no que respeita à aprovação do protocolo sanitário apresentado pela Liga – e que um eventual retorno está ainda «condicionado à avaliação de que estádios é que cumprem todas as condições indispensáveis a que a atividade possa ser retomada».

Os restantes desportos – em recintos fechados, coletivos ou de combate –, vão continuar por enquanto em *stand-by*.

No resto da Europa, o regresso do desporto-rei ainda é uma incógnita. Menos em França: o governo não teve meias medidas e ordenou durante a semana ao cancelamento definitivo da Ligue 1, após anunciar que não seriam permitidos grandes eventos até setembro – mesmo à porta fechada.

A Liga francesa declarou entretanto o PSG campeão (com o Marselha de André Villas-Boas a terminar em 2.º – posto que garante a presença do clube na Champions da próxima tempo-

rada). O campeonato francês foi o primeiro entre as cinco principais ligas da Europa a conhecer a decisão final; e o segundo a optar pela medida mais drástica – antes, a Liga holandesa havia dado a prova por terminada, embora neste caso sem campeões, subidas ou descidas.

Por Itália começa a ganhar força a ideia de a Serie A não ser retomada, depois de o ministro para a Juventude e o Desporto, Vincenzo Spadafora, ter recomendado os clubes a pensarem já na próxima época. Também em Inglaterra ainda não há previsão para o regresso da Premier League, havendo consenso em torno da entrega do título ao Liverpool.

No país vizinho, os treinos foram autorizados também a partir de segunda-feira, com um regresso da La Liga previsto para junho. Já a Bundesliga pretende ser o primeiro campeonato europeu a voltar à ação, apontando um retorno da competição para meados ou finais de maio.

## Época chegou ao fim nas modalidades de pavilhão

As federações de basquetebol, andebol, hóquei em patins e voleibol anunciaram, em conjunto, que as respetivas competições chegaram ao fim, na sequência da pandemia de covid-19. A decisão de dar as provas por concluídas significa que não serão atribuídos títulos de campeão nacional na época 2019/2020. A classificação ao momento da paragem servirá apenas para definir as vagas para as competições europeias da próxima temporada. Antes, a Federação Portuguesa de Futebol já tinha decidido anular o campeonato de futsal.

## UEFA liberta 236,5 milhões de euros para as federações

O Comité Executivo da UEFA aprovou a distribuição de 236,5 milhões de euros pelas 55 federações que compõem o organismo que tutela o futebol europeu. As federações irão receber um valor até 4,3 milhões de euros cada para «responder de forma apropriada ao desafio da crise trazida pela covid-19», lê-se no comunicado assinado por Aleksander Ceferin, presidente do organismo.

## FIFA propõe cinco substituições por jogo a cada equipa

A FIFA propõe aumentar para cinco o número de substituições possíveis num jogo. As equipas poderão fazer as substituições num máximo de três jogadores de cada vez ou ao intervalo, de forma a tentar evitar paragens desnecessárias. A medida surge uma vez que se esperam calendários sobrecarregados no regresso das competições – com o risco de lesões dos jogadores a aumentar. A proposta terá que ser aprovada pelo International Football Association Board e Ligas.

# I Internacional



## BRASIL E A CRISE INSTITUCIONAL

Filipe Teles

filipe.teles@sol.pt

Com as declarações de Moro, o Supremo Tribunal Federal aprovou a abertura de uma investigação a Bolsonaro.

**U**ma crise institucional no meio de uma pandemia, com o ritmo de contágio de covid-19 a subir para níveis preocupantes e o país a ascender na hierarquia dos que têm mais casos confirmados, uma sociedade dividida sobre as medidas de confinamento, ministros com pastas-chave a saírem do Executivo e uma investigação para apurar se o Presidente incorreu em ações corruptas e se obstruiu à justiça. No meio disto tudo, Jair Bolsonaro nunca esteve numa posição tão frágil desde que foi eleito.

Os últimos dias foram insólitos, mas a conferência de imprensa de

Sérgio Moro foi ainda mais. O ministro demissionário da Justiça, popular ex-juiz do caso Lava Jato e um poderoso membro do Governo, demitiu-se em protesto por o Presidente ter exonerado o diretor da Polícia Federal, acusando-o de querer interferir politicamente em processos judiciais e de ter nomeado alguém da sua confiança que lhe desse acesso a informações sobre investigações em curso – dois dos filhos de Bolsonaro estão sob investigação, assim como aliados políticos seus. O ex-ministro não estava a par da decisão e alegou ter sido surpreendido com a publicação do *Diário Oficial*, onde aparecia a sua assinatura sem a sua autorização.

Alexandre Ramagem foi o eleito para o comando da polícia brasileira. Moro chegou mesmo a enviar alegadas mensagens de Bolsonaro ao *Jornal Nacional*, o mais popular jornal da noite no Brasil, para provar a insistência do Presidente em ter acesso aos casos, pondo alguém da sua confiança no topo da hierarquia da Polícia Federal.

O Supremo Tribunal Federal aprovou a abertura de um inquérito, por um período de 60 dias, para apurar a veracidade das declarações de Moro e se Bolsonaro incorreu em ações corruptas e de obstrução à justiça. Perante esta crise política, a nomeação de Ramagem – a quem a *Folha de São Paulo* se refere como «amigo do clã Bolsonaro» – foi anulada pelo Supremo Tribunal Federal e Bolsonaro revogou-a. Mas não a «engoliu», como o próprio disse, e apelidou a decisão como

uma política de «canetada», reclamando não ter gostado ter sido desrespeitado pelo Supremo, segundo a *Folha de São Paulo*. Também disse respeitar a Constituição e «que tudo tem um limite».

### Infeções aumentam a pique

O mundo tem estado com os olhos postos no Presidente brasileiro e na sua gestão con-

troversa da crise pandémica, que acabou com a demissão do ministro da Saúde. Uma disputa pública que dividiu a sociedade brasileira sobre o assunto: 52% dos brasileiros são a favor do «isolamento social amplo»; 46% são a favor do retorno ao trabalho de pessoas fora do grupo de risco, concluiu um inquérito da *Datafolha* – no início de abril, apenas 37% dos entrevistados apoiavam o retorno ao emprego dos que não se encontravam no grupo de risco.

Uma fragmentação da sociedade brasileira perigosa, quando a curva de contágio por covid-19 trepa sem sinais de estar perto do topo da montanha. O país sul-americano tinha 25300 casos confirmados no dia 14 de abril. Nesta sexta-feira, o Brasil caminhava para os 80 mil.

**Bolsonaro revogou a nomeação de Ramagem mas não a engoliu e falou em 'canetada'**



**MIGUEL JUDAS**

**CONTRA A CORRENTE**

## Não à derrota e à dissolução nacional!

Assistimos todos os dias pelas televisões a todo o tipo de comentários e opiniões sobre os mais variados assuntos relacionados com o coronavírus: as máscaras, os testes, os estudos de imunidade, os níveis de confinamento, os números de mortes, as previsões sobre a evolução da pandemia, as consequências económicas e as medidas de emergência e de ‘estímulo’, etc.. Sobre todos estes assuntos consultam-se miríades de ‘especialistas’, ‘catedráticos’ e ‘opinadores’ que não chegam a nenhum acordo. Será natural que, perante tal ‘chinfreira ruidosa’, se abatam sobre a população as dúvidas, os receios, a insegurança e o medo. Estamos todos na corda bamba, sem futuro previsível, paralisados e confusos. Tanto mais confusos quanto os ‘generais’ que dirigem esta guerra, o Governo e os organismos estatais competentes, designadamente na área da saúde, são constantemente postos em causa, menorizados e sabotados por toda uma turba de ‘curas a soldo’ que, ao abrigo da ‘liberdade de imprensa’, servem os seus amos.

E eu, com uma formação militar que imediatamente reivindica uma ‘unidade de direção’ e uma forte coesão nacional para vencer, pergunto-me: Quem controla, e com que propósitos, esta ‘comunicação social’, pública e privada, que, insidiosamente, manipula as emoções públicas e vai colocando no subconsciente de cada um as ‘mensagens’ sobre a inevitabilidade da maior escravização futura de Portugal e do seu povo às mãos do Capital Financeiro Internacional?

Se bem que esta guerra, do coronavírus, seja uma ‘guerra de baixa intensidade’, em termos metodológicos ela deveria ser travada do mesmo modo do que uma ‘guerra a sério’ o seria.

Também numa ‘guerra a sério’ as imprevisibilidades, decorrentes da vontade e da iniciativa do ‘inimigo’, são tremendas; no entanto, elas são tratáveis e inseríveis num processo de planeamento rigoroso e de execução disciplinada. O facto de nesta guerra do coronavírus haver muita ‘imprevisibilidade’, não

obsta a que o processo de direção seja consistente e eficiente.

Numa ‘guerra a sério’, todos os recursos e setores da nação terão de ser concentrados nos Objetivos definidos e incorporados nos dispositivos operacionais. Quem se negue a isso, poderá ser considerado ‘desertor’ ou ‘traidor’ (se trabalhar concertado com o Inimigo).

Porque é que, ‘nesta guerra’, nesta emergência nacional, os sistemas privados de saúde ficam de fora? Porque não foram requisitados?

Porque é que, ‘nesta guerra’, a ‘comunicação social’, pública e privada, não se encontra a trabalhar convergentemente com a direção estratégica da batalha, mesmo que para tal fosse necessário reorganizar as direções dos meios públicos e, se necessário, exercer ações sobre os meios privados?... Quando, ainda por cima, o presidente do PSD, Rui Rio, deu, ele próprio, o exemplo de ‘como se deve trabalhar’ em circunstâncias de emergência nacional como a presente?

Se o papel do Ministério da Defesa (e das forças armadas que restam ao fim de 40 anos da sua infantilização) se limita a operações ridículas e indignas como aquela da ‘distribuição de refeições’ aos sem-abrigo, podemos pensar quão elevado já está o grau de Dissolução Nacional.

Bastará, para ‘terminar a obra’, enterrar o país em mais uma avalanche de empréstimos e instrumentos de dependência...

Entretanto, nesta Beira Alta onde me encontro bem ‘confinado’, sobram terrenos, água e vontades para criar as batatas, os legumes e a fruta toda para alimentar o país, sem ter de importar nada!

Bastaria, conforme aqui me disseram, em nome da Liberdade prometida por Abril, que a ‘economia social’ não se limitasse aos ‘lares-asilos de idosos’ e aos depósitos de ‘cuidados continuados’ promovidos por ‘ipsses’, e que a ASAE, a GNR e as ‘Finanças’, não andassem, «ao serviço dos hipermercados, atrás dos agricultores que levam produtos nos seus carros».

## Internacional

# UM MUNDO A MEIO GÁS

**João Campos Rodrigues**

joao.rodrigues@sol.pt

**A reabertura dos EUA será tão caótica como o fecho do país. Já os países europeus, receosos do desconhecido pós-isolamento, olham com atenção para os seus vizinhos pioneiros.**

Nos Estados Unidos e na Europa, onde a pandemia de covid-19 teve maior impacto, até agora, muitos tentam emergir do pesadelo do isolamento social – mas arriscam outro pesadelo, um novo pico de infeções. A política de reabertura terá de fazer equilíbrio entre o risco aceitável para saúde pública e os estragos causados pelo isolamento social. Seja a nível económico, de desemprego ou até para a saúde mental. As grandes perguntas são quando e como.

«É de facto uma escolha moral terrível», notou Boris Cyrulnik, um psicólogo francês e neurologista. «A liberdade levará a mortes, enquanto as restrições e negar às pessoas a sua liberdade vai afastar a morte mas trazer ruína económica», lembrou à *Atlantic*.

Nos EUA, essa decisão está nas mãos dos governadores e até dos presidentes de Câmara. Tudo indica que a reabertura do país será tão fragmentada como o seu fecho, e os estados que foram os últimos a fechar agora querem ser os primeiros a abrir.

O caso mais paradigmático é a Georgia do Sul, que a semana passada reabriu pistas de *bowling*, salões de beleza e estúdios de tatuagens, sem cumprir o requisito mais básicos sugerido pelo Governo federal: a saber, que hajam 14 dias sucessivos com um declínio das infeções. Também foi dos últimos estados a fechar: o governador, o republicano Brian Kemp, explicou, a 1 de abril, que só nesse dia soube que o novo coronavírus também podia ser transmitido por pessoas sem sintomas – foi amplamente ridicularizado.

O norte-americano médio está mais preocupado que governadores como Kemp. Afinal, três quartos dos receiam reabrir o país demasiado cedo, segundo sonda-

gens da Axios e da Ipsos. Isso não impediu o outro terço da população de fazer muito mais barulho, violando o isolamento social com protestos contra as restrições, onde expressões de apoio a Trump são tão omnipresentes quanto a bandeira nacional.

Talvez, em parte, devido à pressão, muitos governadores prepararam-se para reabrir, com mais ou menos cuidados. Por exemplo, a Florida, cuja definição de serviços essenciais foi questionada por incluir espetáculos de *wrestling* profissional da WWE, promete «passos de bebé», nas palavras do governador Ron DeSantis. As suas ordens de isolamento social expiram terça-feira, com lojas e restaurantes a reabrir no dia anterior. No caso dos restaurantes, só poderão usar as esplanadas e 25% do espaço interior.

Já em Nova Iorque, epicentro do surto norte-americano, a conversa é diferente. O governador Andrew Cuomo anunciou um plano detalhado para reabrir o estado, com «disjuntores» para quebrar a transmissão de covid-19, através de isolamento social localizado. Os sinais de alerta serão a percentagem de ocupação das unidades de cuidados intensivos, caso ultrapassem os 70%, ou uma taxa de transmissão média acima de 1,1, por cada pessoa infetada.

A previsão é que a partir de 15

de maio alguns pontos do estado cumpram os critérios, mas não a cidade de Nova Iorque em si. «Lembrem-se, fomos ao inferno e voltámos nos últimos 60 dias», recordou Cuomo. «Temos de nos manter vigilantes. Isto não acabou», acrescentou.

O governador não quer simplesmente reabrir o estado, quer medidas estritas de prevenção e preparação, prevendo possíveis ressurgimentos da doença, como avisam os cientistas. Cuomo quer «reimaginar» Nova Iorque. «O que aprendemos, como podemos melhorar e reconstruir melhor?», questionou. «Porque o objetivo não é regressar ao dia de ontem», lembrou. «O objetivo é avançar».

### Terreno incerto

Naturalmente, países como Espanha, que tem quase 240 mil casos registados e 25 mil mortes, bem como Itália, que ultrapassou as 205 mil infeções, com mais de 27 mil mortes, têm as maiores restrições. Mas começam a desapertá-las, cautelosamente, à medida que cai a taxa de novas infeções.

Em Espanha, a semana passada, já fora concedida uma hora por dia para as crianças brincar na rua, entre o meio dia e as sete da tarde. E este sábado, a partir das seis da manhã, depois de 48 dias de confinamento, os adultos também podem sair um pouco de casa, para dar uma passeio ou fazer desporto. Têm até às 10 horas, e poderão sair de novo entre as sete da tarde e as 11 da noite. Já os maiores de 70 anos e os seus cuidadores ficam com o horário das 10 horas ao meio-dia e da sete às oito da tarde.

Entretanto, em Itália, muitos prepararam-se para regressar ao trabalho, a partir de 4 de maio. Contudo, boa parte das restrições italianas serão mantidas, e as escolas estão fechadas até setembro. «Se a curva de contágios não crescer, vamos permitir a reabertura de lojas, restaurantes ou serviços», anunciou esta

**‘O que é que aprendemos, como podemos melhorar e reconstruir melhor?’, perguntou o governador de Nova Iorque**

## Curtas



MICHAL CIZEK/AFP

«À falta de uma vacina, testar é a única maneira de sair do isolamento», explicou investigador britânico

quinta-feira o primeiro-ministro italiano, Giuseppe Conte.

No entanto, o que vem depois da reabertura continua a ser um grande desconhecido. Não espanta que os países pioneiros sejam observados com atenção pelos restantes, desesperados por pistas.

Por exemplo, no caso da Suécia nem sequer foram aplicadas medidas estritas de isolamento social. A sua taxa de mortalidade devido à covid-19, mais de três vezes superior à Dinamarca, o segundo país nórdico mais afetado, serve de aviso para todos.

Entretanto, o próprio Governo sueco tem admitido erros na gestão da crise e as autoridades locais utilizam medidas cada vez mais desesperadas. Em Lund, no sul, chegaram a espalhar estrume de galinha num parque público, para dissuadir as dezenas de milhares de pessoas que se costumam ali juntar para celebrar a noite de Walpurgis, um festival pagão em honra da primavera.

«Lund pode muito bem tornar-se um epicentro para o alastrar do coronavírus na última noite de abril», admitiu o

responsável da autarquia para o ambiente, Gustav Lundblad, ao jornal sueco *Sydsvenskan*, justificando o uso de estrume de galinha. «Aproveitamos para fertilizar os relvados e ao mesmo tempo vai cheirar mal, poderá não ser tão agradável sentarem-se e beberem cerveja».

No entanto, também há exemplos como a República Checa, que declarou estado de emergência antes de registar uma única morte por covid-19. O zelo parece ter compensado: foi dos primeiros países europeus a relaxar restrições, logo a 7 de abril.

Os checos puderam passar a dar passeios e fazer desporto sem máscaras, desde que mantenham a distância de segurança. Desde então, os novos casos não ultrapassaram os 150 por dia – muito abaixo do pico, com mais de 300 infeções diárias. Agora, os checos já falam em reabrir museus, restaurantes e até centros comerciais, a partir de maio, desde que os novos casos não aumentem.

Entretanto, em meados de abril, as crianças até aos 11 anos voltaram às aulas na Dinamarca, enquanto a Noruega reabriu os in-

fantários. O passo foi polémico: as crianças tendem a não ter sintomas de covid-19, mas podem ser focos de transmissão para pais, professores ou funcionários. O tema tornou-se crucial, com vários países, como a Finlândia ou a Austrália, a preparar o regresso às aulas neste momento.

Dado que a covid-19 também se espalha por partículas, quando se tosse, o facto de as crianças terem menos sintomas poderia torná-las menos passíveis de infectar outros que um adulto – estudos indicam que a tendência para contacto físico próximo entre crianças pode compensar isso.

«Com os testes atualmente focando-se mais naqueles com sintomas de covid-19, pode ser difícil identificar rapidamente o papel completo das crianças na transmissão», avisou Martin Hibberd, professor da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, ao *Guardian*.

Com uma doença tão recente, a dificuldade é mesmo essa, ter estudos e dados suficientes para decidir políticas públicas de forma informada. O Reino Unido, que foi dos últimos países europeus a im-

por restrições e agora poderá ter ser dos últimos a levantá-las, vai decidir se reabre ou não, e como, a 7 de maio. Poderá ter de basear-se numas das sondagens mais ambiciosas desta pandemia.

Ao longo da próxima semana, 100 mil pessoas, aleatoriamente escolhidas em 315 localidades em Inglaterra, receberão kits de teste à covid em casa. O objetivo deste estudo, do Imperial College de Londres e da Ipsos, é ter uma imagem mais precisa do alastrar da doença no país. Não é segredo que o número real de casos tende a ser muito superior ao número de registado, em função de fatores como os testes disponibilizados,

«À exceção de uma vacina, testar é a única maneira de sair do isolamento», declarou Ara Arzi, o investigador do Imperial College responsável pelo projeto. Contudo, «o cenário de testagem é como o Faroeste, sem regras, sem padrões e com uma confiabilidade muito variável», considerou, explicando que pretende inaugurar «um programa de teste viável em que o Governo se pode basear».

### Antiviral para a covid

Os EUA têm expressado otimismo relativamente ao uso do antiviral remdesivir como um possível tratamento para a covid-19 depois de um largo ensaio clínico, embora o seu fabricante tenha alertado que ainda está por provar que o medicamento seja seguro, e que os estudos sobre a sua eficácia permanecem pouco claros.

### Máscaras

Na segunda-feira, entraram em vigor na Alemanha regulações que tornam obrigatório o uso de máscaras que tapem o nariz e a boca nos transportes públicos ou nos estabelecimentos comerciais. As regras são diferentes consoante os estados.

### Menos poluição, menos mortes

Um estudo do Centre for Research and Clean Air publicado esta quinta-feira prevê morrerão menos 11 mil pessoas nos países europeus devido à queda da poluição provocada por combustíveis fósseis durante o mês de abril. A energia gerada pelo carvão desceu quase 40% e o consumo de petróleo caiu um terço.

### Biden acusado de abuso sexual a uma antiga assistente

Têm crescido os apelos para que Joe Biden, provável candidato democrata à Casa Branca, comente publicamente as alegações de abuso sexual a uma sua assistente na década de 1990, Tara Reade. Na quarta-feira, o *New York Times* relatou que ativistas feministas têm pressionado, nos bastidores, para que o antigo senador fale publicamente sobre o assunto.

### Greta doa à UNICEF

A ativista climática Greta Thunberg doou esta quinta-feira 100 mil dólares (92 mil euros) à UNICEF para serem usados no combate ao coronavírus.

# Economia

**JOÃO CÉSAR DAS NEVES**  
**ECONOMISTA**

## ‘NUMA EMERGÊNCIA É PRECISO QUE O ESTADO GASTE COM FORÇA PARA SALVAR O PAÍS’

**Sónia Peres Pinto**  
sonia.pinto@sol.pt

**Miguel Silva (Fotografia)**  
miguel.silva@sol.pt

Para o economista, o bluff que andámos a viver durante os últimos tempos vai ser impossível de manter. Mas está com expectativa para saber como António Costa vai ‘sair’ desta crise porque diz termos ‘um grande negociador’ à frente do Governo que ‘sabe muito bem fazer este tipo de jogadas’.

**O**s números do FMI apontam para uma recessão de quase 8% e uma taxa de desemprego de 14%. As previsões são otimistas ou poderão ser ainda piores?

Neste momento está tudo em aberto. A estimativa que o FMI apresentou encaixa com a de outras entidades – o Banco de Portugal apresentou muito melhor mas já disse que não era para levar a sério. A minha universidade [Católica] também fez uma estimativa e anda à volta disso. É possível ser muito pior, mas também é possível ser melhor. Nin-

guém sabe. Mas penso que é uma estimativa razoável, perder 8% este ano é aceitável.

**A economia portuguesa está numa situação mais frágil face aos restantes países europeus...**

Estamos sempre numa situação mais frágil e vamos também ser os mais atingidos. Para já, estamos a ser atingidos pelo próprio vírus, mas vamos ser mais atingidos economicamente por causa da fragilidade da economia que vem de trás. No fundo, podemos dizer que estamos com a herança da crise terrível anterior que ainda não estava resolvida.

**Chegou a dizer que íamos entrar numa crise brevemente. Fica surpreendido por acertar? Talvez não pensasse que fosse por um vírus...**

Ninguém pensa uma coisa destas. Mas parece que se confirma. Andámos a fingir que estava tudo bem, que tínhamos o problema resolvido e que estávamos a crescer pelo melhor, o que era mentira. E como não era verdade, qualquer pequeno sopro iria afetar, não estávamos era à espera de uma coisa desta dimensão. A primeira queda do produto mundial foi em 1945. Depois foi em 2009 e foi de 0,15%. Neste momento, o FMI prevê uma desvalorização de 3%. É 20 vezes maior. Atualmente está a prever uma queda no produto mundial que nunca aconteceu, a não ser em 2009 e na Segunda Guerra Mundial e está a prever uma coisa que é 20 vezes maior do que aquela que tivemos em 2009. É uma coisa que ninguém podia pensar que era possível. Grande parte da nossa recuperação – e não é uma crítica, é uma constatação – foi baseada em turismo e nesse tipo de coisas que estão a ser os setores mais afetados nes-



ta crise. E Portugal tem depois todo o problema financeiro que vem da dívida do Estado, das empresas e das famílias, que vai estar connosco muito tempo ainda e é um peso que arrastamos. Em qualquer circunstância difícil é sempre aí que sofremos.

**Cair é fácil, a recuperação é que é mais difícil....**

Exatamente. O próprio FMI prevê uma recuperação para o ano já de 5%. Não é uma situação parecida com a crise anterior. A anterior foi uma crise muito longa, levou vários anos e provocou uma queda ainda maior do que os 8% que vamos perder este ano se acumularmos tudo o que aconteceu naqueles anos. Esta não. Esta, em princípio, na segunda metade do ano, a economia até já pode estar a crescer. É completamente diferente, mas todas as fragilidades que andam por aí e andaram escondidas durante este período de algum alívio vêm todas agora ao de cima.

**E temos uma economia muito baseada no turismo, que é um dos setores mais afetados...**

É muito temperamental e vamos ver como é que as pessoas reagem. Já estão muitos a dizer que este ano e o próximo estão perdidos, não tenho a certeza disso, vamos ver. Esta coisa é inesperada, no início de março, ninguém estava a contar o que ia acontecer logo a seguir. Agora estamos no fundo do buraco e já dizemos que vai ser o fim do mundo. Não me parece que seja razoável nem uma nem outra. É possível que ainda consigamos salvar alguma coisa este ano e é possível que para o ano tenhamos um ano normal e, se calhar, um ano bom. Não estou a dizer que seja o mais razoável, mas é possível. Não vale a pena especular. Acho que há muitas pessoas a especular, o que é compreensível porque as previsões são difíceis, mas temos de manter a cabeça fria e esperar.

**É normal haver esta pressão tão grande de quase todos os setores a pedir ao Governo para começarem a abrir as atividades?**

O Governo terá, de certeza, vontade e acho muito bem que as autoridades permitam abrir gradualmente, mas duvido que as pessoas o façam gradualmente. Aliás, já se começa a ver nas ruas, desde que se começou a falar nisto, uma atividade bastante maior do que antes. E assim como foi muito rápida

a contenção, de repente tudo parou, é possível que também tenhamos uma atividade muito rápida, que esteja tudo a normalizar e que amanhã as praias estejam cheias, pelo menos, até aparecer a Polícia.

**Então considera que não vai existir a mesma receita que aplicámos durante a Troika?**

Não, de todo. Nem sequer é parecida a situação. Acho que o que vai acontecer é que o *bluff* que andámos a viver durante os últimos tempos vai ser impossível de manter. Andámos a dizer ‘está tudo bem, ‘temos défice 0 e isso é uma maravilha’. Mas não é verdade, não estava tudo bem. Tínhamos vários sinais de retenção na economia e, em particular, no lado financeiro, primeiro ponto. No segundo ponto, conseguimos, sem dúvida, uma situação excelente no défice público, mas sem uma reforma estrutural que se visse. Pelo contrário, as únicas reformas que conseguimos fazer foi reverter as reformas que tinham sido feitas durante o período de austeridade porque a austeridade, alegadamente, não prestava, era uma estupidez. Provavelmente agora vamos ter de voltar a fazer algumas dessas reformas que se deitaram fora e que tanto se criticaram. Estávamos a viver acima das nossas posses antes da crise, depois apertámos o cinto brutalmente e depois achámos que ‘afinal estava tudo bem’. Isso foi uma tolice. Houve uma desonestidade intelectual por parte das autoridades desde que a *Troika* se foi embora. Não quer dizer que voltemos a ter uma austeridade como aquela que tivemos durante aqueles anos porque também o problema é bastante diferente, não é sequer comparável. Agora vamos saltar outra vez para uma dívida alta – estávamos em 9.º lugar no mundo inteiro antes da covid, chegamos a estar em 6.º lugar, em 2013/2014. E conseguimos, graças a este sucesso dos últimos anos, passar de 6.º para 9.º, o que não é propriamente uma posição muito invejável. Agora vamos ver qual vai ser a nossa posição porque todos também vão subir.

**Como se pode resolver depois o problema da dívida?**

Vamos ter que, finalmente, fazer uma coisa que ninguém fez a sério, que é fazer com que o Estado seja sustentável, termos uma despesa pública que seja comportável – e não foi isso que fizemos. Para

conseguir chegar a uma situação que parecia sustentável – que era um défice próximo de 0 – andámos a subir os impostos brutalmente, espremendo a economia, o que não é nada boa ideia porque a economia precisa de crescer para podermos ter mais recursos. Andámos a cortar em despesas de investimento e despesas de operação, o que evidentemente não são situações sustentáveis. Isto são dois truques que foram feitos em que se aproveitou o período de crescimento económico para levar a maior fatia da receita produzida pelo país para o Estado e não fazer nada para acautelar o futuro. Não se fez investimentos, nem despesas para pagar os salários dos funcionários públicos. Isto foi uma coisa que este Governo experimentou pela primeira vez e que nunca tinha sido testado. Quando se paga os salários, os trabalhadores não protestam pelo facto de os serviços estarem a funcionar mal. Antigamente, cada vez que se cortava nas despesas de operação, os funcionários públicos protestavam porque estávamos a impedir o seu funcionamento. Desta vez, cortou-se nessas despesas de operação, mas como os salários foram aumentados, não protestaram nada, ficaram todos contentes. En-

tretanto, os serviços públicos estavam a degradar-se. É excelente que este ministro das Finanças fez.

**Porquê?**

Por que, tradicionalmente, nos períodos de vacas gordas, de crescimento económico, costumamos aproveitar para gastar mais. Mário Centeno não aproveitou para gastar mais. Subiu alguns salários, algumas pensões, cortou na despesa e teve uma obsessão com défice 0. Quis ter um défice 0 que é uma coisa excelente. Não estou propriamente a criticar a política financeira que foi feita, o que estou a dizer é que isto não pôs a situação equilibrada. Ninguém estava à espera que esta minha afirmação [de uma nova crise] fosse testada de maneira tão brutal por uma paragem súbita da economia durante 40 ou 50 dias, mas mesmo sem isso, iam, mais cedo ou mais tarde, revelar este *bluff* porque a economia não está sempre a crescer. Às tantas era preciso começar a fazer despesas de funcionamento, por exemplo. Estamos a falar de 1001 coisinhas que não têm a ver com salários, mas com necessidades de saúde, educação, etc. Foi assim que se fez este truque. Conseguiu-se este sucesso extraordinário, mas não foi feito de maneira sustentável. Provavelmente era impossível fazer de outra forma, ainda por cima com as limitações políticas de um governo minoritário que são dramáticas. Não estou a criticar o Governo. Estou a dizer que quando afirmam que está tudo bem, é mentira. Não está.

**Estava à espera de tantos pedidos de *layoff* por parte das empresas?**

Tinha de ser; acho que não havia alternativa. A economia parou completamente e o *layoff* é uma das poucas medidas bem feitas e diretas porque estamos perante uma possibilidade de uma espiral depressiva – que é um exemplo clássico, uma doença raríssima, tal como as epidemias dos vírus –, mas é uma doença que sabemos tratar há muito tempo. Se as pessoas não compram, as empresas não vendem e como não vendem dispensam os trabalhadores. Isto é o modelo clássico Keynesiano de 1936: Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda de Keynes. Desde 1936 sabemos que para gastar dinheiro é necessário pô-lo no bolso das pessoas. O *layoff* é a coisa mais próxima disso.

“

**Acho que houve uma desonestidade intelectual por parte das autoridades desde que a Troika se foi embora**

**Este Governo gosta imenso de pequeninas e muitas medidas para poder dizer que tapou todos os casos**

”

# Economia

## > O salário não é pago a 100%...

Mas as pessoas não são despedidas, a empresa não desaparece e alegadamente o sistema continua assim até que passe esta coisa. Além disso, são assegurados os rendimentos que as empresas não conseguem pagar. Isso não me preocupa, o que me assusta são as outras medidas que foram tomadas e são tontas. Medidas que exigem condicionalidade, ou seja, ter um burocrata a dizer quem é que recebe e quem não recebe. Quando isso acontece, o dinheiro já nunca mais vem. Primeiro que o burocrata diga se passa ou se não passa, está tudo perdido. Ou pior ainda: algumas medidas previam que eram as empresas a pagar e o Estado depois regularizava. Daqui a seis meses não é preciso. É agora. E como estamos com um foco de semanas é nessas semanas que é preciso pôr dinheiro no bolso das pessoas.

## Muitas empresas não têm folga para pagar os ordenados...

Essas medidas foram quase de insulto. Este Governo gosta imenso de pequeninas e de muitas medidas que é para dizer que tapou todos os casos. Fez isso em todos os orçamentos e não faz uma ou duas medidas como os outros governos. Prefere apresentar dezenas de medidas, mas isso é a sua maneira de trabalhar. Todas aquelas que têm condicionalidade, a pessoa tem de se candidatar e depois vamos ver, ou aquelas que, pior ainda, são promessas de que vai ser pago daqui a não se sabe quando são uma estupidéz. O problema é agora, estamos a falar dos meses de março, abril e maio, onde as pessoas não vão ter receitas porque as empresas estão paradas e é preciso que o Estado sustente. Depois é preciso tratar de uma outra doença que é chamada de solvabilidade e é preciso perceber que as políticas têm de ser diferentes. Temos, neste momento, aquilo que se chama espiral depressiva, ou seja, uma crise de liquidez. As empresas têm bom negócio mas não estão a ter dinheiro, não estão a receber nada. O Estado deve suprir isso de duas maneiras: a primeira é adiar pagamentos, tudo quanto é impostos, dívidas, rendas e depois pagar, como é o caso do *layoff*.

## É quase um tratamento de choque?

E tem de ser, muito rápido. Porque ao contrário da maior parte das espirais depressivas, esta que é causada pelo vírus, começa de um dia para o outro e também

acaba de um dia para o outro. Depois temos outra coisa: algumas das empresas não eram sustentáveis e vão morrer e essas deixá-las ir, que vão em paz. Mas há muitas que têm negócios perfeitamente sustentáveis e que, por causa deste percalço, ninguém estava a contar, podem entrar numa situação de fragilidade financeira que as vai carregar o resto da vida. Aí é necessário arranjar medidas que sejam apropriadas.

## Que tipo de medidas?

Estamos a falar em créditos bonificados, em apoios setoriais para as áreas mais atingidas para ver se se consegue que as empresas que são viáveis – e isso é mais complicado, mas felizmente aí temos mais tempo e já pode estar o tal burocrata a tratar do assunto porque estamos a falar de algo que tem alguma lentidão – se aguentam uns tempos com essa dívida e se depois tiverem uma ajuda pode ser que voltem a prosperar e voltemos a crescer outra vez. O próprio Estado também está na situação de solvabilidade, precisamente pela despesa que falámos e mais outras que ainda não falámos que são despesas de saúde. Tivemos de comprar toneladas de produtos de saúde e de, finalmente, começar a investir a sério neste setor. Tudo isso mete também o próprio Estado numa situação de solvabilidade porque os Estados não têm solvabilidade, mas numa situação do tal perigo de austeridade que se fala e é preciso resolver outra vez um problema de finanças públicas que já estava grave.

## Os últimos dados da DGO já apontam para um aumento grande da despesa face às receitas...

Claro, as pessoas não pagam impostos porque foram adiados e ainda bem que foram. E mesmo que amanhã disséssemos vamos lá pagar os impostos, não há nada para pagar porque não recebemos nada. Tudo isso cria uma situação muito difícil para o Estado mas tem de ser assim. Neste caso, ao contrário do que infelizmente acontece tradicionalmente na economia portuguesa, o Estado tem toda a justificação para ter um défice e merece ter o défice que tem e é bom que o tenha. Antigamente tínhamos défice, por causa de interesses instalados, criando sucessivas crises, apuros financeiros e orçamentais. Desta vez não, é uma situação que é para isso que se criaram os défi-



**Estarmos a falar de aumentos salariais para 2021 é obsceno. É preciso ter vergonha**

**Uma das coisas que mais me choca é que não há praticamente medidas para os pobres e para as organizações que os apoiam**

**A Eucaristia foi o único bem de primeira necessidade que as autoridades não conseguiram assegurar à população**



ces. A razão para os défices é esta: quando há uma emergência desta dimensão, em que o país precisa que o Estado gaste e gaste com força para salvar o país, porque se não o fizer estrangula o país, e depois o próprio Estado não tem nada. Se essas empresas por estarem estranguladas com dívida morrerem todas, primeiro que a economia retome e que o Estado possa voltar a ter receitas demora muito tempo. Isso é até do ponto de vista estrito das contas nacionais e do Orçamento do Estado é a melhor maneira de o fazer.

## Vai ser inevitável avançar com um Orçamento do Estado retificativo?

Sim, o Orçamento foi apresentado ainda este ano e já não tem qualquer hipótese, mas não faz mal. O Orçamento Retificativo era uma coisa que mostrava que as pessoas não sabiam fazer contas, isso era a tradição, mas desta vez,



o Orçamento é retificativo por uma coisa que ninguém no planeta previa que podia alguma vez acontecer. Passou a ser perfeitamente justificado. Aquilo que está naquele papel tornou-se completamente obsoleto, como é óbvio.

## Mas é imperativo avançar já?

Não é boa ideia fazer já porque ainda é cedo, não se sabe bem o que vai acontecer. Para outubro ou novembro, se as coisas entretanto normalizarem, nessa altura, podemos ter uma segunda vaga, talvez se possam fazer algumas contas. Mas pode-se perfeitamente gastar o dinheiro sem um Orçamento retificativo.

## Voltando ao *layoff*. O ministro da Economia já admitiu mantê-lo durante a retoma da economia. Concorda?

Acho que é uma boa ideia, claro que a partir do momento em que

a retoma da economia se verificar, as pessoas deixam de estar no *layoff*. A não ser que haja situações de fraude. O único problema que vejo nessa proposta é que pode haver pessoas que não estejam a trabalhar e aproveitem-se para ganhar uns trocos por fora e as empresas também. Quando a economia estiver a laborar em pleno, aí não vale a pena haver *layoff*. O objetivo do *layoff* é não matar empresas, é continuar a dar às pessoas um apoio de receita, sem que as empresas morram. E as pessoas nem sequer são despedidas, estão em casa. Conseguimos apoiar as pessoas e as empresas.

## Mas vai pesar nas contas da Segurança Social...

É para isso que serve a Segurança Social. Até que enfim que está a funcionar e Deus queira que funcione. O meu problema é se co-



meçamos a ter muitas burocracias dentro da Segurança Social que, não é propriamente um fenómeno de agilidade, não cumpra depois a sua missão. Neste momento, não é altura de fazer poupanças, nem estar a fazer cálculos. É altura para ajudar as pessoas a aguentar porque é para isso que serve a Segurança Social. E se é para errar, é preferível errar por mais do que por menos.

**Ficou surpreendido que tantos tenham criticado a intervenção do Estado e agora mudem de discurso?**

Há aqui um problema. O Estado tem de intervir, deve intervir; é a sua função, não pode haver alternativa. Agora, a intervenção tem de ser muito concreta para tratar um problema muito específico. E há tentações, então ainda por cima num país com um partido que se diz socialista, começar a aproveitar-se desta circunstância

e criar outras intervenções que já não tem nada a ver com a doença concreta e aí a agenda varia de ministério para ministério, de grupo interessado para grupo interessado. É preciso ter consciência que esta exigência de intervenção do Estado – que é perfeitamente líquida, razoável e ninguém pode criticar – não pode ser pretexto para aproveitamentos.

**E o Governo vai ter a pressão dos partidos que o apoiam?**

Vamos ver porque as agendas são muito diferentes de uns para os outros. O que cada um deles quer? Não sei. O Governo tem uma agenda política e os partidos têm várias. Temos uma vantagem que é termos um grande negociador à frente do Governo que já provou várias vezes que é um brilhante tático e sabe muito bem fazer este tipo de jogadas. Tenho muito interesse em saber como vai sair desta.

**António Costa?**

Sim, tem sido um jogador de xadrez notável, vamos ver como é que desta vez vai jogar. Falo de António Costa porque é ele que dá a cara. Estou com muito interesse em saber como vai tirar o coelho da cartola, mas depende muito dos interesses pontuais. Também não há eleições próximas, as primeiras são as presidenciais e não são propriamente muito partidárias. O Governo teve sorte com o calendário.

**Há quem diga que se não se morre da doença morre-se da cura e daí os apelos, cartas e manifestos a apelarem à retoma da economia?**

Quando se diz que não se morre da doença morre-se da cura, o que se está a dizer é exatamente a circunstância. O que estraga a economia não é a doença que, ainda por cima, só mata as pessoas da terceira idade, não tem impacto económico praticamente nenhum. Não é esse o ponto, o que estraga a economia é as pessoas não quererem morrer. E para evitarmos a doença e as mortes vamos estragar a economia porque o que estragou a economia foi o confinamento social. Mas o confinamento social por que é que existe? Porque as pessoas são doídas e têm medo de morrer, com toda a razão. É um equilíbrio que é muito difícil de encontrar até porque no dia em que abrirmos as portas o vírus está lá fora à espera. Claro que as pessoas que estão preocupadas com a economia dizem vamos abrir e é possível abrir amanhã e volta tudo a funcionar normalmente. Qual é o custo disto? Mais mortes. As pessoas que estão preocupadas com as mortes dizem não abre nada. Isto é uma situação clássica económica de *trade-off*, ou seja, queremos duas coisas, mas são contrárias uma à outra.

**Mas em setores como a restauração ou hotelaria é de prever que não se assista logo a uma corrida...**

Vamos ver, é a tal parte que ninguém sabe muito bem. Estou muito interessado em saber se as pessoas de repente começam a ir ao restaurante ou não, porque ainda ninguém sabe muito bem o que vai acontecer, porque o pânico que existiu não se verificou depois no concreto. Em Itália e em Espanha, as pessoas sofreram na carne e conhecem muitas pessoas, pelo nome, que morreram. Em Portugal, tirando algumas pessoas já muito velhas e fracas, ainda não tivemos isso. Não quer dizer que não venhamos a ter. Estou a dizer que não ti-

vemos em Portugal porque o confinamento foi mais cedo em Portugal do que nos outros países, e por isso, correu tão bem até agora.

**E como vê as pressões sobre os aumentos para 2021? O Governo não se compromete...**

Acho que não é altura para falar nisso. É uma tolice. Claro que está tudo a colocar-se, isso já são jogadas, mas que não mostram grande elevação de valores, mas é compreensível. Está tudo a tentar colocar-se para as suas batalhas próximas. No meio desta confusão, estarmos a falar disso não me parece nada razoável. Mas isso só mostra o poder que esses grupos têm. Esse é o drama que nos deu cabo do Orçamento durante décadas e que é estrutural na economia, essas entidades têm o poder e a arrogância do poder, o que é extraordinário. O país está com uma epidemia, as pessoas estão a morrer e há uns senhores preocupados com o seu bolsinho no próximo ano. É incrível.

**Mas já foram pagos os aumentos com retroativos de janeiro. Deviam ser congelados?**

Depende muito das circunstâncias, mas não são esses que estão a ser atingidos por esta crise. Nem os pensionistas, nem os funcionários públicos foram atingidos minimamente, continuam exatamente na mesma. Há outras zonas da economia que estão em pânico, estão em catástrofe e estar a dar mais àqueles que estão protegidos e aos outros não, não faz qualquer sentido. Uma das coisas que mais me choca nestas medidas que foram apresentadas é que não há praticamente nenhuma para os pobres e para as organizações que os apoiam. Temos uma coisinha ou outra, mas nada de extraordinário. Os mendigos, os vendedores ambulantes ficaram de repente sem nada, já não tinham nada, não têm nenhuma poupança porque nunca tiveram possibilidade disso. Quem anda na rua todos os dias é que sabe e estou a falar das IPSS, das paróquias, da Santa Casa da Misericórdia, e de todas as entidades que tratam dessas pessoas que deviam ter sido apoiadas pelo Governo e não foram. Isso assusta-me.

**É uma face invisível...**

Exatamente e ninguém fala nisso. Mas depois temos os hotéis, os restaurantes e uma enorme quantidade de entidades que estavam a

trabalhar à volta do turismo e até estavam com alguma prosperidade e agora não têm nada e no meio disto tudo há os funcionários públicos a pedirem mais aumentos para o próximo ano, acho obsceno. É preciso ter vergonha.

**Sendo uma pessoa católica como passou esta Páscoa?**

Passéi a Páscoa com grande dificuldade, mas também é preciso dizer que passei com um grande sentimento de cruz. A paixão e a morte de Jesus este ano foram diferentes. Acompanhei muito de perto o Papa pela televisão e pela internet, mas senti um deserto e uma miséria de fome porque a Eucaristia para um católico é mais importante do que o pão todos os dias. Estávamos em fome. Conseguíamos ter missa todos os dias, podíamos acompanhá-las, mas não podíamos comungar e passar esta Páscoa em fome foi muito difícil. É algo que se vive espiritualmente de forma muito forte. Não vou entrar na polémica se deviam ou não ter sido cortadas as missas mais cedo ou mais tarde, parece-me uma coisa secundária. As autoridades e, neste caso são os bispos, disseram que era assim e tivemos de suportar isso, mas suportámos com fome. Mas esta fome é algo que temos de abraçar como parte da miséria. É o único bem de primeira necessidade que as autoridades não conseguiram assegurar à população. Nos outros bens de primeira necessidade, dos correios à alimentação, tivemos esses bens. A Eucaristia não tivemos.

**Está otimista em relação à abertura das igrejas?**

Vamos ver. Estou à espera da decisão dos bispos, eles é que mandam. Nós somos ovelhas e eles são os pastores. Vamos aguardar e assim que for possível iremos com sofreguidão saciar a nossa fome, mas esta fome é aquilo que se chama de comunhão espiritual, significa não se poder unir fisicamente a Jesus na Eucaristia, mas unirmo-nos espiritualmente a ele. Assumir desta forma e recebê-la como tal.

**E reza para que esta fase passe rapidamente?**

Claro, por todos e todos os dias. Primeiro por aqueles que são atingidos diretamente, pelos doentes, pelos mortos, pelos médicos, familiares, mas também por todos nós.

## Economia

# RECEITAS FISCAIS JÁ CAÍRAM MAS VÃO DESCER AINDA MAIS

CARLOS COSTA/AF

Sónia Peres Pinto  
sonia.pinto@sol.pt

Estado arrecadou menos 54,3 milhões de euros em impostos até março, de acordo com os dados da DGO, mas deverão cair mais. Já a despesa deverá disparar com a pandemia.

Os números não são animadores. A execução orçamental em contabilidade pública das administrações públicas registou no primeiro trimestre um saldo positivo de 81 milhões de euros, o que representa um agravamento de 762 milhões de euros face a igual período do ano passado, já que Portugal entrou em estado de emergência na segunda quinzena de março. Trata-se de uma queda de 90% face a igual período do ano passado e ainda pouco contabiliza o impacto da pandemia provocada pela covid-19. Ainda assim, o ministro de Mário Centeno já usa esta 'crise' como justificação para este resultado. «A execução do primeiro trimestre já evidencia os efeitos da pandemia de covid-19 na economia e nos serviços públicos, na sequência das medidas de política adotadas para mitigar esses efeitos». E os resultados estão à vista: assistiu-se a um menor crescimento da receita (1,3%) face ao da despesa (5,3%).

Estes dados não surpreenderam os analistas contactados pelo SOL. «O impacto da paralisação da economia para conter a pandemia era previsível, dado um crescimento da receita inferior ao da despesa», refere André Pires, da XTB.

Também para Nuno Caetano, da Infinox, «era expectável esta queda, visto que houve um menor crescimento da receita face ao da despesa, assim como o surgimento e o agravamento da pandemia ainda no mês de março».

Só nesse mês assistimos ao desaparecimento do excedente que tinha vindo a ser acumulado entre janeiro e fevereiro, com um saldo positivo de mais de 1,2 mil milhões de euros. Na altura, o Governo chegou a admitir que se tratava do valor mais elevado de sempre. Esta quebra já era expectável, tanto que Mário Centeno já este mês revelou que o aumento da despesa e a diminuição da receita irão obrigar «seguramente» à aprovação de um «Orçamento suplementar». Ainda assim, o governante chamou a atenção para que é preciso ir gerindo as «margens orçamentais» para que, quando for apresentada uma proposta de Orçamento suplementar, esta surgir «sem precipitação». E afirmou: «Se a incerteza é inimiga da economia, a precipitação nas tomadas de decisão também o é, porque é inimiga das boas decisões».

Estes argumentos não convencem os analistas. Ainda assim, André Pires acredita que, nos próximos meses, o impacto será atenuado pelo levantamento de res-

**A covid veio alterar as perspetivas e os pressupostos em que o Orçamento do Estado foi pensado e realizado**

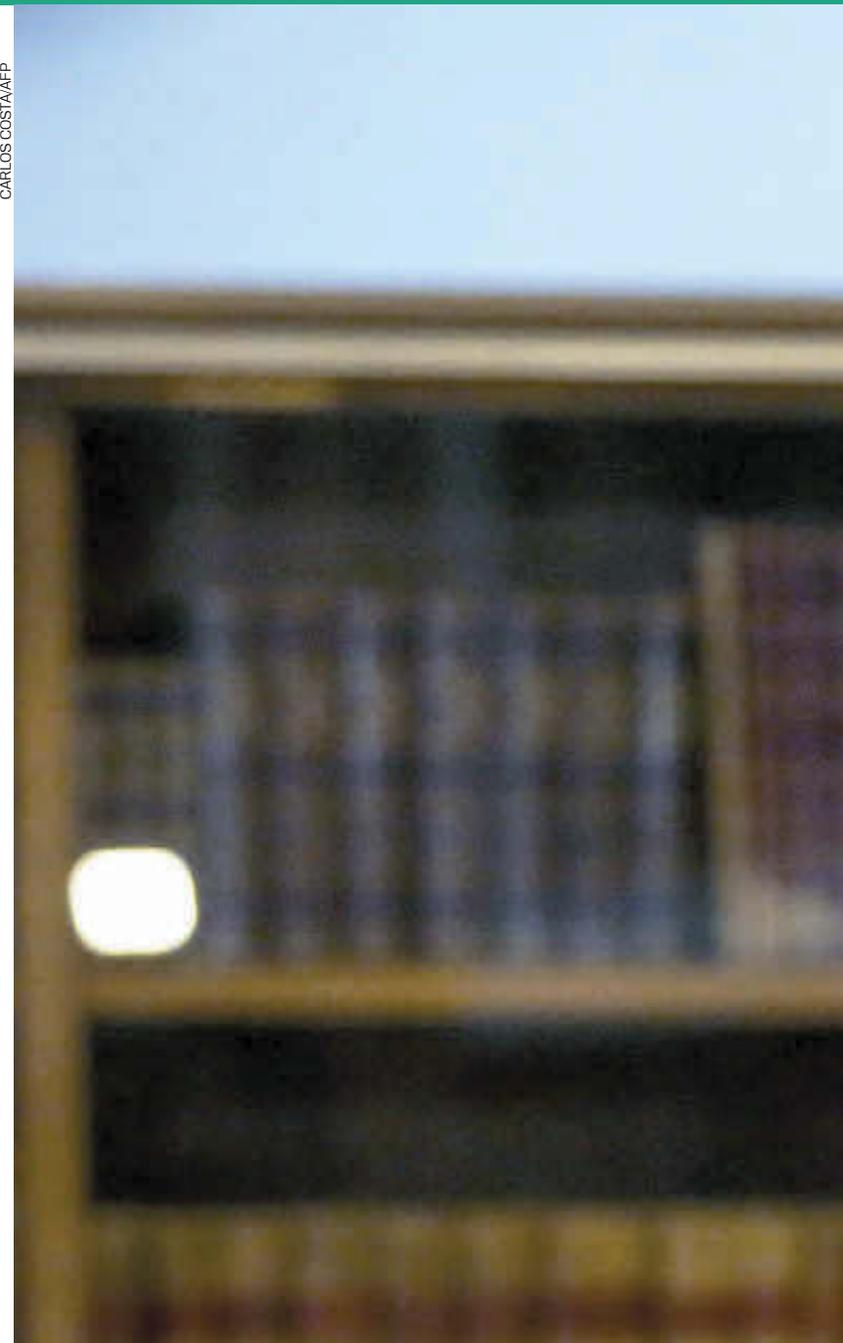
trições. Mas lembra que «o estado de emergência (com as consequentes restrições às atividades económicas e às deslocações) apanhou muitos de surpresa. Entretanto, muitas empresas procuraram adaptar-se, e as próprias administrações públicas também se ajustaram ao novo paradigma». Desta forma, «uma retificação do Orçamento do Estado parece cada vez mais inevitável», afirma ao SOL o analista da XTB.

Também Nuno Caetano admite que a covid-19 veio alterar por completo as perspetivas e os pressupostos com que o Orçamento de Estado foi pensado e realizado. «O paradigma económico vê-se completamente alterado devido à pandemia, e há que retificá-lo. A despesa pública já tem estado a aumentar, assim como a receita fiscal a diminuir, e há que criar alternativas para incentivar a retoma económica, para que as consequências futuras não sejam ainda maiores», refere ao SOL o analista da Infinox.

### Receitas desaceleram

O comportamento da receita, de acordo com os dados divulgados pela Direção-Geral do Orçamento (DGO), reflete um decréscimo da receita fiscal (-0,5%), influenciada pelo crescimento de apenas 0,1% do IVA, «justificado por um aumento dos reembolsos, pela diminuição do IRC em 30,5%, devido ao adiamento do pagamento do imposto do selo até abril de 2020».

O documento diz que a queda relativa ao imposto do selo (-47,5%) representa uma redução de 200 milhões de euros nos cofres



do Estado. No entanto, lembra que este recuo pode ser explicado pela introdução de um novo modelo declarativo do imposto, cuja entrega e pagamento foi permitido realizar até 20 de abril sem quaisquer penalidades.

Com esta alteração, «os montantes relativos aos meses de janeiro e fevereiro de 2020 poderiam ser pagos já no segundo trimestre, contrariamente ao ocorrido no período homólogo, quando foram pagos ainda no primeiro trimestre» diz o documento. Também as receitas do ISV (imposto sobre os veículos) caíram 19,9%. No entanto, estas descidas são atenuadas pelo crescimento do IRS (+3,2%), de outros impostos diretos e do imposto de consumo sobre o tabaco (+23,5%). Feitas as contas, até março, o Estado arrecadou menos 54,3 milhões de euros em impostos face

a igual período do ano passado, num total de 10,4 mil milhões de euros.

### Despesas sobem

Já a despesa primária cresceu 6,2%, influenciada pelo expressivo crescimento da despesa do SNS, em 12,6%, nomeadamente em despesas com pessoal (+7,2%). A despesa com salários dos funcionários públicos cresceu 4%, corrigida de efeitos pontuais. «Destaca-se o reforço das contratações de profissionais afetos ao SNS, o que se traduziu num aumento homólogo de 5,1%, correspondendo a 6596 trabalhadores».

O aumento das despesas com pessoal resulta ainda da conclusão do processo de descongelamento das carreiras – iniciado em 2018 – e dos acréscimos remuneratórios ocorridos em 2019, que



Despesa com salários dos funcionários públicos cresceu 4%

no período homólogo registavam apenas 50% do seu impacto, destacando-se o aumento de 4% da despesa com salários dos professores, refere a DGO.

O ministério de Mário Centeno chama ainda a atenção para o aumento da despesa da Segurança Social (+6,3%), associada à despesa com pensões (4,9%) e prestações sociais (6,3%), tais como o abono de família (11,9%) e a prestação social para a inclusão (38,4%) dirigida a pessoas com deficiência.

#### Investimento público duplicou

Em março, o investimento público aumentou 103% na administração central, «excluindo PPP, refletindo a forte dinâmica de crescimento no âmbito do plano de investimentos Ferrovia 2020 e de outros investimentos estruturantes, e ainda a aquisi-

ção de material médico para o combate à covid-19, destinado aos hospitais», refere o gabinete de Mário Centeno.

Já os pagamentos em atraso reduziram-se em 312 milhões de euros face a março de 2019, «explicados pela diminuição dos pagamentos em atraso no SNS em 354 milhões de euros, cujo stock de março atingiu o valor mais baixo de sempre neste mês», revela o documento.

Para a evolução homóloga contribuíram sobretudo os hospitais EPE, «que registaram uma redução de 354,4 milhões de euros, parcialmente compensada pelo aumento da administração regional em 44,8 milhões de euros», conclui.

#### E agora?

Para os próximos meses, de acordo com os analistas contactados pelo SOL, deveremos assistir a

um agravamento devido ao decréscimo da receita fiscal, «assim como ao agravamento da despesa primária, nomeadamente devido ao crescimento da despesa do Serviço Nacional de Saúde. Também a despesa com a Segurança Social deverá aumentar devido ao acréscimo da despesa com pensões e prestações sociais e com todos os mecanismos de apoio às empresas e aos cidadãos que irão enfrentar mais dificuldades por conta da propagação do surto», refere Nuno Caetano.

Também em termos de receitas, de acordo com o analista, é de esperar este abrandamento devido à paralisação da economia, «em que a fonte de receitas se vê afetada pelo decréscimo da receita fiscal, e a perspetiva é que venha a acentuar-se nos próximos meses».



## MIGUEL DÓS

### BRILHANTE OU FRUSTRANTE?

## Compasso a 3 tempos

Um qualquer indivíduo é definido pelos seus hábitos. A alteração dos mesmos e, conseqüentemente, da mente subconsciente, é uma ferramenta de inigualável relevância para o desenvolvimento de um jovem estudante.

A mente subconsciente, responsável pelo bater do coração (sobre o qual não temos controlo direto), é o regulador último das capacidades inatas e, por isso, dos “hábitos”. Para além do funcionamento do nosso organismo, esta parte da nossa mente é também o árbitro das principais atividades do nosso dia-a-dia. Se lermos o jornal todos os dias de manhã durante tempo suficiente (cerca de 60 dias seguidos, em média), a atividade em questão torna-se natural, intrínseca e, portanto, um hábito impresso no nosso subconsciente. Não o fazer, numa qualquer manhã, será suficiente para se sentir estranho, sem a habitual sensação de bem-estar produzida pela leitura.

Esses mesmos hábitos são um fator de desenvolvimento, caso sejam construtivos, onde pequenos incrementos regulares se acumulam para formar um indivíduo mais forte e saudável, mental e fisicamente, de tempos a tempos. Conseqüentemente, a construção de hábitos é uma ferramenta muito útil.

Estou certo de que o leitor procura, especialmente se for um jovem estudante, desenvolver-se e ganhar terreno aos seus objetivos, razão pela qual assumo que, como Michael Jordan que quer ser da sua área, não vá aos treinos de vez em quando, mas sim diariamente, possivelmente mais do que uma vez. O esforço e força de vontade das primeiras iniciativas são um custo baixo para a sensação de bem-estar e constante evolução que um bom hábito oferece. Não há nada como ultrapassar desafios com a naturalidade com que se lê o jornal ou se bebe água.

Circunstâncias como a imposta pelo covid-19 podem dar origem a bons e maus hábi-

tos. É possível tanto que o leitor tenha desenvolvido a prática habitual de atividade física, como é possível que tenha visto séries e filmes por várias horas, diariamente. Conseqüentemente, julgo ser crucial consciencializarmo-nos das nossas ações mais regulares, analisando se são ou não construtivas nas nossas vidas e caso não o sejam, quais poderiam sê-lo. Um hábito dificilmente é eliminado, mas pode ser substituído por outro melhor.

Há uma melhoria de bem-estar subjacente à prática de hábitos construtivos, coerentes



**O esforço e força de vontade das primeiras iniciativas são um custo baixo para a sensação de bem-estar e constante evolução que um bom hábito oferece**

com os nossos objetivos, através da satisfação de uma das necessidades do ser humano: sentir que está a crescer e desenvolver-se.

Cada dia que escapamos à regularidade, é um dia em que deliberadamente optamos por desenvolver o hábito oposto. Se de facto sabemos o que é melhor para nós, alterar o nosso subconsciente implica a responsabilidade de redimensionar, espero que para melhor, a vida que buscamos e para a qual aprendemos e trabalhamos.

O desenvolvimento do intelecto é um compasso de 3 tempos: aprender conscientemente, desenvolver hábitos e, no final de cada dia, desfrutar do resultado.

## Economia

### Oficina Sol

# FUNDAÇÃO ALTICE: DERRUBAR BARREIRAS

O Programa Incluir, da Fundação Altice, continua a usar a tecnologia para ‘abrir portas’ à comunidade com incapacidade, espalhada pelo país. Na escola, no trabalho e na vida.

A Fundação Altice, beneficiando da experiência e *know-how* da Altice Portugal no contexto de tecnologia e inovação aplicado à responsabilidade social, tem vindo a promover as boas práticas da inclusão digital, em particular no que toca aos contextos escolar, profissional e social, disponibilizando um conjunto de produtos, serviços e soluções para pessoas com incapacidade – contribuindo, assim, para a prossecução da meta 10: Redução das Desigualdades, estabelecida pelas Nações Unidas.

O Programa Incluir, único em Portugal, tem como objetivo melhorar a autonomia das pessoas com incapacidade, tornando a comunicação acessível e possível através de diferentes dispositivos móveis. Reconhecendo a tecnologia como potenciadora da qualidade de vida, em especial dos que têm necessidades específicas de comunicação, a Fundação Altice tem procurado contribuir para o crescimento inteligente, sustentável e inclusivo da sociedade, graças a um movimento baseado em parcerias setoriais e alinhado com a estratégia Europa 2020.

O portefólio da Fundação Altice é completamente diferenciador e ajusta-se às necessidades específicas de cada um, induzindo novos graus de autonomia e autoconfiança e facilitando o relacionamento e a participação.

O Programa Incluir – disponível gratuitamente para quem dele necessita – abrange diversas opções, destacando-se produtos de acessibilidade como ‘Grid3’, desenvolvido para utilizadores com limitações neuromotoras, cognitivas ou da fala; ‘PC Eye mini’, uma câ-

mara que permite aos utilizadores impossibilitados de usar os membros superiores acederem ao computador através do olhar; ‘Magic Eye’, que permite, também através do olhar, controlar o cursor do rato; ‘Magic Keyboard’, para um acesso total ao computador através de teclados dinâmicos e configuráveis; ‘Jaws’, direcionado para cegos, que converte em voz todo o texto apresentado no ecrã; ‘Zoom Text’, que amplia o ecrã e a voz para pessoas com baixa visão; ou ‘Smart Beetle’ e ‘Focus 14’, adaptável para *smartphones*, *tablets* ou computadores, e que permite a navegação, leitura e escrita em *braille*.

Mas também a ‘Teleaula’, por exemplo, tem demonstrado ser uma solução perfeita para alunos que estejam impossibilitados de assistir presencialmente às aulas, por motivos de doença grave ou incapacidade. Desenvolvida pela Altice Labs, a ‘Teleaula’ funciona a partir de um *browser* que permite o controlo da câmara, a partilha de documentos e a gravação de aulas. Os pedidos de instalação são realizados no âmbito do protocolo com a Direção Geral de Educação, através dos CRTIC, e da Direção Regional de Educação da Madeira, através da DAAT.

**A Fundação Altice usa a tecnologia para melhorar a qualidade de vida de muitos cidadãos portugueses**

Já o ‘Atendimento presencial a surdos em Língua Gestual Portuguesa’ disponibiliza atendimento presencial para a comunidade surda numa rede de 20 lojas MEO em todo o país, uma solução inovadora que permite um atendimento personalizado e adaptado e resulta de uma parceria com a Serviin, dando resposta no continente e ilhas. O atendimento presencial para surdos é totalmente gratuito e efetua-se por via do serviço de vídeo-interpretação Serviin, que facilita a comunicação entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte, através de videochamada, telemóvel ou *online*. Na loja MEO um profissional, com preparação para o efeito, intermedeia a relação entre o cliente surdo e o intérprete de língua gestual portuguesa que se encontra do outro lado da linha, uma solução para os mais de 120 mil cidadãos surdos do país.

O ‘Magic Contact’, outro serviço disponível no Programa Incluir, é uma aplicação *android* gratuita que permite aos utilizadores com limitações neuromotoras graves (como paralisia cerebral) ou sem mobilidade dos membros superiores (tetraplégicos ou doentes com esclerose lateral amiotrófica) usarem um *smartphone* ou *tablet*. A aplicação foi desenvolvida pela Fundação Altice, em parceria com investigadores do Instituto Politécnico da Guarda, com o objetivo inicial de tornar possível a utilização de um ecrã tátil, através de formas alternativas, permitindo enviar SMS, navegar na internet, tirar fotografias ou, simplesmente, usar o comando virtual do MEO. E uma vez que às limitações neuromotoras também estão associadas limitações da fala, esta aplicação possui ferramentas que facilitam a comunicação aumentativa: texto para voz e tabelas de comunicação. A *app*

MIGUEL SILVA



‘Magic Contact’ começou a ser desenvolvida em 2014, usando a metodologia *User Centered Design*, envolvendo potenciais utilizadores finais, com diversos níveis de afetação, e seus terapeutas e cuidadores. A Fundação Altice tem assegurado a evolução desta aplicação e, em 2019, foi lançado o ‘Magic Contact Lite’, uma versão mais simples, focada na comunicação aumentativa. Ainda no ano passado, dois alunos do Politécnico da Guarda desenvolveram uma versão *online* das tabelas de comunicação, dando origem à escrita de um artigo científico que foi submetido à conferência AHFE 2020, em San Diego, nos Estados Unidos (uma solução que pode ser conhecida em [www.magiccontact.org](http://www.magiccontact.org)).

#### É possível escrever um livro através do olhar

Filomena Borges, responsável pela Comunicação da Associação Portuguesa de Esclerose Lateral

Amiotrófica (APELA), explica que «a esclerose lateral amiotrófica (ELA) confronta-nos com cenários que implicam a coexistência da acessibilidade física e da acessibilidade comunicacional, um dado que nos leva frequentemente a pensar se ambas caminham ao mesmo nível». Numa doença com estas características, em que a perda da fala natural e a completa ausência de movimentos nos membros superiores reduz ao olhar a única forma possível de comunicar, «é crucial assegurar recursos humanos e técnicos para que a pessoa possa expressar as suas vontades, as suas angústias, os seus medos e receios». «É importante dar à pessoa com ELA a possibilidade de uma intervenção ativa na sociedade», sublinha.

Filomena Borges destaca o «papel absolutamente crucial a este nível, particularmente no momento de promover uma maior consciencialização dos públicos



para a importância das tecnologias de apoio à comunicação, e também no momento de se envolver com o setor social, criando pontes que permitem que pessoas com patologias diversas possam comunicar sempre e em qualquer contexto». Sem a Fundação Altice, continua, «não seria possível alavancar um banco de produtos de apoio à comunicação que neste momento ajuda pessoas com ELA distribuídas de Norte a Sul do país», permitindo, inclusive, em 2020, mostrar que «é possível escrever um livro através do olhar e que é possível ter uma voz mesmo sem poder falar».

Álvaro Silva, estudante da Universidade do Algarve, sofre de uma doença neuromotora e utiliza tecnologias do Programa Incluir, como o 'Grid3' e o 'PC Eye mini'. Com 29 anos, desloca-se em cadeira de rodas, com ventilação assistida de dia e de noite. «Após a finalização do ensino secundário vi-me 'aprisionado' sem poder continuar a estudar. A doação que foi feita pela Fundação Altice à Universidade do Algarve facultou-me a utilização do computador portátil, do 'Grid3' e do 'PC Eye mini', que se constituíram equipamentos de apoio inestimáveis para a igualdade de oportunidades, autonomia e a minha capacidade de autodeterminação», destaca. «Estes equipamentos vieram, sem dúvida, possibilitar uma maior autonomia nas aulas, permitem-me ainda controlar o computador sem ter de depender de alguém para escrever ou clicar, tirar apontamentos e realizar as tarefas que sem estes equipamentos de apoio não seriam possíveis. Em termos profissionais no futuro, estes equipamentos continuarão a ser muito úteis para realizar qualquer tarefa ao computador, dando-me uma maior independência e permi-

tindo-me mais facilmente realizar os meus sonhos», conclui. Luís Azevedo, diretor da Anditec, empresa especializada em tecnologias de apoio, bate-se há vários anos pela acessibilidade digital em Portugal de pessoas com paralisia cerebral ou doenças neurológicas progressivas, como a ELA. «Tais limitações podem ser largamente ultrapassadas com recurso às chamadas tecnologias de apoio», garante, o que justifica uma longa parceria de 15 anos com a Fundação Altice e o Programa Incluir, que, na sua opinião, «têm permitido que sejam disponibilizadas através das lojas MEO tecnologias de apoio de enorme potencial para portadores de disfunções neuromotoras graves», como os produtos de apoio 'Grid3' e 'PC Eye mini'. «Ambos os produtos, ao serem fortemente subsidiados pela Fundação Altice, têm permitido que muitos clientes com necessidades especiais a

deles tenham acesso e deixem de estar infoexcluídos e se envolvam ativamente numa sociedade cada vez mais fortemente digital, em que é verdadeiramente crucial também garantir acessibilidade plena a cidadãos com deficiência, que constituem alguns dos grupos de maior vulnerabilidade da nossa sociedade», afirma. Luís Azevedo destaca ainda que a Fundação Altice tem tido «um papel da maior relevância no apoio especializado a clientes com necessidades especiais em Portugal, papel esse que é também verdadeiramente inovador a nível internacional, constituindo um exemplo que empresas de telecomunicações de outros países deveriam seguir».

apoio da Fundação Altice permitiu atender com maior celeridade e eficiência um maior número de alunos». Exemplo disso é o projeto 'Todos Podem Ler', criado em 2010, que tem como finalidade o acesso universal à leitura por toda a comunidade educativa, e conta com o apoio da Fundação Altice há quatro anos. O projeto permitiu disponibilizar tecnologias de apoio à leitura e à escrita em 20 bibliotecas escolares, com *tablets*, computadores, periféricos alternativos e *software* facilitador da inclusão e acessibilidade. Jaime Ribeiro, professor de terapia ocupacional da Escola Superior de Saúde do Politécnico de Leiria, é coordenador do projeto de investigação de Tecnologias para a Educação Inclusiva, que estuda estratégias para a implementação das tecnologias do Programa Incluir, junto de crianças com necessidade especiais. A parceira com a Fundação Altice iniciou-se em 2018, tratando-se de um projeto «que preenche todos os envolvidos e em que claramente existe uma relação simbiótica em que todos ganham: os participantes e beneficiários recebem equipamento para concretizar o seu potencial académico que é implementado e treinado por 'profissionais' especializados, os estudantes desenvolvem competências de atuação e investigação na área de tecnologias de apoio e a Fundação Altice vê cumprida a sua missão de apoiar a inclusão e promover a educação de estudantes do ensino básico ao secundário», afirma o responsável. Jaime Ribeiro refere que «o projeto envolve a implementação de tecnologias de apoio junto de crianças com deficiência em idade escolar que, por algum motivo, ainda não haviam tido acesso a estes equipamentos, e tem ainda uma componente de investigação para identificação e descrição de boas práticas para disseminação junto da comunidade em geral». Neste âmbito, foram apoiadas três crianças, permitindo «remover barreiras e abrir portas». «A parceria continua e antevê-se mais crianças beneficiadas em 2020. Sem o envolvimento da Fundação Altice não seria possível a alocação célere destes equipamentos e aproveitar a sua utilização desde logo», conclui.

#### 90% prosseguem a escolaridade normalmente

Já Graça Faria, da direção de Acessibilidade e Ajudas Técnicas da Direção Regional de Educação da Madeira, sublinha o apoio da Fundação Altice, desde 2013, ao projeto 'Teleaula - Aprender Sem Barreiras', que decorre naquele arquipélago. Um projeto que «permitiu que, em cada ano letivo, uma média de 10 alunos, impossibilitados de assistir a aulas em regime presencial, por motivos de saúde física, psicológica ou ao abrigo do estatuto de alto rendimento desportivo, pudessem continuar o seu percurso escolar». «Este apoio é feito através da disponibilização de linhas de acesso à internet, equipamentos informáticos e câmaras de alta definição, assim como, mais recentemente, através da plataforma de 'teleaula'», diz a responsável. «Após frequentar a teleaula, mais de 90% dos alunos prosseguem a sua escolaridade normalmente, e com sucesso, inclusive na transição para o ensino superior. No presente ano letivo, estiveram em regime de 'teleaula' 12 alunos, provenientes de diferentes estabelecimentos de ensino, e que, atualmente se encontram em regime de ensino à distância», refere Graça Faria.

O projeto 'Teleaula' é coordenado, a nível regional, pela equipa da Divisão de Acessibilidade e Ajudas Técnicas, que colabora igualmente no desenvolvimento da plataforma, está implementado na Madeira desde 2004. Graça Faria afirma, porém, que «o

## Economia

# Autoeuropa retoma produção

Sónia Peres Pinto

sonia.pinto@sol.pt

Até 11 de maio, vai trabalhar apenas com dois turnos. A redução está a ter impacto no Parque Industrial: vai despedir cerca de 100 trabalhadores.

A produção da Autoeuropa foi retomada esta semana, mas ainda está a meio gás e ainda a funcionar apenas com dois turnos (manhã e tarde). Só a partir de 11 de maio é que irá funcionar com três turnos diários de oito horas, cinco dias por semana, num total de 15 turnos por semana.

Este regresso surge depois de ter suspenso a sua atividade a 16 de março e, com esta medida, a fábrica da VW deixou de produzir 1.7250 automóveis, o que irá alterar as previsões iniciais para o conjunto do ano que apontavam para mais de 250 mil unidades.

No entanto, estas alterações já estão a ter impacto no Parque Industrial da Autoeuropa ao dispensar cerca de 100 trabalhadores que tinham contratos precários. O alerta foi pela Comissão de Trabalhadores do parque e lembra que, a este número, há que juntar mais de 600 despedimentos que já foram feitos. «A Autoeuropa a produzir de forma gradual, a Jaguar Land Rover com uma paragem até dia 18 de maio e com previsão de um retomar da produção com volumes muito baixos, são preocupações em relação ao nosso futuro e dos postos de trabalho», refere.



Meta de produção de 250 mil unidades está comprometida

MIGUEL SILVA



#### Diretor

Mário Ramires

#### Diretor Executivo

Vitor Rainho

#### Diretor Executivo Adjunto

José Cabrita Saraiva

#### Subdiretora Executiva

Marta F. Reis

#### Diretor de Arte

Francisco Alves

#### Diretor de Gestão de Conteúdos

Tiago Lopes

Conselheiro Editorial José António Saraiva

#### Redatores Principais

Afonso de Melo e Felícia Cabrita

**Editores Executivos** Carlos Diogo Santos e Sónia Peres Pinto **Editores** Mariana Madrinha e Luís Claro

**Política** Cristina Rita e Teresa Banha (Estagiária)

**Sociedade** Pedro Almeida e Rita Pereira Carvalho

**Economia** Daniela Soares Ferreira e João Amaral Santos

**Internacional** Filipe Teles (Estagiário), João Campos Rodrigues (Estagiário)

**Cultura** Cláudia Sobral, Diogo Vaz Pinto e Hugo Geada (Estagiário)

**Desporto** Laura Ramires

**Imagem** Miguel Silva (Fotógrafo), Bruno Gonçalves (Fotógrafo) e Mafalda Gomes (Fotógrafa), Óscar Rocha (Infográfico), Ana Gonçalves (Gráfica), Miguel Peixe Dias (Gráfico), João Sousa (Gráfico), Júlio Rodrigues (Pós-Produção de imagem) e Fátima Albuquerque (Pós-Produção de imagem)

**Gestão de Conteúdos** Carmen Guilherme, Cristiana Reis (Estagiária) e Joana Andrade

**Assistente Direção e Redação** Margarida Alexandre

**Colunistas** António Prôa, Carlos Chaves, Carlos Encarnação, Dinis de Abreu, Edgar Clara, Filipa Chasqueira, Filipa Melo, Filipa Roseta, Filipe Pinhal, Francisca de Magalhães Barros, Gonçalo Venâncio, Hugo Ribeiro, Luís Paulino Pereira, Manuel dos Santos, Miguel Dós, Miguel Judas, Ricardo Seabra e Rui Teixeira Santos

**Administração** Mário Ramires

**Direção Geral** Mário Vaz Ramires

**Fiscal Único** José Maria Ribeiro da Cunha

**Departamento Financeiro** Susana Pires (TOC)

**Departamento Comercial e Marketing** António João Ramires - Dir. Comercial (antonio.ramires@newsplex.pt) Tel: 917167170, Ana Vaz Ramires - Dir. Marketing (ana.ramires@newsplex.pt) Tel: 917160324

**Produção e Distribuição** Mário Silva (Diretor)

**Departamento de Informática** Hugo Marques (Diretor), Bruno Ferreira e Miguel Branco

**Departamento Jurídico e de Recursos Humanos** Gonçalo Guérin (Diretor), Ana Rodrigues (Assistente RH), Miguel Ricardo e Pedro Ferreira (Apoio Logístico) Egualdina Pereira (Serviço Limpeza)

**Proprietário/Editor** Newsplex, S.A.

Rua do Açúcar, n.º 86, 1950-010 Lisboa

**NIPC** 513766073. Matriculada na CRC de Lisboa sob o n.º 513766073, **Capital Social** 50.000 euros, Detentores de mais de 10% do capital: Mário Ramires

**Registo ERC** 223939

**Telefone Redação** 211 976 146

**Email geral** @newsplex.pt

**Edição Online** www.sol.pt

**Emails** opiniao@sol.pt; cartasaodirector@sol.pt

O estatuto editorial do SOL encontra-se disponível em: <https://sol.sapo.pt/estatico/estatutoeditorial>

**Impressão** Sogapal **Distribuição** VASP

Depósito legal 247835/06

Registo ERC 125004

**Tiragem média no mês de abril** 25.000 exemplares

## TURISMO

### Portugal é um dos países mais afetados

Portugal é dos países europeus onde o turismo internacional mais cai este ano devido à pandemia. A quebra ronda os 40% no número de visitantes, apenas superada por Espanha e Itália, de acordo com estudo da Oxford Economics. Segundo o mesmo documento, Portugal deverá registar menos sete milhões de entradas internacionais este ano em comparação com 2019 – uma questão que ganha maiores contornos já que somos um dos países onde o produto interno bruto (PIB) mais depende do turismo, num total de 16,5%. Já Itália deverá contar com menos 31 milhões de visitantes (queda de 49%) e Espanha deverá ter menos 34 milhões (recuo de 42%).

## AVIAÇÃO

### Governo admite intervenção na TAP

O ministro das Infraestruturas e da Habitação, Pedro Nuno Santos, afirmou no Parlamento que «a TAP não tem condições de sobreviver sem intervenção pública», mas deixou o alerta que qualquer ajuda do Estado implicará naturalmente um acompanhamento em «todas as decisões que serão tomadas» nos próximos tempos na companhia aérea. «A nossa missão será salvar a TAP e não nenhum acionista em particular», alertou Pedro Nuno Santos. Sem adiantar, para já, os moldes da intervenção, o ministro admitiu que estão ser estudadas «diferentes alternativas».



## PETROLÍFERA

### Lucros da Galp caem 72%

Os lucros da Galp caíram 72% no primeiro trimestre, para 29 milhões, uma queda justificada com as alterações no mercado provocadas pela pandemia de covid-19. A «adversidade das condições de mercado levaram ao registo de um prejuízo de 257 milhões segundo as normas contabilísticas internacionais, em resultado do reconhecimento da desvalorização do inventário em 278 milhões devido à queda das cotações dos produtos», revelou a empresa. Face a esta queda, a Galp revelou que está a levar a cabo «iniciativas que permitam a redução de mais de 500 milhões por ano em 2020 e em 2021 no investimento e despesas operacionais».

# Marketing



**Bruno Ribeiro**

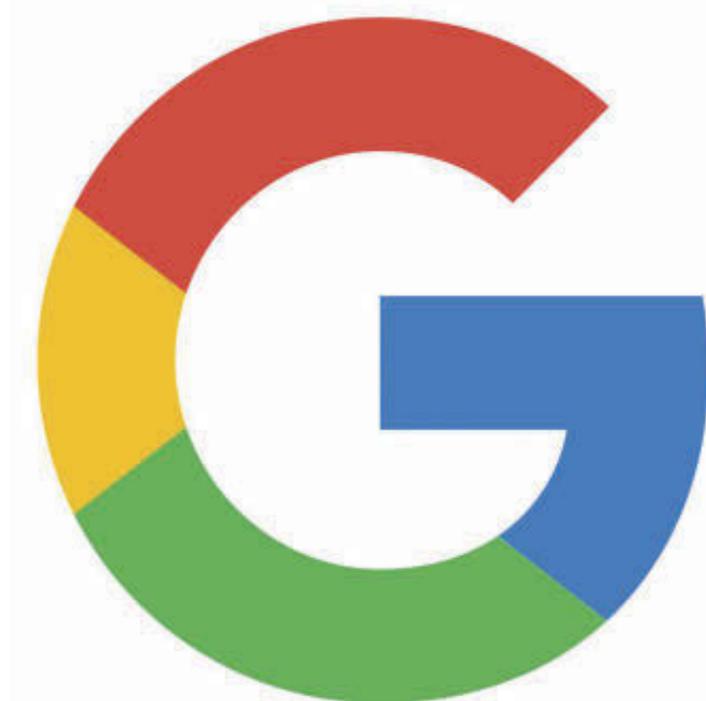
## LONGE DA VISTA, LONGE DO CORAÇÃO

Há poucas certezas sobre como será a evolução da pandemia nos próximos tempos. Podemos estar a meses ou até anos de conseguirmos uma vacina ou qualquer forma eficaz de debelar o vírus. Mas é praticamente certo que podemos contar com uma crise económica de duração e dimensão ainda imprevisíveis.

Não vão ser tempos fáceis para ninguém e o *marketing* não será exceção. É até provável que seja um dos setores mais afetados. Perante a exigência de uma maior racionalidade nas despesas, a fatura do *marketing* e da comunicação, frequentemente uma das mais elevadas, é questionada. É tentador, e relativamente fácil, reduzir ou eliminar este investimento, algo que já se tem vindo a verificar. As quebras nos resultados da atividade dos principais grupos de comunicação no primeiro trimestre não deixam dúvidas. E nem o Google e o Facebook estão imunes à desaceleração dos investimentos.

É difícil manter uma visão de longo prazo quando não há dinheiro para pagar salários ou serviços de parceiros. Mas apesar de difícil, é fundamental. Na sequência de uma pandemia e num cenário de crise económica, certamente surgirão novos perfis de consumidores. Compete a toda a cadeia de serviços de *marketing* conhecê-los, para que os possam conquistar. E assim cumprir a principal missão do *marketing*: vender.

Desistir da atividade de *marketing* neste contexto é, no mínimo, uma decisão arriscada. O período de confinamento, pelo menos de distância social, muda a forma como nos relacionamos com o consumo. Além do crescimento do *e-commerce*, cuja importância a pandemia só veio acelerar, deixámos de ir ao supermer-



**As quebras nos resultados dos principais grupos de comunicação não deixam dúvidas. E nem o Google e o Facebook estão imunes...**

cado com disponibilidade para comparar tantos produtos, menos ainda para passar em duas ou três lojas para garantir o melhor negócio. No regresso a um cenário de liberdade de circulação, para muitas pessoas é um recomeço em que terão de fazer novas escolhas de produtos e serviços. Desaparecer nesta fase pode significar desaparecer de todo, mas também haverá muito mercado para conquistar!

Outro ponto importante é o papel do *marketing* no que respeita à capacidade de inovação das empresas. É comum esperar-se que seja o *marketing* a trazer ideias e a encontrar soluções inovadoras que aumentam a competitividade. Bem ou mal, são vistos

como os criativos. Abdicar do *marketing* é comprometer a capacidade de inovar e diferenciar uma marca e os seus produtos. Uma estratégia que só fará sentido para quem acreditar que tudo vai continuar na mesma.

Vai ser necessário fazer mais, pelo menos causar um impacto semelhante dispondo de menos recursos humanos e financeiros. O que talvez seja possível mesmo sem pôr tudo em causa: trabalhadores, processos e ferramentas. Mas terá de se fazer melhor. Determinar que uma campanha deve ter uma abordagem 360° só porque há dinheiro para fazer todos os meios, sem considerar os níveis de afinidade com cada público, apostar no digital porque tem mais métricas e é barato (o

que não é necessariamente verdade, tem é um custo de entrada mais baixo) ou resolver problemas de produto com um rótulo novo, são exemplos de axiomas de outros tempos.

Os próximos tempos privilegiarão a eficiência e a eficácia, será necessária mais competência e coragem. O que não significa escolher as opções mais baratas, usar o preço como único critério ou focar todo o esforço de comunicação em meios de performance. As marcas continuam a precisar de construir o seu património emocional e desenvolver relações além das transações. Temos passado muito tempo sem ver várias marcas. Longe da vista, longe do coração.

TEMPO	Norte	Centro	Sul	Açores	Madeira
Hoje	17° Máxima 16° Minima	22° Máxima 16° Minima	25° Máxima 13° Minima	20° Máxima 15° Minima	22° Máxima 17° Minima
Amanhã	19° Máxima 15° Minima	24° Máxima 15° Minima	27° Máxima 15° Minima	17° Máxima 13° Minima	23° Máxima 17° Minima



SOL

## Layoff

# Governo aprova pedidos à pressa

A Segurança Social aprovou, ontem, «um número imenso» de pedidos de *layoff* de empresas que, na semana passada, tinham sido notificadas para substituírem os seus formulários, devido a alegados erros no preenchimento. «A informação que temos, hoje [ontem], é que a Segurança Social está a ‘despachar’ milhares de processos, sem que as empresas tenham feito a substituição que lhes foi exigida», confirmou ao SOL Paula Franco, bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC).

Depois da polémica em torno do número do IBAN – que a Segurança Social alegava que as empresas não estavam a colocar nos formulários, mas veio a verificar-se que já constavam na plataforma Segurança Social Direta –, ao longo da última semana, milhares de empresas foram notificadas para efetuarem correções nos documentos entregues para acederem ao *layoff* simplificado, anunciado pelo Governo.

A Segurança Social, porém, não esclareceu de que erro se tratava nem respondeu às várias solicitações feitas por empresas e contabilistas. Ainda assim, a situação para milhares de empresas parece, agora, ter sido desbloqueada. «Não consigo perceber como é que esta situação está resolvida», confessa Paula Franco, admitindo que o mediatismo em torno desta questão possa ter «contribuí-



Paula Franco

do» para a resolução do problema. A bastonária da OCC sublinha, porém, que «os formulários estavam, de facto, corretamente preenchidos» e que esta situação só veio «confirmar, uma vez mais, que há um desnorte nos serviços da Segurança Social que, de quando em vez, ‘disparam’ com notificações escusadas, causando um caos que, para mais nesta fase, provocou uma enorme tensão».

Paula Franco lamenta que, ao longo do último mês, os episódios de dúvidas em torno do *layoff* simplificado tenham sido uma constante, provocando grandes ‘dores de cabeça’. «A falta de informações e de esclarecimentos por parte da Segurança Social causou um sentimento de insegurança, tanto para os contabilistas como para os empresários. Este processo poderia e deveria ter tido uma gestão completamente diferente», afirma, acrescentando que as dúvidas no preenchimento dos formulários – agravadas pela suspensão de milhares de processos, devido aos eventuais erros identificados pela Segurança Social – fizeram «com que a OCC recebesse, em média, cerca de mil pedidos de esclarecimentos por dia». «Admito que tenha sido a melhor opção no momento mas, atualmente, já não se justifica um processo em PDF, tendo em conta os sistemas informáticos que existem», sublinha.

Recorde-se que o Governo tinha adiantado que pagaria o apoio estatal até 28 de abril, mas o prazo acabou por resvalar; depois de, segundo anunciou o ministro da Economia, Pedro Siza Vieira, mais de 95 mil empresas terem requerido o *layoff* simplificado. O Governo garante agora que tudo será processado até 5 de maio.



JOÃO GOMES CRAVINHO

A situação que vivemos tem sido comparada a uma guerra e se há setor que deve ter uma palavra a dizer são as Forças Armadas. Já estão a dar o seu contributo ou na calha para isso: na desinfeção das escolas, na vigilância das praias, no combate aos fogos. O ministro da Defesa pode aproveitar para aumentar o seu peso no Governo.



JERÓNIMO DE SOUSA

Fez durante a semana uma intervenção que de pouco ou nada adiantou. Limitando-se a repetir os ‘mantras’ habituais, falou numa «política de valorização de quem trabalha», de proteção dos salários, de direitos dos trabalhadores... Se não houvesse pandemia, teria dito exatamente a mesma coisa. Propostas concretas para a retoma, nem vê-las.



RUI RIO

O líder do PSD, bem o sabemos, não tem propriamente jeito para fazer piadas – não é esse o seu estilo. Como tal, foi sem surpresa que acabou por ter uma prestação infeliz no programa do humorista Ricardo Araújo Pereira. Tentando ter graça, Rio referiu-se à oposição interna como «vírus» que «estão sempre em mutação». Devia pedir desculpa pelo dislate.



MARTA TEMIDO

No *podcast* do PS, a ministra da Saúde disse lamentar não ter proposto mais cedo o uso de máscaras protetoras. Mas, em vez de assumir que não havia máscaras para todos, desculpou-se dizendo que «conseguir antecipar o fim e tomar uma conduta compatível com esse fim é só para os mágicos». Será que acha mesmo que os milhares que defenderam publicamente essa solução são todos «mágicos»? Ou pensa apenas que somos todos parvos? **J. C. S.**

## PCP não abre mão da Festa do Avante!

O PCP já está a preparar a Festa do Avante! e, apesar do evento juntar milhares de pessoas, já confirmou o seu gendamento para os dias 4, 5 e 6 de setembro. Questionado pelo SOL, o PCP confirma a realização da festa na Quinta da Atalaia na data prevista e garante que «terá em conta procedimentos e recomendações das entidades de saúde». Os comunistas já ti-

nam esclarecido, no jornal *Avante!*, que a festa é mesmo para realizar: «Perante os tempos complexos e incertos em que vivemos, há quem se interrogue como será este ano a Festa do Avante!? É a 4, 5 e 6 de Setembro, na Quinta da Atalaia, e já está a ser preparada». Mas a pandemia levou a alterações na programação musical. A próxima edição terá ape-

nas «artistas portuguesas, radicadas em Portugal ou de língua portuguesa, de modo a apoiá-los neste momento difícil». O PCP também já começou a preparar o próximo congresso, marcado para 27 a 29 de novembro. «Está a ser preparado pelo colectivo partidário e nem a actual situação que o país atravessa o deverá impedir», lê-se no *Avante!*.

### A Fechar

#### BCE prevê recuo do PIB da zona euro de 5 a 12% em 2020

O Banco Central Europeu (BCE) prevê que a economia da zona euro possa recuar entre 5% e 12% este ano, reflexo da «grande incerteza» quanto ao impacto económico da pandemia de covid-19. No primeiro trimestre, o PIB da zona euro registou um recuo de 3,8%.

#### Ventura critica ‘ideologia coletivista’ do Parlamento

André Ventura lamenta que a AR não queira discutir a castração química de pedófilos, mas esteja disponível para debater a nacionalização da TAP. «Ninguém quer saber da Constituição: o que está em causa é se as propostas estão ou não de acordo com a ideologia coletivista».

#### Hacker suspeito de ataque à Altice em prisão preventiva

O jovem português de 19 anos que terá realizado ataques informáticos a várias empresas, como a Altice Portugal, e a sites do Estado ficou em prisão preventiva. O suspeito, responsável pelo grupo de *hackers* ‘CyberTeam’, terá ainda pirateado o site do Benfica.